**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL**

TAÍSA JUNQUEIRA PRAZERES

Na costura do sapato, o desmanche das operárias: um estudo das condições de trabalho e saúde das pespontadeiras da Indústria de Calçados de Franca (SP)

**RIBEIRÃO PRETO
2010**

TAÍSA JUNQUEIRA PRAZERES

Na costura do sapato, o desmanche das operárias: um estudo das condições de trabalho e saúde das pespontadeiras da Indústria de Calçados de Franca (SP)

Dissertação apresentada ao Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP/USP) para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Saúde na Comunidade.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia Navarro.

RIBEIRÃO PRETO
2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Foto da Capa: por Taísa Junqueira Prazeres

FICHA CATALOGRÁFICA

Prazeres, Taísa Junqueira

Na costura do sapato, o desmanche das operárias: um estudo das condições de trabalho e saúde das pespontadeiras da indústria de calçados de Franca (SP).

196p. : il ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Saúde na Comunidade.

Orientadora: Navarro, Vera Lúcia

1. Trabalho e Saúde. 2. Saúde do Trabalhador. 3. Indústria de Calçados de Franca. 4. Trabalho Feminino. 5. Reestruturação Produtiva.

TAÍSA JUNQUEIRA PRAZERES

NA COSTURA DO SAPATO, O DESMANCHE DAS OPERÁRIAS: UM ESTUDO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E SAÚDE DAS PESPONTADEIRAS DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA (SP)

Dissertação apresentada ao Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP/USP) para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Saúde na Comunidade.

Aprovada em: ____/____/____.

Banca examinadora

Profa. Dra. Vera Lúcia Navarro Assinatura: _____

Instituição: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Profa. _____ Assinatura: _____

Instituição: _____

Profa. _____ Assinatura: _____

Instituição: _____

Aos meus pais.

Ao meu amor, Ricardo.

Aos meus irmãos.

Aos meus avós.

A todos aqueles que acreditam que vale a pena lutar por um mundo melhor.

E especialmente à querida e amada Tia Ana Maria Junqueira por compreender de forma especial a importância dessa etapa vencida. Tia, obrigada por guiar com sua luz essa caminhada e conquistar comigo um sonho nosso. Essa conquista eu ofereço especialmente a você! Te amo muito!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e pela oportunidade de evolução ao lado de pessoas especiais que me ensinam a crescer com muito amor. Obrigada meu Deus, por tudo!

A Santo Onofre e aos amigos espirituais pela presença constante, transmitindo-me força e todas as energias necessárias para que eu trilhe todos os caminhos que me levam a buscar o que eu verdadeiramente almejo. Obrigada por estarem ao meu lado em todos os momentos, me amparando e fazendo-me sentir forte.

Ao Ricardo, meu eterno amor, pela paciência, pelo companheirismo, pelo carinho, pela amizade, pelo afeto, por acreditar em mim, por me fazer correr atrás de todos meus sonhos até mesmo os irrealizáveis, pelo seu verdadeiro amor. Ric, você é simplesmente o homem da minha vida. Obrigada por tudo. Obrigada por acreditar em mim muito mais do que eu, por me conhecer muito mais do que eu mesma, por sonhar os meus sonhos muito mais do que eu, por me amar e por me fazer a mulher mais feliz. Eu te amo!

Aos meus amados pais, Valter e Conceição, por serem minha maior referência de amor, de carinho, de companheirismo, de bondade, de humanidade. Obrigada por me aceitarem como filha, por me criarem com tanto amor, por me ampararem com tanto carinho nos momentos mais difíceis, por muitas vezes abdicarem de seus sonhos em favor dos meus, por viverem comigo meus maiores sonhos e por serem simplesmente os melhores pais do mundo. Eu amo vocês. Simplesmente obrigada sempre...

À minha amada e amiga avó Dora, pelos inumeráveis e imensuráveis esforços dedicados durante toda a minha vida. Vó, sua presença e seu amor puro me fazem tão bem que eu não saberia o que seria de mim sem você ao meu lado. Eu te amo muito! Obrigada por ser simplesmente você!

Aos meus irmãos Talita, Tarcísio e Fernanda por serem meus melhores amigos, por vivenciarmos juntos todos os momentos de nossas vidas, por ficarem verdadeiramente felizes com minhas conquistas e por não medirem esforços para estarmos juntos e sermos uma família. Obrigada por serem tão maravilhosos! Eu amo vocês!

À vocês, o meu eterno e mais sincero agradecimento. Sem vocês, nenhuma conquista teria tanto sentido!!! Eu amo vocês!

Aos meus familiares, aos meus amigos, especialmente à Dona Lígia por tudo o que fizeram por mim para que esta conquista fosse possível.

À Profa. Vera Navarro, por ter sido tão humana e sincera. Obrigada por acreditar em mim e percorrer comigo esse caminho de uma forma tão única e especial que só você seria capaz de fazer. Além de exemplo, você se tornou uma grande amiga. Obrigada!

À mestre, amiga e querida Lúcia Uchôa, por abrir várias portas na minha vida e por me ajudar com tanto carinho a percorrer caminhos que muitas vezes imaginei ser impossíveis. Obrigada por tudo sempre!

Aos amigos conquistados durante o mestrado, por tornarem esta caminhada ainda mais prazerosa.

Ao Departamento de Medicina Social por me acolher como parte dessa grande instituição educacional.

À banca de qualificação e à banca examinadora, Profa. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva, Profa. Dra. Maria Orlanda Pinassi e Prof. Dr. Francisco Antônio de Castro Lacaz, pela sabedoria de seus conselhos.

A todos aqueles que abriram as portas para a coleta de dados dessa pesquisa, contribuindo para que esta pudesse ser realizada da minha maneira, especialmente ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de Franca, à Ivani, ao Antônio, ao Leandro, ao William e ao José Elias.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por acreditar nesta pesquisa e pelo fomento concedido em forma de bolsa.

A todas as pespontadeiras que fizeram parte dessa pesquisa, por dentre tantas coisas, transformarem minha maneira de ver e viver a vida.

A todos que, fazendo parte do meu percurso, contribuíram, direta e indiretamente, para a realização desta pesquisa. Muito obrigada!!!

“Acreditar, como dizem, que as contradições do capital e do trabalho não existem, ou que nunca serão reconhecidas e que jamais sofrerão a ação daqueles que mais sentem seus impactos devastadores, exige que também se acredite que o povo nada mais é do que cegos idiotas para sempre hipnotizados pelas promessas da “circulação econômica” universalmente benéfica do capital, embora os fracassos monstruosos do sistema afetem diretamente a vida de bilhões de pessoas”.

István Mészáros

RESUMO

PRAZERES, T. J. **Na costura do sapato, o desmanche das operárias:** um estudo das condições de trabalho e saúde das pespontadeiras da Indústria de Calçados de Franca (SP). 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Saúde da Comunidade, Departamento de Medicina Social, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2010.

O mundo do trabalho, nas últimas décadas, foi palco de grandes transformações organizacionais e tecnológicas que modificaram os processos e as relações de trabalho, resultando no aumento dos contratos precários e temporários e na intensificação da jornada de trabalho, aliada à depreciação salarial e à exploração do trabalho em domicílio. Nesse contexto, observa-se um significativo aumento de adoecimentos relacionados ao trabalho e suas precárias condições, que atingem principalmente a classe trabalhadora feminina, devido às características e qualidade do trabalho a ela destinado. A escolha do trabalho na indústria calçadista francana como objeto de estudo deveu-se ao fato de nesta atividade se observar facilmente o resultado dessas mudanças, em especial na seção de costura mecânica (pesponto), onde há maior emprego de mulheres. Tendo como pano de fundo este contexto de mudanças, o objetivo dessa pesquisa foi investigar o trabalho de mulheres que realizam tarefas de pesponto de calçados em unidades produtivas de diferentes portes, no município de Franca e tentar estabelecer relações entre as condições de trabalho e os problemas de saúde por elas relatados. A pesquisa, de cunho qualitativo, teve como principal técnica de coleta de dados a entrevista. Foram realizadas 30 entrevistas com trabalhadoras, o que permitiu reconstituir o processo de trabalho e relacionar as condições de trabalho com os problemas de saúde relatados. A análise dos dados da pesquisa denunciou um efeito nefasto do trabalho das pespontadeiras em sua saúde, caracterizado por sofrimentos de ordem física, como fortes dores no corpo, lesões por esforços repetitivos e outros sofrimentos decorrentes das más condições de seus trabalhos, e também de ordem psíquica, como estresse, tristeza, irritação, ansiedade, além de sentimentos de insatisfação e desvalorização no trabalho, sendo que tais sofrimentos, somados às demais consequências de seus trabalhos esvaziam o sentido da vida em todas as esferas do cotidiano, possibilitando a compreensão do preço pago por essas trabalhadoras na busca de sobrevivência. Essa realidade mostrou-se ainda mais agravante quando a atividade laboral é realizada fora do espaço fabril, pela precarização das condições desta, passando esse sofrimento, a coexistir com outros problemas invisíveis do ponto de vista epidemiológico, mas maléfico à vida e à saúde dessas mulheres que vivem nesta situação.

Palavras-chave: Trabalho e Saúde. Saúde do Trabalhador. Indústria de Calçados de Franca. Trabalho Feminino. Reestruturação Produtiva.

ABSTRACT

PRAZERES, T. J. **In the shoe sewing, the female workers unmake:** a research of the work conditions and health of the female sewing workers in the footwear industry of Franca (SP). 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Departamento de Medicina Social, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2010.

Nowadays it is deeply lived a period of organizational and technological transformations that modifies the processes and the work relations which is possible to notice the increase of precarious and temporary work contracts and the intensification of the workdays, all of them allied with salary depreciation and household labor exploration. In this context it is observed a significant increase of illness related to work and its precarious conditions that mainly reach female work class because of its directed characteristics and job quality. The choice of the research about the work in the footwear industry in the city of Franca is explained by the fact that in this activity it can be easily viewed the results of these transformations, especially in the mechanic sewing sector, where female work is largely employed. Using these transformations' contexts as primordial basis, the purpose of the research was to investigate the labor of women that work in mechanic sewing sector of different scales of production's units in the city of Franca by the connection of the work with health problems mentioned by female workers. The qualitative research had as main technique of data collection the interview. 30 of them were applied to female workers allowing to reconstitute the process of labor as much as relating the work conditions with health problems mentioned during the interview. The data analysis of the investigation exhibited a disastrous effect in the health of sewing female workers. These effects can be represented by physical order suffering as strong body aches, repetitive strain injury and other agonies generated by labor bad conditions as much as psychosocial aspects as stress, sadness, anger, anxiety and work dissatisfaction and depreciation feelings. All these symptoms added with other job consequences turn female sewing worker's life meaningless allowing the comprehension of the price paid by these workers when hunting for survival. This reality become worse when the labor activity is done out of the manufacture space because of its precariousness conditions, creating a coexistence among suffering and other invisible problems by an epidemiological point of view that still are prejudicial to the life and health of these women that live in this situation.

Keywords: Work and Health. Worker Health. Franca's Footwear Industry. Female Work. Reproductive Reorganization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esteira de pesponto	88
Figura 2 - Grupos de produção de pesponto	89
Figura 3 - Ambiente de trabalho improvisado em domicílio	96
Figura 4 - Posto de trabalho improvisado em domicílio	97
Figura 5 - Ambiente de trabalho improvisado em domicílio	97
Figura 6 - Ambiente de trabalho improvisado em domicílio	98
Figura 7 – Posto de trabalho improvisado em domicílio	98
Figura 8 - Invasão do trabalho no espaço do lar da trabalhadora	99
Figura 9 - Ambiente de trabalho improvisado em domicílio	99
Figura 10 - Posto de trabalho improvisado em domicílio	100
Figura 11 - Trabalhadora pespontando em seu domicílio	138
Figura 12 - Trabalhadora pespontando em fábrica de médio porte	139
Figura 13 - Trabalhadora pespontando em seu domicílio	139
Figura 14 - Mãos da pespontadeira durante a jornada de trabalho	147
Figura 15 - Cicatrizes nos punhos da pespontadeira decorrentes de cirurgias por consequência de lesões por esforços repetitivos no trabalho	148

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Perfil das pespontadeiras entrevistadas	31
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principais países produtores de calçados, 1997-1999, (em milhões de pares) _____	55
Tabela 2 - Principais países exportadores de calçados, 1997-1999, (em milhões de pares) _____	56
Tabela 3 - Principais países produtores de calçados, 2003-2005, (em milhões de pares) _____	59
Tabela 4 - Principais países exportadores de calçados, 2003-2005, (em milhões de pares) _____	59
Tabela 5 - Principais destinos dos calçados brasileiros, 2007 _____	60
Tabela 6 - Distribuição, por região geográfica, do número de estabelecimentos de indústria de calçados no Brasil, 2007 _____	60
Tabela 7 - Número de empregos, por região geográfica, na indústria de calçados no Brasil 2007 _____	61
Tabela 8 - Número de indústrias de calçados em Franca, 2005 _____	75
Tabela 9 - Produção anual de calçados em Franca, 1984-2009, (em milhões de pares) _____	76
Tabela 10 - Número de funcionários na indústria de calçados de Franca, 2000-2009 _____	79

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
1.1. PESPONTADEIRAS: AS PROTAGONISTAS	29
2. AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO CAPITALISTA	35
3. A INDÚSTRIA DE CALÇADOS	53
3.1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS MUNDIAL	54
3.2. CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS BRASILEIRA	57
3.3. FRANCA: CONTEXTUALIZANDO SUA HISTÓRIA E SUA INDÚSTRIA	61
4. O TRABALHO DAS PESPONTADEIRAS NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA	81
5. A VIVÊNCIA DO TRABALHO DAS PESPONTADEIRAS NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA E SEUS REFLEXOS NA SAÚDE DAS TRABALHADORAS	112
5.1. JORNADAS DE TRABALHO ESTAFANTES	114
5.2. AMBIENTE DE TRABALHO: UM CENÁRIO SOMBRIO	128
5.3. SOFRIMENTO DO CORPO E DA ALMA: O PREÇO PAGO PELA SOBREVIVÊNCIA	143
5.4. SENTIMENTOS VIVENCIADOS DIANTE DO TRABALHO	155
5.5. COTIDIANO: UMA VIDA Esvaziada de atividades significativas	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS	172
APÊNDICES	191
APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA	191
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	195
ANEXO	196
ANEXO A – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FMRP/USP). PROCESSO 12352/2008. APROVADO EM 16/02/2009.	196

INTRODUÇÃO

A preocupação com a questão da saúde do trabalhador surgiu durante minha trajetória acadêmica no curso de graduação em Terapia Ocupacional, a partir de uma experiência vivenciada na disciplina de Ergonomia, onde pude me aventurar no desenvolvimento de um trabalho de apreciação ergonômica em um posto de trabalho no setor de chanfração¹ de uma indústria de componentes para calçados da cidade de Franca-SP. Os resultados obtidos através deste trabalho se mostraram satisfatórios e envolventes, uma vez que através das intervenções realizadas, foi possível contribuir com os trabalhadores dessa indústria, não somente no entendimento da influência da organização de seus trabalhos em suas vidas, como também na prevenção de acidentes e doenças ocupacionais.

A partir de então, a porta de entrada para o estudo no campo da Saúde do Trabalhador foi aberta, proporcionando-me o surgimento de muitas questões acerca das mudanças ocorridas no universo do trabalho que deveriam ser por mim aprofundadas, para que quando em minha ação prática, eu pudesse lutar conscientemente por aquilo que eu acredito... Pela dignidade do ser humano.

Era necessário, portanto, desafiar-me para que eu pudesse obter uma compreensão aproximada de uma realidade distante da minha. Foi preciso pois, ouvir os trabalhadores, que são os conhecedores mais habilitados a identificar os reais problemas e necessidades que circundam suas vidas no trabalho, e consequentemente, fora deste.

Desta forma, a presente dissertação teve como objetivo investigar a atividade laboral de mulheres empregadas na indústria calçadista de Franca (SP) que realizam tarefas de pesponto em unidades produtivas de diferentes portes e relacionar suas condições laborais aos problemas de saúde por elas relatados.

O interesse por esta pesquisa justifica-se pelas transformações ocorridas no mundo do trabalho diante do processo de reestruturação produtiva, baseado na flexibilização para a acumulação capitalista, sendo possível observar as suas desastrosas consequências na vida e na saúde dos trabalhadores, uma vez que

¹ Chanfrar significa reduzir a espessura das bordas de certos insumos necessários à fabricação do calçado, com o objetivo de facilitar no processo de colagem das partes que o compõem, bem como de auxiliar no acabamento e no conforto deste.

essas mudanças contribuíram intensamente para a precarização das condições de trabalho, principalmente da classe trabalhadora feminina.

A escolha do trabalho na indústria calçadista francana como objeto de estudo deveu-se ao fato de nesta atividade se observar facilmente as consequências dessas transformações, sendo a seção de costura mecânica (pesponto) umas das mais atingidas.

O pesponto, etapa realizada majoritariamente por mulheres, refere-se à uma das etapas da confecção do calçado onde ocorre a ligação, através da costura mecânica, de diversas partes que compõem o calçado, ou seja, refere-se à costura do cabedal (toda a parte superior do calçado).

Com a processualidade da reestruturação produtiva, o trabalho no pesponto passou a ser realizado, em grande medida, fora dos ambientes fabris, nos domicílios das trabalhadoras ou em bancas, deteriorando as relações de trabalho e as condições de saúde dessas mulheres e intensificando as diferenças de gênero existentes no mundo do trabalho.

Neste contexto de precarização é possível observar um aumento significativo de queixas e problemas relacionados ao trabalho e suas precárias condições, os quais possuem grandes consequências na vida da trabalhadora, que são experimentadas e vivenciadas por estas através de sofrimentos, por vezes desumanos.

Desta forma, através de um referencial teórico acerca das transformações no mundo do trabalho, do trabalho feminino, das relações existentes entre trabalho e saúde, cujas referências serão desenvolvidas no decorrer dos capítulos, bem como através da escuta, da observação e do contato com essas mulheres, foi possível compreender as consequências dessas mudanças na vida e na saúde das trabalhadoras, proporcionando-me aventurar em mundo que não era meu, mas tornou-se, por possibilitar-me a permanência neste, para que eu possa continuar trilhando meu caminho neste espaço e contribuir, mesmo que modestamente, na busca de um mundo onde os seres humanos se sintam como tal.

Assim, para a compreensão do caminho por mim percorrido e da pesquisa aqui apresentada, esse estudo foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, discute-se o procedimento metodológico adotado para a realização desta pesquisa, evidenciando todo o percurso realizado. No segundo capítulo, aborda-se as transformações ocorridas no mundo do trabalho e as implicações da

processualidade da reestruturação produtiva na organização do trabalho e suas relações. No terceiro capítulo, faz-se uma discussão sobre a indústria de calçados mundial, nacional e em especial, sobre a indústria de calçados de Franca, sendo esta realizada a partir de um resgate histórico sobre a origem dessa indústria no município, permitindo assim a contextualização e a compressão das relações de trabalho vivenciadas atualmente. No quarto capítulo discorre-se, a partir da reconstituição do processo de trabalho no pesponto, a atividade realizada pelas pespontadeiras das indústrias calçadistas francanas, trazendo à luz elementos significativos que elucidam a precarização das condições de trabalho em que essas mulheres são submetidas. Finalmente, no quinto capítulo realiza-se uma análise das consequências do novo padrão de acumulação do capital na saúde das trabalhadoras, evidenciando os sofrimentos vivenciados por estas, através dos depoimentos obtidos com as entrevistas de campo.

Por último são apresentadas as considerações finais dessa dissertação.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa de caráter qualitativo, buscou compreender as consequências decorrentes das transformações no mundo do trabalho na atividade de pesponto da indústria calçadista francana para a saúde das trabalhadoras que a realiza.

Lancman (2007) afirmou que para a compreensão das relações de trabalho, exige-se muito mais do que a simples observação deste processo, sendo necessário, sobretudo, a escuta voltada para quem o realiza, uma vez que implica complexas relações que precisam ser desvendadas, ou seja, para apreender a organização do trabalho, suas relações e suas consequências, é necessário compreendê-la para além do visível e do mensurável.

Para tanto, o instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, que possibilita ao entrevistado a liberdade de discorrer sobre o tema, sem condições prefixadas pelo pesquisador. Como afirmou Minayo et al. (1996, p. 57), “a entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador procura obter informes contidos na fala dos atores sociais”, sendo a entrevista semi-estruturada

(...) aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo, à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

A pesquisa de campo foi precedida de um levantamento bibliográfico que proporcionou subsídios fundamentais para a compreensão das condições de trabalho na indústria calçadista e suas consequências para a saúde das pespontadeiras em Franca, contribuindo de forma significativa para a realização da coleta de dados, pelo embasamento teórico oferecido à pesquisadora, norteador os caminhos a serem seguidos durante as entrevistas.

A coleta de dados teve início em fevereiro de 2009, logo após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética do Hospital das Clínicas da Faculdade de

Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FMRP/USP)². A primeira entrevista, de caráter exploratório, teve como finalidade testar o roteiro de entrevista³ formulado pela pesquisadora, buscando nortear as entrevistas para que os objetivos desta pesquisa pudessem ser alcançados. Felizmente, este roteiro atendeu à investigação proposta neste estudo, sendo essa entrevista, incluída no acervo de depoimentos a ser utilizado.

A pesquisa de cunho qualitativo possui, segundo Minayo (2004), a característica de não privilegiar o critério numérico, mas a qualidade das informações obtidas e a capacidade de reflexão sobre essas. Assim, a quantidade de sujeitos selecionados para o estudo não corresponde a um critério preponderante, mas pelos conteúdos das informações extraídas pelos sujeitos dessa pesquisa.

Os critérios determinantes para a inclusão dos sujeitos na pesquisa especificaram que as trabalhadoras fossem especializadas na costura mecânica do calçado (pesponto); que realizassem esta tarefa há, no mínimo doze meses, para que fosse possível aproximar o máximo de suas reais condições de trabalho e compreender as relações existentes com sua saúde; e que emitissem concordância em participar do estudo ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁴. É importante ressaltar que o anonimato de todas as pespontadeiras entrevistadas foi preservado, sendo a identificação das mesmas realizada através de nomes fictícios.

A coleta de dados resultou em um total de 30 entrevistas. As primeiras entrevistadas foram contatadas através do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de Franca, doravante denominado STICF, e as demais através da técnica de indicações sucessivas de entrevistas (*snowball*), por esta possibilitar, de acordo com Biernacki e Waldorf (1981), o encontro de pessoas com características definidas, em concordância com os pressupostos e as necessidades da pesquisa.

As entrevistas foram agendadas e realizadas no próprio domicílio das trabalhadoras, pois como afirmou Duarte (2002), quando a entrevista é realizada nos domicílios dos entrevistados, em um ambiente privado, verifica-se uma maior liberdade e espontaneidade para a expressão de seus pensamentos, além de uma

² Ver Anexo A.

³ Ver Apêndice A.

⁴ Ver Apêndice B.

menor preocupação com o tempo, o que resulta em entrevistas mais densas e produtivas.

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas e transcritas na íntegra pela pesquisadora, totalizando aproximadamente 60 horas de gravação e 120 horas de transcrição. A transcrição das entrevistas foi realizada de forma imediata objetivando o acompanhamento da evolução dos dados coletados, sendo de fundamental importância por possibilitar uma extraordinária aproximação com os dados. Os depoimentos das entrevistadas ouvidos inúmeras vezes e de forma pausada, permitiram que muitas reflexões fossem realizadas nesse momento, contribuindo assim com a pesquisa e com a seleção cuidadosa dos dados que foram analisados.

Foi realizado ainda uma documentação fotográfica com o objetivo de ilustrar o ambiente, o processo de trabalho e as máquinas e instrumentos utilizados pelas trabalhadoras. As fotografias, realizadas no início da pesquisa, foram utilizadas durante as entrevistas como técnica projetiva, permitindo que os elementos de interesse fossem apresentados aos sujeitos da pesquisa. A visualização destas imagens ao atuar como técnica projetiva, estimula elementos da memória que permitem o surgimento de novas informações pertinentes à pesquisa e permite também que o entrevistado comente elementos registrados nas fotografias, auxiliando o entendimento do pesquisador sobre o assunto estudado (COLLIER JUNIOR, 1973).

Além dessa documentação fotográfica inicial, outras fotos foram realizadas ao longo da coleta de dados e utilizadas nesta pesquisa com o objetivo de ilustrar a realidade vivenciada pelas trabalhadoras, possibilitando uma maior aproximação dos dados aqui disponibilizados.

A reconstituição do processo de trabalho das pespontadeiras da indústria de calçados de Franca e os principais problemas de saúde decorrentes dele foram construídos pelos depoimentos prestados por essas mulheres, apoiado por observações realizadas diretamente nos locais de trabalho, sendo estas intermediadas pelo STICF, quando nas fábricas e autorizadas pelas próprias trabalhadoras, quando em seus domicílios. Amparada pelo levantamento bibliográfico que permitiu um embasamento teórico, foi possível produzir a análise dos dados, interpretá-los e atingir os objetivos delineados nesta pesquisa.

Além das entrevistas realizadas com as trabalhadoras, dados secundários foram buscados no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) de Franca, no STICF e no Sindicato da Indústria de Calçados de Franca (sindicato patronal – SICF). Como afirmou Duarte (2002, p. 146), “trata-se de um material complementar à pesquisa e, embora não se constitua o foco central da análise, participa significativamente desta”.

Muitas adversidades foram experimentadas ao longo da prática do trabalho de campo, principalmente pelo momento vivenciado em decorrência da crise financeira que atingiu a economia dos Estados Unidos no final do ano de 2008, repercutindo fortemente nas indústrias calçadistas francanas, o que fez com que muitas pespontadeiras não aceitassem participar da pesquisa, justificando-se pelo medo de perder o emprego.

Todavia, convém mencionar que as intercorrências surgidas ao longo do período de coleta de dados não foram sentidas como desânimo ou derrota, mas vistas como dados de grande importância que, mesmo não se constituindo exatamente dos dados investigados, revelaram-se como elementos significativos na análise posterior do conteúdo do material coletado, além de servirem de alavanca de melhoria da pesquisa, para que os objetivos desta pudessem ser alcançados da forma desejável pela pesquisadora.

1.1. PESPONTADEIRAS: AS PROTAGONISTAS

Esse item aborda o perfil das trabalhadoras entrevistadas, ou seja, das mulheres pespontadeiras da indústria calçadista francana que mesmo sendo as protagonistas dessa “história” sobre a precarização no mundo do trabalho, nem sempre (ou quase nunca) poderão vivenciar um final feliz.

O perfil geral das pespontadeiras entrevistadas caracteriza-se por mulheres de baixa escolaridade e classe sócio-econômica, com idades entre 17 a 59 anos, que exercem a atividade de pesponto entre 1 ano e 44 anos, sendo entrevistadas

pespontadeiras que realizam seus trabalhos em unidades produtivas de diferentes portes⁵, bem como em seus domicílios.

O quadro a seguir (Quadro 1) foi elaborado com o objetivo de possibilitar uma aproximação com as trabalhadoras desta pesquisa, proporcionando uma melhor compreensão da realidade vivenciada por essas em seus contextos de vida e de trabalho.

⁵ O critério de classificação do porte das empresas utilizado nesta pesquisa foi realizado de acordo com a definição do porte de empresas conforme o número de empregados na indústria definido pelo IBGE e utilizado pelo SICF. As micro empresas referem-se àquelas que possuem até 19 funcionários, as pequenas empresas possuem de 20 a 99 funcionários, as médias empresas possuem de 100 a 499 funcionários e as grandes empresas referem-se àquelas que possuem mais de 500 funcionários. Para o conhecimento do porte das empresas para as quais as pespontadeiras entrevistadas trabalham, entrou-se em contato com a listagem de indústrias associadas ao SICF, que possui dados de contato das indústrias de calçados de Franca, bem como a caracterização de seu porte.

Nome	Estado Civil	Idade	Nº de Filhos	Escolaridade	Tempo de trabalho no pesponto	Porte da empresa	Observação	Tempo de trabalho na (ou para a) atual empresa	Breve Histórico Profissional
Aline	Solteira	17 anos	----	Ensino Médio Incompleto	1 ano	Micro	Trabalho em domicílio	8 meses	Começou a trabalhar com 15 anos na banca de pesponto de seu pai. Iniciou como coladeira e logo passou para o pesponto. Hoje trabalha em casa como pespontadeira terceirizada por uma empresa de micro porte, juntamente com sua mãe que é coladeira.
Ana	Separada	43 anos	2 filhos	Ensino Médio Completo	8 anos	Micro	Trabalho em domicílio	2 meses	Mudou-se para Franca com 29 anos de idade e como sua mãe já possuía uma banca de pesponto, começou a trabalhar nesta como coladeira e após 6 anos, passou para o pesponto. Hoje trabalha em casa como pespontadeira terceirizada por uma empresa de micro porte, juntamente com sua mãe que mesmo idosa, ainda exerce a função de coladeira para ajudar no sustento da casa.
Beatriz	Casada	59 anos	2 filhos	Ensino Fundamental Incompleto	44 anos	Micro	Trabalho em domicílio	2 anos e 6 meses	Começou a trabalhar na indústria de calçados em 1965, aos 15 anos, iniciando como pespontadeira, pois nesta época havia muita dificuldade de encontrar mão-de-obra. Trabalhou nesta fábrica por 5 anos e só saiu quando esta foi à falência. Entre 1970 e 1983 trabalhou em empresas de diversos portes, até ser contratada por uma empresa de grande porte e permanecer nesta por 22 anos. Aposentou-se e para melhorar a renda familiar, resolveu trabalhar em casa junto com uma amiga que é coladeira.
Bernadete	Casada	57 anos	1 filho	Ensino Fundamental Incompleto	30 anos	Micro	Trabalho em domicílio	2 anos	Começou a trabalhar com 18 anos, sendo seu primeiro emprego em uma indústria de calçados de grande porte exercendo a função de coladeira. Aos 27 anos, nesta mesma empresa passou a trabalhar como pespontadeira. Trabalhou nesta única empresa por 30 anos até se aposentar e por mais 7 anos, após se aposentar. Quando a empresa faliu, a trabalhadora resolveu continuar pespontando em casa, juntamente com duas coladeiras.
Bianca	Separada	42 anos	4 filhos	Ensino Fundamental Incompleto	20 anos	Pequeno	Trabalho em domicílio/banca	1 ano	Começou a trabalhar com 14 anos em uma fábrica de calçados como auxiliar de produção e com 22 anos passou a pespontar. Em 1986 engravidou e em 1988 começou a trabalhar em casa com o objetivo de poder cuidar do filho também. Hoje continua trabalhando em seu domicílio como pespontadeira terceirizada por uma empresa de pequeno porte, juntamente com sua filha que exerce a função de coladeira.
Camila	Casada	35 anos	2 filhos	Ensino Fundamental Completo	18 anos	Pequeno	Trabalho em domicílio	2 anos	Trabalhou em fábricas de diferentes portes e quando teve seu primeiro filho, preferiu trabalhar em casa para poder conciliar o trabalho com o cuidado dos filhos e com as atividades domésticas. Atualmente trabalha em seu domicílio com seu marido e uma coladeira prestando serviço para uma empresa de pequeno porte. Possui uma banca legalizada por exigência da fábrica, mas não possui nenhum vínculo empregatício com esta.
Conceição	Casada	34 anos	2 filhos	Ensino Fundamental Completo	12 anos	Pequeno	Trabalho em banca	1 mês	Sempre trabalhou no ramo do calçado. Trabalhou em fábricas de diferentes portes e também em seu domicílio. Atualmente trabalha em uma banca com 10 trabalhadores (pespontadores e coladeiras). Já passou por cirurgias nas duas mãos devido a problemas relacionados aos esforços repetitivos exigidos no pesponto.
Dalva	Casada	50 anos	2 filhos	Ensino Fundamental Incompleto	18 anos	Pequeno	Trabalho em domicílio	1 ano	Trabalha como pespontadeira desde 1986. Parou durante cinco anos para trabalhar como costureira de roupa e há 12 anos voltou para o pesponto. Atualmente trabalha em seu domicílio sozinha e realiza todas as tarefas de preparação do pesponto e do pesponto.

Nome	Estado Civil	Idade	Nº de Filhos	Escolaridade	Tempo de trabalho no pesponto	Porte da empresa	Observação	Tempo de trabalho na (ou para a) atual empresa	Breve Histórico Profissional
Dora	Casada	51 anos	3 filhos	Ensino Fundamental Incompleto	29 anos	Pequeno	Trabalho em domicílio/banca	18 anos	Começou a trabalhar na fazenda e quando foi morar na cidade, trabalhava com laticínios durante a semana e nos finais de semana aprendia a pespontar com familiares até decidir ser pespontadeira, em 1980. Desde então, exerce a profissão. Atualmente trabalha em uma banca com 10 pessoas (pespontadores e coladeiras) instalada em seu domicílio. Sua banca é legalizada por exigência da fábrica, mas não possui nenhum vínculo empregatício com esta.
Elisa	Amasiada	36 anos	2 filhos	Ensino Fundamental Incompleto	16 anos	Médio	Trabalho em domicílio	7 meses	Trabalha como pespontadeira desde 1993. Já trabalhou em muitas empresas calçadistas, mas optou por trabalhar em casa para conseguir conciliar o trabalho com o cuidado dos filhos e com as atividades domésticas. Já montou uma banca com 8 pessoas em seu domicílio, mas atualmente trabalha apenas com uma coladeira prestando serviço a uma empresa de médio porte.
Estela	Amasiada	27 anos	3 filhos	Ensino Médio Incompleto	5 anos	Médio	Trabalho em domicílio	1 ano	Sempre trabalhou no ramo do calçado. Trabalhou em fábricas de diferentes portes e há 2 anos passou a trabalhar em casa pela dificuldade encontrada em conciliar educação dos filhos com trabalho fora de casa. Atualmente trabalha em um cômodo em seu domicílio que deveria ser o quarto dos seus filhos, mas pela impossibilidade de um ambiente de trabalho adequado, acabou por improvisar seu posto de trabalho e por acomodar seus filhos em seu quarto. A trabalhadora realiza seu trabalho juntamente com seu esposo.
Fernanda	Separada	55 anos	3 filhos	Ensino Fundamental Incompleto	20 anos	Médio	Trabalho em domicílio	1 ano	Trabalha como pespontadeira desde 1989. Há 10 anos começou a trabalhar em casa e passou a investir em máquinas para o pesponto. Atualmente vivencia um período de dificuldades financeiras. Em seu trabalho utiliza apenas a sua máquina, mas não consegue vender as outras pelo preço que valem e também não consegue emprego em fábrica. Trabalha em seu domicílio juntamente com um auxiliar de pesponto e se sente muito insatisfeita com seu trabalho.
Flávia	Casada	19 anos	1 filho	Ensino Médio Incompleto	2 anos	Grande	Trabalho em domicílio	2 anos	Começou a trabalhar com sua mãe que pesponta em casa aos 12 anos. Há 2 anos aprendeu a pespontar e realiza esse serviço em sua casa. Trabalha sozinha fazendo o serviço de auxiliar de pesponto e do pesponto para uma empresa de grande porte. Pensa em trabalhar em casa até seu filho ficar um pouco maior. Sonha em fazer faculdade, mas teme as dificuldades financeiras existentes. Se sente insatisfeita com seu trabalho e não tem vontade continuar trabalhando com calçado por muito tempo.
Gabriela	Casada	30 anos	2 filhos	Ensino Médio Completo	10 anos	Grande	Trabalho em domicílio	12 anos	Começou a trabalhar em uma fábrica de grande porte aos 18 anos exercendo a função de coladeira. Após o nascimento dos filhos, optou por trabalhar em seu domicílio e passou a pespontar para esta mesma empresa, o que faz até hoje. É registrada por esta empresa, mas não possui salário fixo, ou seja, sua remuneração refere-se à sua produção mensal. Trabalha juntamente com uma ajudante que realiza a preparação do pesponto, não sendo esta registrada pela empresa.
Gisele	Casada	42 anos	2 filhos	Ensino Fundamental Incompleto	19 anos	Micro	Fábrica	2 meses	Começou a trabalhar aos 10 anos no sítio. Aos 15 anos, mudou-se para Franca e passou a trabalhar em fábricas de calçados como auxiliar de pesponto. Em 1987 decidiu trabalhar em casa pespontando para poder cuidar do filho também e há 3 anos decidiu voltar para a fábrica devido às condições de trabalho em casa. A trabalhadora se queixa da falta de estabilidade; no primeiro ano que voltou a trabalhar fora de casa ficou em uma fábrica, no segundo ano em outra fábrica e neste terceiro ano ela está trabalhando em outra fábrica.

Nome	Estado Civil	Idade	Nº de Filhos	Escolaridade	Tempo de trabalho no pesponto	Porte da empresa	Observação	Tempo de trabalho na (ou para a) atual empresa	Breve Histórico Profissional
Helenice	Viúva	53 anos	2 filhos	Ensino Fundamental Incompleto	36 anos	Pequeno	Fábrica	2 anos	Com 7 anos de idade começou a trabalhar na lavoura com o pai. Aos 16 anos foi para Franca onde iniciou o trabalho na indústria de calçados, trabalhando durante o dia e realizando o curso de pesponto do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) oferecido pela fábrica no período noturno. Em 1973 começou a pespontar e em 1982, após casar-se, passou a trabalhar em casa exercendo esse trabalho por 18 anos juntamente com seu marido. Quando este adoeceu em 2003, ela voltou a trabalhar em fábrica, para uma empresa de grande porte que foi à falência. Posteriormente, foi trabalhar em uma banca de pesponto de sua família até ser chamada para trabalhar na atual fábrica, há 2 anos.
Heloísa	Solteira	44 anos	2 filhos	Ensino Médio Completo	26 anos	Pequeno	Fábrica	4 anos	Sempre trabalhou no ramo do calçado. Começou a trabalhar com 17 anos exercendo a atividade de preparação do pesponto, como dobradeira manual. Trabalhou em fábricas de diferentes portes e há 4 anos exerce a função de pespontadeira em uma empresa de pequeno porte que está terceirizando sua produção, pois a empresa se encontra com dificuldades financeiras, o que a faz sentir-se insegura diante dessa situação de instabilidade e desconhecimento de sua situação profissional futura.
Janaína	Solteira	42 anos	2 filhos	Ensino Fundamental Incompleto	19 anos	Pequeno	Fábrica	3 anos	Começou a trabalhar em fábrica de calçados aos 14 anos como auxiliar de produção. Aprendeu a pespontar em 1990 e de lá para cá trabalhou em empresas de diferentes portes. Há 3 anos é pespontadeira de uma fábrica de pequeno porte.
Júlia	Separada	37 anos	3 filhos	Ensino Médio Completo	20 anos	Médio	Fábrica	7 anos	Começou a trabalhar na indústria de calçados aos 15 anos como coladeira e aos 17 anos passou a exercer a atividade de pesponto. Já trabalhou em empresas de diferentes portes, em banca e em seu domicílio. Há 7 anos é pespontadeira contratada de uma empresa de médio porte.
Maísa	Solteira	35 anos	1 filho	Ensino Fundamental Incompleto	19 anos	Médio	Fábrica	1 ano e 5 meses	Começou a trabalhar aos 7 anos de idade ajudando os pais na venda de verduras. Aos 12 anos iniciou suas atividades com calçados como coladeira e aprendeu a pespontar com 16 anos. Trabalhou durante 12 anos em seu domicílio e há 2 anos voltou a trabalhar em fábrica devido às dificuldades decorrentes de suas condições de trabalho em casa.
Mariana	Casada	41 anos	1 filho	Ensino Fundamental Incompleto	15 anos	Médio	Fábrica	5 anos	Aos 17 anos começou a trabalhar em um supermercado e aos 19 anos iniciou sua carreira na indústria de calçados como auxiliar de produção. Trabalhou em fábrica e em banca até decidir aprender a pespontar com o objetivo de conseguir melhores oportunidades de emprego. Exerce essa atividade há 15 anos e já trabalhou em várias empresas da cidade de Franca. Já passou por cirurgias nas duas mãos devido a Síndrome do Túnel do Carpo decorrente dos esforços repetitivos exigidos no pesponto. Atualmente encontra-se afastada há 2 anos por doença ocupacional decorrente de seu trabalho, não havendo previsão de retorno a este.
Meire	Casada	23 anos	1 filho	Ensino Superior Incompleto	9 anos	Médio	Fábrica	1 ano	Começou a trabalhar com calçado aos 7 anos com seus pais que pespontavam em casa. Aprendeu a fazer serviços auxiliares do pesponto e posteriormente a pespontar. Aos 15 anos foi trabalhar em uma banca como pespontadeira e depois continuou sua trajetória profissional trabalhando em fábricas e em bancas até 2002 quando começou a trabalhar em seu domicílio para conciliar o trabalho com o cuidado de casa e de sua filha. Em 2008, decidiu voltar a trabalhar em fábrica objetivando melhores condições de trabalho e estabilidade.

Continuação

Nome	Estado Civil	Idade	Nº de Filhos	Escolaridade	Tempo de trabalho no pesponto	Porte da empresa	Observação	Tempo de trabalho na (ou para a) atual empresa	Breve Histórico Profissional
Natália	Casada	22 anos	----	Ensino Médio Completo	7 anos	Grande	Fábrica	4 anos e 8 meses	Aos 14 anos de idade iniciou um curso de pesponto no Senai pago por sua mãe que, por ser coladeira, gostaria de oferecer melhores condições de emprego à sua filha. Após o curso, trabalhou em uma banca e aos 17 anos foi contratada por uma empresa de grande porte, para a qual trabalha atualmente.
Priscila	Amasiada	46 anos	1 filho	Ensino Fundamental Completo	23 anos	Grande	Fábrica	13 anos	Começou a trabalhar na indústria de calçados aos 17 anos como auxiliar de pesponto. Aos 23 anos começou a pespontar e foi contratada por uma empresa de grande porte na qual trabalhou por 10 anos, até esta ir à falência. Há 13 anos, é pespontadeira contratada de outra empresa de grande porte.
Raquel	Casada	41 anos	2 filhos	Ensino Médio Completo	23 anos	Grande	Fábrica	4 anos	Aos 13 anos de idade começou a trabalhar na indústria de calçados como coladeira. Aos 17 anos iniciou o curso de pesponto no Senai objetivando melhores oportunidade de emprego e foi contratada por uma fábrica onde permaneceu por 3 anos. Posteriormente, trabalhou em outras indústrias de diferentes portes, em bancas e em seu domicílio. Há 4 anos trabalha para uma empresa de grande porte.
Sandra	Solteira	40 anos	1 filho	Ensino Médio Completo	19 anos	Grande	Fábrica	6 anos	Começou a trabalhar na indústria calçadista aos 15 anos como auxiliar de pesponto e aos 21 anos aprendeu a pespontar passando a exercer esta atividade. Atualmente se encontra afastada há 2 anos e meio por doença ocupacional decorrente do pesponto. Sente fortes dores nas costas e no corpo resultantes de um problema na coluna adquirido pelo trabalho. Não há previsão de retorno ao trabalho.
Talita	Divorciada	50 anos	----	Ensino Médio Completo	30 anos	Grande	Fábrica	7 anos	Começou a trabalhar na indústria de calçados aos 18 anos como coladeira e aos 20 anos foi contratada como pespontadeira. Já trabalhou em várias empresas de diferentes portes, bem como em banca e em seu domicílio. Há 7 anos é pespontadeira contratada de uma empresa de grande porte.
Valentina	Solteira	46 anos	1 filho	Ensino Fundamental Completo	19 anos	Grande	Fábrica	6 anos e 6 meses	Ingressou na indústria de calçados em 1982 como auxiliar de produção e aos 27 anos começou a pespontar. Já trabalhou em fábricas de diferentes portes, em bancas e em seu domicílio. Há mais de 6 anos é pespontadeira contratada de uma grande empresa.
Yasmin	Separada	37 anos	2 filhos	Ensino Fundamental Completo	5 anos	Grande	Fábrica	5 meses	Começou a trabalhar aos 16 anos como coladeira na banca de seu ex-marido. Posteriormente trabalhou em uma fábrica como auxiliar de produção e com o acerto que fez ao ser mandada embora, comprou uma máquina de pesponto e aprendeu a pespontar. Acabou comprando mais máquinas, contratando coladeiras e junto com seu irmão montou uma banca em sua casa. Devido às condições de trabalho na banca, optou por fechá-la e voltar à fábrica na busca de uma maior estabilidade. Há 5 meses é pespontadeira de uma empresa de grande porte.
Zilda	Solteira	35 anos	1 filho	Ensino Fundamental Completo	18 anos	—	Desempregada	—	Aos 14 anos de idade iniciou o curso de pespontadeira no Senai. Aos 16 anos começou a trabalhar em fábricas como auxiliar de produção, até conseguir um emprego de pespontadeira aos 17 anos. Já trabalhou em fábricas de diferentes portes, em bancas e no seu domicílio. Seu último emprego foi em uma banca de pesponto, na qual foi mandada embora por não aceitar as condições de trabalho desta. Está desempregada há 3 meses.

Conclusão

Quadro 1 - Perfil das pespontadeiras entrevistadas

2. AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO CAPITALISTA

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém, desviamos-nos dele. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da produção veloz, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz em grande escala, tem provocado a escassez. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura! Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido.

(CHARLES CHAPLIN, 1940)

Partindo do princípio que trabalho é a atividade que o homem exerce para a produção de riqueza, sendo as condições históricas responsáveis por sua validade e por estabelecerem seu limite (OLIVEIRA, 2006), a análise dos impactos do processo de reestruturação produtiva sobre o trabalho e a saúde das trabalhadoras e, em especial, das pespontadeiras da indústria calçadista francana pode ser melhor realizada se precedida por algumas considerações acerca das transformações no mundo do trabalho capitalista.

Como afirmou Tomazini (2003), o sistema capitalista percorre, historicamente, diversas modalidades de organização, tanto em nível econômico-produtivo, quanto em nível sócio-político, caracterizando-se como um sistema apto a assumir diferenciadas formas com o objetivo de preservar-se, garantindo a possibilidade de continuar acumulando riqueza.

Marx (1996b) afirmou que o desenvolvimento do processo de trabalho no capitalismo passou por três etapas: a cooperação simples, a manufatura e o processo fabril mecanizado; foi neste, surgido durante a Revolução Industrial, que novas bases técnicas foram apropriadas ao processo de trabalho e ao modo de produção⁶ capitalista.

Partindo-se da Revolução Industrial e tomando-a como marco que revolucionou não somente as relações sociais entre os homens no desempenho das atividades econômicas e na vida social como também as bases técnicas das

⁶ De acordo com Boyer (1990, p. 68), modo de produção “designa toda forma específica das relações de produção e de trocas, ou seja, das relações sociais que regem a produção e a reprodução das condições materiais necessárias para a vida dos homens em sociedade”.

atividades humanas, é possível compreender o processo deflagrado de crescente transformação da interação entre as atividades humanas e o planeta (FRANCO; DRUCK, 1998).

A Revolução Industrial se iniciou no final do século XVIII na Inglaterra e se espalhou gradativamente para outros países que ficaram marcados por uma característica significativa: o surgimento das fábricas nos diversos ramos da produção e, conseqüentemente, a expansão da produção industrial através do aumento da produtividade do trabalho humano (DIAS, 2008), que transformaram profundamente a vida dos seres humanos, suas relações sociais e suas condições de saúde.

Didaticamente pode-se afirmar que a Revolução Industrial apresentou duas fases, de características próprias. Oliveira (2006) afirmou que a primeira, denominada Primeira Revolução Industrial (1760-1850), caracterizou-se pelo período de mudanças tecnológicas e sociais resultantes da introdução da máquina a vapor na produção, que substituiu as antigas fontes de energia empregadas pela força manual, energia hidráulica e tração animal. Neste contexto, o trabalho do homem foi substituído pelo trabalho da máquina, o antigo artesão transformou-se em operário e a pequena oficina em fábrica, surgindo o sistema fabril.

Além dessas mudanças, a Primeira Revolução Industrial resultou também em profundos impactos na vida social do homem. Marin (2002) destacou a significativa importância que o trabalho passou a ocupar na vida dos indivíduos, pela impossibilidade de sobrevivência de outro modo. A valorização do operário enquanto extensão da máquina; a miséria social entre os trabalhadores operários decorrente dos avanços tecnológicos, caracterizada pelos baixos salários, péssimas qualidades de habitações, jornadas de trabalho que possuíam como limite a capacidade física dos trabalhadores; bem como a perda da identidade social e o surgimento de uma sociedade de classes são conseqüências desse período.

A Segunda Revolução Industrial (1850-1900) caracterizou-se como o período marcado pela expansão dos mercados, pelo desenvolvimento técnico, com a utilização de novos tipos de combustíveis e a expansão do uso da energia elétrica, e pelo desenvolvimento organizacional, com o aumento da concentração da indústria e a adoção de métodos científicos de racionalização do trabalho. A Segunda Revolução Industrial também consolidou, no âmbito social, a sociedade industrial

enquanto organização dominante, tornando-se necessário, institucionalizar os novos processos, bem como a vida social dentro das organizações (DIAS, 2008).

Dentre algumas consequências da Segunda Revolução Industrial, o autor destacou o aumento da burocratização caracterizada pela existência de regras claras, funções determinadas e qualificação das pessoas; a estratificação entre os trabalhadores na indústria, resultantes da capacitação dos trabalhadores para a realização de diversas operações durante a produção, provocando a diferenciação entre as categorias pela qualificação do trabalho e sua remuneração.

Com a nova organização decorrente da Revolução Industrial, um fato social de grande importância ocorreu na Inglaterra entre os anos de 1790 e 1830: a formação da classe operária. Thompson (1987, p. 9), fonte de inspiração para muitos historiadores e cujo conceito de classe social está entre suas principais contribuições teóricas, a definiu como um "fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência".

A formação da classe operária nos é revelada pelo crescimento da consciência de classe, ou seja, pela forma sobre a qual as suas experiências (produtivas) são manifestadas culturalmente, através das tradições, dos sistemas de valores, dos ideais (THOMPSON, 1987). É importante ressaltar que as relações estabelecidas socialmente entre os trabalhadores proporcionaram uma fonte potencial de poder, o que possibilitou as primeiras lutas e movimentos de resistência dos trabalhadores desse período contra a ameaça do novo sistema capitalista às experiências e ao modo de vida tradicional daquele povo (DIAS, 2008).

A classe operária surgiu das novas relações produtivas atribuídas pela Revolução Industrial, impondo ao povo inglês e, posteriormente aos demais, novas condições de trabalho que, como afirmou Thompson (1987), impôs sofrimento e destruição de modos de vida. Assim, "o fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica. Ela foi gerada espontaneamente pelo sistema fabril" (THOMPSON, 1987, p. 17), e constituiu-se a partir da lutas pela melhoria das condições de vida e de trabalho.

O sofrimento da classe operária é parte fundamental da dinâmica do capitalismo, que extrai maior produtividade através da imposição e da disciplina. Segundo Moura (2008), sem a destruição de vários aspectos da vida tradicional o

capitalismo não conseguiria se reorganizar conforme a lógica do lucro, assegurando sua reprodução e a dominação entre as classes.

O processo de industrialização e sua nova organização concentraram os trabalhadores em fábricas, tornando-os submissos a um novo mercado de trabalho, onde deveriam vender sua força de trabalho mediante o recebimento de salário, separando capital e trabalho, tornando o trabalhador operário assalariado pelo capitalista, então dono do capital, que abrigava esses trabalhadores em massas e em condições miseráveis.

Além disso, aquele trabalhador que possuía total controle sobre o seu processo de trabalho e habilidades específicas e necessárias para a realização de sua atividade, ao tornar-se trabalhador da indústria, submetendo-se a esse novo mercado de trabalho, passou a não possuir mais as habilidades específicas, tornando-se meramente uma extensão da máquina.

Na manufatura e no artesanato, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica, ele serve a máquina. Lá, é dele que parte o movimento do meio de trabalho; aqui ele precisa acompanhar o movimento. Na manufatura, os trabalhadores constituem membros de um mecanismo vivo. Na fábrica, há um mecanismo morto, independente deles, ao qual são incorporados como um apêndice vivo (MARX, 1996b, p. 55).

Acrescenta-se ainda que a industrialização incorporou o trabalho da mulher e da criança no mundo da fábrica, como um poderoso meio de ampliar o grau de exploração do ser humano.

À medida que a maquinaria torna a força muscular dispensável, ela se torna o meio de utilizar trabalhadores sem força muscular ou com desenvolvimento corporal imaturo, mas com membros de maior flexibilidade. Por isso, o trabalho de mulheres e de crianças foi a primeira palavra de ordem da aplicação capitalista da maquinaria! Com isso, esse poderoso meio de substituir trabalho e trabalhadores transformou-se rapidamente num meio de aumentar o número de assalariados, colocando todos os membros da família dos trabalhadores, sem distinção de sexo nem idade, sob o comando imediato do capital. O trabalho forçado para o capitalista usurpou não apenas o lugar do folguedo infantil, mas também o trabalho livre no círculo doméstico, dentro de limites decentes, para a própria família (MARX, 1996b, p. 28).

Assim, de acordo com Marx (1996b), a industrialização revolucionou de forma extraordinária as relações do capital, a ponto de exigir que os trabalhadores vendessem, além de sua própria força de trabalho, suas mulheres e seus filhos.

Esse novo meio de trabalho transformou o modo de vida de todos aqueles indivíduos que perderam, com a maquinaria, sua independência, seu *status* de trabalhador, tornando totalmente dependente dos capitalistas, bem como de seus instrumentos de produção (máquinas) através das novas regras em que a disciplina, a longa jornada de trabalho, os baixos salários, a monotonia da rotina, aliada a condições de trabalho desumanas eram características claras da organização industrial.

As transformações ocorridas na vida dos trabalhadores durante esse período foram inúmeras, implicando em mudanças profundas nos padrões antes estabelecidos, nos seus valores, na cultura e na própria sobrevivência dos homens da época.

Diante disso, os trabalhadores reagiram com grande intensidade contra a forma de existência do seu meio de trabalho, proporcionando lutas e movimentos sociais em resistência à ameaça do capitalismo às suas condições de vida e de existência, tornando necessário para o capitalista a criação de um sistema que coordenasse e controlasse o conflito dos trabalhadores dentro das fábricas.

Bem como afirmou Dias (2008, p. 65), “a necessidade de domesticar o fator humano era um desafio tão importante quanto os obstáculos técnicos que surgiam e que deviam ser enfrentados”. Desta forma, o controle sobre os trabalhadores tornou-se foco central do capitalismo, objetivando extrair a máxima vantagem sobre o processo de produção, criando-se assim, a divisão do trabalho na produção, intensificando a redução do homem como instrumento da máquina.

De acordo com Braverman (1981, p. 70),

(...) o mais antigo princípio inovador do modo capitalista de produção foi a divisão manufatureira do trabalho, e de uma forma ou de outra a divisão do trabalho permaneceu o princípio fundamental da organização industrial. A divisão do trabalho na indústria capitalista não é de modo algum idêntica ao fenômeno da distribuição de tarefas, ofícios ou especialidades da produção através da sociedade, porquanto, embora todas as sociedades conhecidas tenham dividido seu trabalho em especialidades produtivas, nenhuma sociedade antes do capitalismo subdividiu sistematicamente o trabalho de cada especialidade produtiva em operações limitadas. Esta forma de divisão do trabalho torna-se generalizada apenas com o capitalismo.

A divisão do trabalho na fábrica refere-se a distribuição dos trabalhadores fabris entre as máquinas especializadas e de muitos trabalhadores entre os vários departamentos que a compõem, onde operam em máquinas da mesma espécie

dispostas lado a lado. Assim, o grupo articulado de trabalhadores na manufatura é substituído pela conexão estabelecida entre o operário principal com poucos auxiliares, os quais apenas cooperam entre si. É importante ressaltar que a distinção essencial entre os trabalhadores fabris consiste entre aqueles que se ocupam efetivamente com as máquinas (operadores qualificados) e aqueles que são simples ajudantes (não-qualificados). Ao lado dessas duas classes principais, se encontra um número pequeno de pessoas que possuem conhecimento para o controle e reparação da maquinaria, como engenheiros, mecânicos, marceneiros, os quais caracterizam-se por possuírem uma formação científica e artesanal diferenciada dos demais trabalhadores fabris (MARX, 1996b).

Com a introdução da maquinaria no processo produtivo, o domínio do capital sobre o trabalho se intensifica sobremaneira, impondo ao trabalhador a sua adaptação ao maquinário, uma vez que a preocupação do sistema capitalista consistia em acumular cada vez mais quantidade de capital e obter sempre uma maior produtividade.

Braverman (1981, p. 169), definiu de forma clara a situação vivida pelos trabalhadores dessa época:

(...) o notável desenvolvimento da maquinaria vem a ser, para a maioria da população trabalhadora, a fonte não de liberdade, mas de escravização, não a de domínio, mas de desamparo, e não do alargamento do horizonte do trabalho, mas do confinamento do trabalhador dentro de um círculo espesso de deveres servis no qual a máquina aparece como a encarnação da ciência e o trabalhador como pouco ou nada.

A maquinaria se tornou então uma poderosa forma de elevar a produtividade do trabalho, enxugando o tempo antes necessário para a produção de uma mercadoria, prolongando assim a jornada de trabalho para além de qualquer limite natural. A acumulação e a valorização do capital eram possibilitadas pelas habilidades dos trabalhadores fabris e pelo controle exercido sobre o modo e o tempo de realização do trabalho (MARX, 1996b).

Desta forma, a expectativa do capitalista era poder controlar a máquina humana com as mesmas regras que as máquinas eram operadas, desenvolvendo no início de século XX, nos Estados Unidos, um novo método de organização do processo de trabalho. O taylorismo, desenvolvido por Frederick Winslow Taylor (1856-1915) nas últimas décadas do século XIX, objetivava criar uma verdadeira

máquina humana através da combinação dos princípios de engenharia com o método científico, os quais permitiram aumentar a produtividade industrial mediante a regulação do processo produtivo.

Nesta época, o capitalismo norte-americano já possuía condições de assumir a frente do processo de acumulação mundial, devido a existência de recursos naturais em abundância, em especial carvão e petróleo, além do avanço tecnológico de sua indústria, bem como uma grande quantidade de trabalhadores disponíveis devido à imigração de todas as partes do mundo. Contudo, essas condições se conflitavam com a falta de um modo de organização do trabalho que deveria ser compatível com as novas condições do processo de produção que estavam se desenvolvendo (COSTA, 1995).

Assim, o problema que Taylor desejava resolver era tornar eficiente o sistema, com máxima eficácia e rendimento, através de um método científico que objetivasse aumentar a produtividade do trabalho, evitando qualquer desperdício de tempo, materiais, ferramentas e homens, na produção (RAGO; MOREIRA, 1986). Essa forma de administração seria “(...) regida por normas, princípios e leis claramente definidos, tal como uma instituição” (TAYLOR, 1987, p. 30).

O desafio de Taylor era, portanto, reduzir o trabalho para que esse assumisse o caráter de um objeto do processo de produção, tornando-o mais manipulável e maleável. Assim, a determinação do processo de produção do trabalho (organização e andamento) deixaria de ser realizado pelos trabalhadores, que até então detinham o conhecimento e a informação sobre os métodos de produção, passando a ser determinados pelos gerentes através de uma estrutura baseada na administração científica, na qual o trabalho humano deveria ser inserido no processo de produção como extensão da máquina (DIAS, 2008). A racionalização do trabalho na indústria atribuía à gerência a função de “(...) reunir todos os conhecimentos tradicionais que no passado possuíam os trabalhadores e então classificá-los, tabulá-los, reduzi-los a normas, leis ou fórmulas (...)” (TAYLOR, 1987, p. 51), objetivando minimizar os problemas apresentados pelo fator humano.

Os princípios básicos do sistema de Taylor envolviam quatro passos. O primeiro princípio constituía no desenvolvimento (por parte da administração) de uma ciência para cada elemento do processo de trabalho, através de regras rígidas que garantissem a padronização e a perfeição durante a execução do trabalho, reduzindo o conhecimento do trabalhador, estudando os tempos de cada trabalho

com a introdução do cronômetro, objetivando concluir o tempo necessário para determinada operação.

O trabalho era então transformado em atividade parcelada e realizado de forma repetitiva e sem sentido, privando o indivíduo da utilização de sua capacidade criativa. Bem como afirmou Gramsci (1978, p. 328),

Taylor de fato exprime, com cinismo brutal, o fim da sociedade americana; desenvolver no trabalhador, no máximo grau, atitudes maquinais e automáticas, despedaçar o velho nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado, que exigia uma certa participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalhador e reduzir as operações produtivas ao seu único aspecto físico maquinal.

O segundo princípio designava a selecionar cientificamente o trabalhador dentro de cada operação, eliminando aqueles que não se adequavam aos novos métodos. Após selecionados, os trabalhadores deveriam ser ensinados, treinados e aperfeiçoados nas tarefas, as quais eram relativamente simples.

Segundo Heloani (2002, p. 30),

A formulação 'científica' das práticas de seleção e treinamento reflete a consolidação do padrão tecnológico da Segunda Revolução Industrial. Esse padrão passa a exigir formas de administração mais sofisticadas, que aprofundam as exigências de adestramento. Como consequência, a seleção deve ser individualizada, e a antiga forma de recrutamento 'em massa' deve ser abandonada nos principais ramos (...).

Uma vez que as tarefas anteriores foram realizadas, o terceiro princípio consistiria na cooperação do gerente com os trabalhadores, com o objetivo anular os problemas de classes no processo de trabalho e de controlar os mínimos detalhes de sua tarefa.

O quarto princípio, fase final da Administração Científica, consistiria em manter uma divisão igualitária de trabalho e responsabilidades entre a administração e o trabalhador, possuindo uma clara divisão entre trabalho braçal e intelectual, ou seja, os gerentes planejavam e os trabalhadores executavam. Os quatro princípios aplicados nas indústrias de todo o mundo reuniam o poder das decisões nas mãos dos administradores, excluindo os trabalhadores de todo o processo de planejamento da produção, restando a estes a venda de sua força de trabalho.

Dentre as características do sistema de Taylor, duas devem ser destacadas devido à resistência gerada pelos trabalhadores. A primeira refere-se ao surgimento do trabalho realizado hoje pelos analistas de tempos e movimentos, através do cronômetro que objetiva avaliar a produtividade. A segunda característica é a individualização do salário através da quantidade de produção (por peça) ou pelos prêmios adicionais destinados aos operários que excediam a produção média estipulada. Essa proposta, motivada pela ambição pessoal do operário, introduzia a competição entre os trabalhadores (RAGO; MOREIRA, 1986).

Além disso, esse novo método de produção tornou possível a simplificação das tarefas executadas pelos trabalhadores, o que possibilitou a absorção de muitos trabalhadores que não possuíam experiência no trabalho fabril, os quais eram oriundos do campo, bem como do trabalho doméstico, o que contribuiu para o barateamento do preço da força de trabalho.

Utilizando os princípios de padronização e simplificação de Frederick Taylor, Henry Ford (1863-1947) fixou o trabalhador em seu posto de trabalho, criando a linha de montagem (esteira). De acordo com Dias (2008), o objetivo de Ford era maximizar a eficiência das indústrias, através da economia de tempo e da mecanização máxima do processo do trabalho, com o aumento do rendimento da maquinaria, o que difere do taylorismo, no qual a produtividade era aumentada pelo trabalho manual dos operários. Contudo, os princípios da Administração Científica de Taylor eram essenciais para tornar possível o funcionamento da linha de montagem, devido a necessidade de grande domínio dos tempos de trabalho. Desta forma, o ritmo do trabalho passa a ser imposto pela mecanização da linha de montagem, que impõe ritmos e normas padronizados.

As mudanças implantadas pelo modo de produção descrito por Ford possibilitaram a redução do esforço humano no processo de produção, o aumento da produtividade, bem como a diminuição dos custos em proporção ao volume produzido. As etapas de fabricação dos carros Ford eram executadas com grande facilidade, característica sem precedentes na história da indústria. Nessa nova organização, o trabalhador na linha de montagem passou a realizar e compreender apenas uma tarefa, não tendo mais outra função, o que o tornava totalmente desabilitado a exercer outra atividade, além de não possuir perspectiva de carreira (WOOD JR., 1992).

De acordo com Antunes (1999, pp. 229-230) o binômio taylorismo/fordismo é

(...) a expressão do sistema produtivo e do seu respectivo progresso de trabalho que dominaram a grande indústria capitalista ao longo de boa parte do século XX, fundado na produção em massa, responsável por uma produção mais homogeneizada. Esse binômio caracterizou-se pela mescla de produção em série fordista com o cronômetro taylorista, além de fundar-se no trabalho parcelar e fragmentado, com uma linha demarcatória nítida entre elaboração e execução. Desse processo produtivo e de trabalho centrado na grande indústria concentrada e verticalizada expandiu-se o operário-massa, o trabalhador coletivo das grandes empresas fortemente hierarquizadas.

Além disso, para Harvey (1992, p. 121), a característica inovadora de Ford refere-se ao

(...) seu reconhecimento explícito de que a produção de massa significava consumo de massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista.

Neffa (1998) assinalou as principais características do novo processo de produção desenvolvido por Ford, as quais se constituem pela produção em massa de produtos, com o objetivo de reduzir os custos da produção e consequentemente, o preço de venda do automóvel; pela verticalização da produção, possibilitando o controle direto do processo de produção (de cima para baixo); pelo funcionamento contínuo da produção, possibilitado pela linha de montagem rolante; pela intensificação do ritmo de trabalho; pela intensa diferença entre o trabalho braçal e o trabalho intelectual; pela centralização das decisões; bem como pela clara divisão do trabalho.

Outra característica refere-se à extensão do fordismo na sociedade, estabelecendo a forma de regulação do capitalista monopolista, desenvolvido nos Estados Unidos no período entre guerras. No período pós Segunda Guerra Mundial, consolidou-se, principalmente nos países europeus, o intervencionismo estatal, que se apoiava nas políticas keynesianas, constituindo uma estabilidade no regime de acumulação, onde

(...) O Estado teve que assumir novos (keynesianos) papéis e construir novos poderes institucionais; o capital corporativo teve de ajustar as velas em certos aspectos para seguir com mais suavidade a trilha da lucratividade segura; e o trabalho organizado teve de assumir novos papéis e funções relativas ao desempenho nos mercados de trabalho e nos processos de produção. O equilíbrio de poder tenso, mas mesmo assim firme, que prevalecia entre o trabalho organizado, o grande capital corporativo e a

nação-Estado, é que formou a base do poder da expansão do pós-guerra (HARVEY, 1992, p. 125).

Nogueira (2004) afirmou que o modo de produção fordista, possibilitou às indústrias automobilísticas de Henry Ford, bem como àquelas que utilizaram-se de seu método de produção, atingirem o topo da produção mundial padronizada e servirem como modelo para outros tipos de empresas de todo o mundo.

O método fordista de produção se desenvolveu fortemente no mercado mundial durante uns 50 anos (1920-1970), sendo seu núcleo constituído por um conjunto de indústrias de produção em massa de bens de consumo durável, de capital, automóveis e equipamentos industriais. A partir da década de 1970, grandes empresas fordistas entraram em crise profunda devido alguns fatores, tais como a crise do petróleo, a modificação das características da demanda, o aumento dos custos de mão-de-obra nos países desenvolvidos, levando-as a buscarem alternativas organizacionais e uma redefinição das características de mercado objetivando adaptarem-se rapidamente às mudanças (DIAS, 2008)

Bem como afirmou Harvey (1992, p.140),

A profunda recessão de 1973, exacerbada pelo choque do petróleo, evidentemente retirou o mundo capitalista do sufocante torpor da “estagflação” (estagnação da produção de bens e alta de inflação de preços) e pôs em movimento um conjunto de processos que solaparam o compromisso fordista. Em consequência, as décadas de 70 e 80 foram um conturbado período de reestruturação econômica e de reajustamento social e político (...). No espaço social criado por todas essas oscilações e incertezas, uma série de novas experiências nos domínios da organização industrial e da vida social e política começou a tomar forma. Essas experiências podem representar os primeiros ímpetus da paisagem para um regime de acumulação inteiramente novo, associado com um sistema de regulamentação política e social bem distinta.

Desta forma, para enfrentarem a crise, as empresas passaram a reformular suas estratégias administrativas, buscando superar a rigidez do modelo fordista e procurando novos produtos e novos mercados, além de dispersarem sua produção para locais onde as organizações fiscais e sindicais fossem menos organizadas, bem como a mão-de-obra fosse mais barata, com o objetivo de acelerar o tempo de giro do capital. Assim, novas formas de organização do trabalho e da produção começaram a ser adotadas, as quais foram inspiradas no modelo japonês, conhecido como toyotismo (MERLO; LAPIS, 2007).

Gounet (1999) afirmou que o toyotismo foi criado por Taiichi Ohno que, por muitos anos, foi vice-presidente da Toyota. Segundo o autor, o toyotismo teve por objetivo aumentar a produtividade em situações de crescimento lento, através da produção solicitada pela demanda; do combater ao desperdício (limitando ao máximo o tempo de transporte, da estocagem e do controle de qualidade) e do rompimento da relação um homem/uma máquina, tornando o trabalhador polivalente, pelo dever de operar várias máquinas em seu trabalho. Além disso, com o toyotismo instala-se o *kanban*⁷ para organização do processo de produção, além de desenvolverem relações de subcontratação com os fornecedores de autopeças⁸.

Assim, enquanto o fordismo não apresentava eficácia em períodos de não crescimento ou crescimento lento, o toyotismo buscava respostas a essa situação. “(...) quando a demanda não cresce ou cresce debilmente, torna-se pouco eficaz. Os estoques se acumulam, já não achando compradores. E tais reservas trazem custos. O onhismo é uma resposta a essa nova situação de crescimento lento” (GOUNET, 1999, p. 65).

O autor ainda acrescentou que há duas técnicas possíveis de racionalização da produção em tempos de crescimento lento, sendo elas o *just-in-time* e a autonomização. O *just-in-time* permite que se produza apenas aquilo que se demanda e a autonomização refere-se à capacidade da máquina operar sozinha, o que ocasiona a intensificação do trabalho, uma vez que um trabalhador passa a operar várias máquinas de uma só vez, além de se tornar responsável pelo controle de qualidade, pela limpeza no local de trabalho, pela manutenção dos equipamentos, passando a realizar não somente um trabalho braçal, como também intelectual. Essa “nova organização do trabalho corresponde melhor ao nível de eficácia requerido pelo capitalismo atual” (GOUNET, 1999, p. 67).

Desta forma, a partir da década de 1970 esse modo de produção industrial repercute no mundo ocidental como uma alternativa possível do capital de superar sua crise de acumulação devido ao seu sistema de organização, seu avanço tecnológico, o trabalho em equipe, os mecanismos de envolvimento e a grande

⁷ O *kanban* é uma espécie de placa que serve como senha de comando para informar ao departamento que fabrica determinada peça, que esta deve ser recomposta ao estoque esgotado, uma vez que foi utilizada durante o processo de produção, caracterizando-se como um método rápido, fácil e essencial (GOUNET, 1999).

⁸ Os fabricantes de autopeças são empresas independentes; contudo, a Toyota impõe aos fornecedores o seu sistema de produção, como por exemplo, possuírem máxima flexibilidade, instalarem-se a um raio de 20 km das montadoras, além de fixar condições de preço, prazo e qualidade das empresas (GOUNET, 1999).

intensificação deste. O mundo capitalista ocidental passa então a desenvolver técnicas de organização similares ao sistema toyotista, constituindo-se no mais avançado experimento de reestruturação produtiva (ANTUNES, 1999).

Assim, como analisou Nogueira (2004), o toyotismo, modelo japonês de produção, com sua flexibilidade⁹ para atender às mudanças do mercado, é parte integrante de um novo modo de organização e produção do trabalho denominado reestruturação produtiva, que se desenvolveu, portanto, com a crise do processo de organização fordista, constituindo-se em uma nova expressão do processo de racionalização do trabalho. Esse processo foi responsável, como afirmou Antunes (1999) por uma nova configuração da classe trabalhadora, bem como pela intensificação das diversas formas de precarização do trabalho.

No Brasil, a difusão do modelo japonês que vinha se reproduzindo desde o início dos anos de 1980, intensificou-se a partir da década de 1990 atingindo a economia capitalista brasileira que buscava a retomada do crescimento econômico, estagnado durante toda a década de 1980 (NAVARRO, 2006b).

A consolidação de uma nova organização nas empresas brasileiras trouxe implicações significativas não só na conduta empresarial, que implantou novos programas de gestão do trabalho, de inovação tecnológica, bem como de reorganização do trabalho, além de consequências nas relações de trabalho (POCHMANN, 2006) e na vida dos indivíduos.

Antunes e Alves (2004) afirmaram que, com a retração do binômio taylorismo/fordismo, vem ocorrendo a redução do proletariado industrial, tradicional, fabril, manual, especializado e estável, herdeiro dessa era da indústria verticalizada. Com a reestruturação produtiva, esse trabalhador dá lugar a um novo proletariado fabril, o qual se expande em escala global e que está presente nas formas mais desregulamentadas de trabalho, ou seja, nas diversas formas de trabalho precarizado, caracterizado pela terceirização, pelo emprego subcontratado, *part-time*, dentre outros.

Além disso, o processo de reestruturação produtiva, baseado na flexibilização para a acumulação capitalista resultou em grandes consequências para o mundo do trabalho, fragmentando a classe trabalhadora, tornando-a heterogênea e complexa,

⁹ Segundo Mészáros (2002, p. 342), as “práticas trabalhistas flexíveis” caracterizam-se por “um eufemismo cínico para a política deliberada de fragmentação e precarização da força de trabalho e para a máxima exploração administrável do trabalho em tempo parcial”.

por torná-la qualificada em setores onde uma intelectualização do trabalho foi necessária, e desqualificada e precarizada em outros setores, como na indústria. Criou-se na classe trabalhadora, um grupo de trabalhadores multifuncionais e polivalentes, os quais são capazes de operar máquinas com controle numérico, e um grupo em massa precarizado e sem qualificação (ANTUNES, 1999).

A *classe-que-vive-do-trabalho*¹⁰, a classe trabalhadora, hoje inclui a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores *produtivos* (...). (...) Sendo o trabalhador *produtivo* aquele que produz diretamente mais-valia¹¹ e que participa *diretamente do processo de valorização do capital, ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora*, encontrando no *proletariado industrial* o seu núcleo principal. (...) Mas a *classe-que-vive-do-trabalho* engloba também os trabalhadores *improdutivos*, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem enquanto elemento diretamente produtivo, enquanto elemento vivo do processo de valorização do capital e de criação de mais-valia (ANTUNES, 1999, p. 102).

Somam-se a isso as profundas mudanças na estrutura do mercado de trabalho produzidas pelo processo de reestruturação produtiva, principalmente a partir da década de 1990, as quais contribuíram decisivamente para expandir a precarização da estrutura de emprego, uma vez que buscando maior produtividade e competitividade, as empresas passaram a eliminar postos de trabalho, expulsando contingentes significativos de trabalhadores, o que elevou sobremaneira as taxas de desemprego (BRAGA FILHO, 2002).

Como afirmou Pochmann (1999, p. 65),

Desde o início da década de 80, o mercado de trabalho brasileiro aponta para uma trajetória muito distinta daquela observada entre os anos 30 e 70. Até então, a estruturação do mercado de trabalho era evidente e se dava por meio da ampliação dos empregos assalariados, sobretudo dos

¹⁰ A expressão “*classe-que-vive-do-trabalho*” utilizada por Antunes (1999, p. 101), tem como objetivo “dar contemporaneidade e amplitude ao *ser social que trabalha*, à classe trabalhadora hoje, apreender sua *afetividade, processualidade e concretude*”. Além disso, a expressão *classe-que-vive-do-trabalho* ou *classe trabalhadora* é utilizada quando se engloba tanto o proletariado industrial (os quais criam mais-valia, participando diretamente do processo de valorização do capital), como os trabalhadores assalariados e desempregados que vendem a sua força de trabalho.

¹¹ “O segundo período do processo de trabalho, em que o trabalhador labuta além dos limites do trabalho necessário, embora lhe custe trabalho, dispêndio de força de trabalho, não cria para ele nenhum valor. Ela gera a mais-valia, que sorri ao capitalista com todo o encanto de uma criação do nada. Essa parte da jornada de trabalho chamo de tempo de trabalho excedente, e o trabalho despendido nela: mais-trabalho (*surplus labour*). (...) A taxa de mais-valia é, por isso, a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista” (MARX, 1996a, p. 331-332).

registrados, e da redução das ocupações por conta própria, sem remuneração e do desemprego. Os anos 80, contudo, pronunciaram uma ruptura na tendência de funcionamento do mercado de trabalho, tornando-o cada vez menos estruturado. Na década de 90, os sinais de desestruturação do mercado de trabalho assumiram maior destaque, consolidando a tendência de redução do assalariamento com registro e de expansão do desemprego e de ocupações não organizacionais.

Segundo Mészáros (2006) estamos diante de um desemprego crônico, o qual atinge todos os setores da economia, ocasionando uma significativa redução do padrão de vida de toda a classe trabalhadora.

Ao mesmo tempo em que as taxas de desemprego mostram-se significativas, observa-se também uma crescente precarização das condições de trabalho. Navarro (2006b, p. 218), citando o Dieese (1994), afirmou que diante do processo de reestruturação produtiva se observa um crescente movimento de descentralização da produção, denominado terceirização que, no Brasil, tem um caráter “‘fraudulento’, ‘espúrio’ e ‘predatório’”, uma vez que objetiva a redução dos custos mediante a exploração de relações de trabalho precárias caracterizadas pela subcontratação de mão-de-obra, pelos contratos temporários de trabalho, pelos trabalhos em tempo parcial, pelo trabalho em domicílio e pelo trabalho sem registro em carteira. Tais mecanismos de exploração tendem a neutralizar a regulação estatal e dos sindicatos, colocando em risco os direitos sociais e trabalhistas conquistados com grandes esforços.

O processo de terceirização refere-se à transferência da responsabilidade de um serviço ou de parte dele de uma empresa para outra. Caracteriza-se por uma estratégia de redução de custos que se baseia no aumento da eficiência e da produtividade, ou seja, a terceirização é mais uma estratégia de exploração das relações precárias de trabalho para a redução de custos que uma estratégia para o aumento da produtividade (REPULLO, 1997).

Como afirmou Delgado (1994), a terceirização refere-se a uma estratégia utilizada pelo capital para maximizar a produção, para reduzir os custos, para melhorar a qualidade e para desorganizar todos os trabalhadores.

Vale ressaltar ainda que em seus estudos acerca do complexo petroquímico, Druck (1999) concluiu que a terceirização resulta em um processo de precarização intra e extra-fábrica, uma vez que no interior das fábricas se observa precárias condições de trabalho e salariais, bem como uma divisão dos trabalhadores em

duas categorias: os efetivos e os subcontratados. No plano extra fabril, a terceirização ocasiona expansão do mercado informal de trabalho, caracterizada por vínculos empregatícios precários, além do crescimento no número de trabalhadores por conta própria que, em sua maioria, são prestadores de serviços terceirizados para empresas maiores.

Antunes (1999) chamou a atenção para o fato de que no bojo dessas mudanças, se verificou um crescimento significativo do trabalho feminino, responsável em muitos países avançados, por mais de 40% da força de trabalho. Contudo, na divisão sexual do trabalho pelo capital no espaço fabril, as atividades de capital intensivo são exercidas predominantemente por homens e, às mulheres, são destinadas atividades mais rudimentares, com menores níveis de qualificação e de trabalho mais intenso. Repercute, também, o fato de a força de trabalho feminina ser absorvida pelo capital principalmente no universo de trabalho precarizado, *part time*, informal, desregulamentado; a tais malezas adicionam-se a desigualdade salarial, contraditória à sua participação no mercado de trabalho e a desigualdade dos direitos sociais e trabalhistas.

(...) Na divisão sexual do trabalho, operada pelo capital dentro do espaço fabril, geralmente as atividades de concepção ou aquelas baseadas em capital intensivo são preenchidas pelo trabalho masculino, enquanto aquelas dotadas de menor qualificação, mais elementares e muitas vezes fundadas no trabalho intensivo, são destinadas às mulheres trabalhadoras (ANTUNES, 1999, pp. 105-106).

Hirata (2002) afirmou que as novas tecnologias tendem a reforçar a marginalidade das mulheres e constituem um perigo principalmente para as mulheres não-qualificadas. A autora salientou ainda que no processo de reestruturação produtiva, os postos de trabalho que implicam em tarefas repetitivas são os que continuam disponíveis para as mulheres.

(...) é inevitável constatar que o panorama é extremamente complexo e heteróclito quando se fala em consideração às diferenças ligadas ao gênero, à qualificação e à divisão internacional do trabalho: as teses de alcance universal, tais como aquelas dos 'novos paradigmas' ou dos 'dos novos modelos de produção', são, assim, obrigatoriamente questionadas à luz das pesquisas empíricas que introduzem essas diferenciações (HIRATA, 2002, p. 231).

Dentre as diversas consequências dessa divisão sexual do trabalho pode-se dizer, portanto, que o crescimento do trabalho feminino é caracterizado, sobretudo, pelo trabalho mais precarizado, que é fortemente marcado pela informalidade, com salário inferior e jornada mais prolongada em relação aos homens (ANTUNES, 1999).

Minayo-Gomez e Thedim-Costa (1997) alertaram para o fato de que o desmonte do mercado formal de trabalho provocado pela avalanche da terceirização, a partir da década de 1990, dificulta não apenas a fiscalização dos ambientes de trabalho, mas a própria identificação das doenças originadas desse, bem como dos complexos processos que as geraram, uma vez que muitas delas apresentam, nas fases iniciais, sintomas comuns a outras doenças, sendo percebidas, conseqüentemente, em estágios avançados.

Mesmo assim, observa-se nos últimos anos aumento significativo do número de queixas e sintomas relacionados ao trabalho e suas precárias condições, intensificando gravemente o processo de adoecimento que atinge, sobretudo, a classe trabalhadora feminina devido a caracterização dos trabalhos destinados a ela, resultando no crescente número de trabalhadoras com fadiga, déficits auditivos e visuais, transtornos de ansiedade, intoxicações exógenas, além de outras doenças como as lesões por esforços repetitivos (LER) (CARLOTO, 2003). A destruição do indivíduo no trabalho se estende para além de seu espaço restrito e atinge todas as esferas de sua vida privada (LANCMAN, 2007), pois a doença, nas palavras de Almeida (2000), representa um rompimento na vida cotidiana e modifica não só as relações sociais, como seu projeto de vida.

Paralelamente a essa realidade, ocorre uma dissociação entre quem planeja e quem executa o trabalho, ocasionando, muitas vezes, a redução do fator humano diante dos maquinários com suas tecnologias e do processo de trabalho, o que resulta na desumanização das relações, dos limites físicos, morais e mentais dos indivíduos que trabalham, pois o risco de um acidente com um trabalhador é comparado ao risco de danificação de um maquinário (LANCMAN et al., 2003).

Como afirmou Marx (1996b, p. 56)

Toda produção capitalista, à medida que ela não é apenas processo de trabalho, mas ao mesmo tempo processo de valorização do capital, tem em comum o fato de que não é o trabalhador quem usa as condições de trabalho, mas, que, pelo contrário, são as condições de trabalho que usam o

trabalhador: só, porém, com a maquinaria é que essa inversão ganha realidade tecnicamente palpável.

Toda essa realidade é verificada nas indústrias de calçados de Franca que, a partir da década de 1990, intensificaram significativamente os processos de reestruturação produtiva diante da globalização dos mercados que fez aumentar a concorrência entre os países produtores de calçados. Navarro (2004) afirmou que a indústria calçadista é um ramo caracterizado por baixo índice de concentração de capital; pelo emprego de mão-de-obra barata, e em boa medida, especializada; pela heterogeneidade do porte das indústrias, das tecnologias utilizadas e da qualidade do calçado produzido. As principais mudanças advindas da adoção de processos de reestruturação produtiva foram a redução do número de postos de trabalho, em especial daqueles que realizam tarefas auxiliares; a utilização do trabalho em grupo ou células de produção e o reagrupamento e rotação de tarefas, que representaram para os trabalhadores maior intensificação e controle do trabalho.

A autora descreveu também algumas estratégias de redução de custos adotadas pelas indústrias, dentre as quais a terceirização da mão-de-obra é a estratégia mais difundida, que resultou em maior exploração da força de trabalho, dado que boa parte de seus contratos eram precários, ao intenso aumento da jornada de trabalho, bem como de sua exploração em domicílio.

Assim, a escolha do trabalho na indústria calçadista de Franca como objeto de estudo dessa pesquisa justifica-se por nesta atividade se observar facilmente o resultado dessas mudanças, que atingem, de modo mais amplo, os diferentes setores da economia brasileira.

3. A INDÚSTRIA DE CALÇADOS

(...) a fábrica, ao mesmo tempo que confirmava a potencialidade criadora do trabalho, anunciava a dimensão ilimitada da produtividade humana através da maquinaria.
(EDGAR DE DECCA, 1996)

A indústria de calçados caracteriza-se pela heterogeneidade do porte das empresas, pelas diferenças existentes nos níveis de capacitação e eficiência do mercado, pela grande diversidade dos segmentos produtivos, pela intensa utilização de mão-de-obra, pela relativa utilização de padrões tecnológicos no processo produtivo e pelo fato de ser uma indústria geograficamente pulverizada no mundo (SEPLAN, 2001).

Vale ressaltar que como afirmou Navarro (2006a), a produção de calçados é um dos ramos tradicionais da produção industrial, que mesmo diante de todo o desenvolvimento tecnológico apresenta ainda características de trabalho artesanal, especialmente na produção de calçados de couro, dado que a busca da automação em determinadas etapas do processo de produção do calçado encontra dificuldades técnicas, o que faz esse ramo industrial necessitar intensivamente de trabalho vivo, demandando muita força de trabalho.

O processo de produção do calçado envolve um conjunto de operações organizadas em cinco etapas: a modelagem, o corte, a costura (que pode ser manual ou à máquina - pesponto), a montagem e o acabamento¹². O número de operações realizadas em cada uma dessas etapas é dependente do modelo do calçado a ser produzido, da tecnologia empregada, do tipo de organização de trabalho adotado e do porte da empresa (NAVARRO, 2006b).

¹² De acordo com Navarro (2006b) e Santos (2006), na *modelagem* são pesquisadas as tendências de moda, de insumos e elaborados os modelos dos calçados diretamente sobre uma forma. Após a elaboração dos moldes, procede-se para a operação do *corte* do couro, o qual pode ser realizado mecanicamente, através dos balancins de corte, e manualmente, com facas. Feito o *corte*, procede-se para a seção da costura, onde é necessária a preparação do couro para a realização da costura. A preparação inclui a chanfração e os serviços de mesa, onde os auxiliares de pesponto realizam atividades como chanfrar, passar cola, cortar e queimar linhas. Na etapa da *costura*, ocorre a ligação de diversas partes que compõem o calçado. A costura, assim como o corte, pode ser realizada manualmente (costura manual) ou mecanicamente (pesponto). Posteriormente à costura, é realizada a *montagem* do sapato que consiste em realizar a união do cabedal (parte superior do calçado) com a sola, sendo realizada em uma forma que reproduz o formato do pé. Após a montagem, o calçado segue para a seção de *acabamento* que conclui o processo de confecção do calçado através de tarefas diversificadas, como dar uniformidade ao solado, fazer a limpeza do calçado, aplicar vernizes, corrigir pequenos defeitos. Após estas etapas, o calçado encontra-se pronto para ser colocado na caixa e encaminhado à seção de expedição.

As características desta mercadoria são, basicamente, ditadas pela moda que impõe modelos e materiais utilizados em sua confecção; “assim, existem calçados sociais, esportivos, casuais, de segurança; para homens, mulheres e crianças; fabricados em couro, em tecidos, em materiais sintéticos, entre outros” (COSTA, 2002, p. 1).

É importante ressaltar que em meados da década de 1980, a indústria de calçados passou a reformular seu processo de produção e de organização do trabalho (ANDRADE; CORRÊA, 2001), que se intensificaram na década de 1990, resultando em mudanças na forma de organização das indústrias e na vida dos trabalhadores. Tais mudanças, segundo Antunes (2006a), são caracterizadas pelo aumento dos mecanismos de desregulamentação e pela precarização da força de trabalho.

3.1. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS MUNDIAL

De acordo com a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) (2008) uma das características relevantes da indústria calçadista mundial é sua estrutura industrial heterogênea, constituída por grande número de pequenas e médias empresas que concentram a sua atuação nos seus respectivos países de origem e a existência de um número reduzido de grandes empresas que, por atuarem de forma internacionalizada, responsabilizam-se por grande parte da produção e fornecimento ao mercado mundial.

Essas grandes empresas internacionais lideram um processo que objetiva reorganizar a cadeia de produção, de comercialização e de distribuição no plano global com o intuito de buscar novas fontes de suprimentos que possibilitem reduzir custos, principalmente os relacionados com a força de trabalho, processo que coexiste com o crescente deslocamento da produção mundial para os países asiáticos, em especial a China (ABDI, 2008) por produzir calçados simples e baratos devido ao reduzido custo da mão-de-obra, à possibilidade de atender grandes pedidos dada a sua elevada capacidade manufatureira e à manutenção da desvalorização da moeda chinesa frente ao dólar, o que favorece suas exportações (GARCIA; MADEIRA, 2008).

A produção mundial de calçados tem sofrido, nos últimos anos, algumas modificações importantes. O fortalecimento dos produtores localizados em países asiáticos (...) e sua inserção no mercado de calçados de couro, em meados da década de 80, intensificam a competição internacional. O mercado comprador passa a dispor de mais opções, o que estabelece novas limitações de custo, qualidade e flexibilidade aos produtores (RUAS, 1990, p. 108).

Navarro (2006a) afirmou que na década de 1990, a expansão da participação da China no mercado internacional de calçados causou preocupação aos países exportadores tradicionais dado que esse país passou a liderar a produção de calçados no mundo, bem como a exportação mundial¹³. De acordo com Costa (2002), a produção mundial de calçados em meados de 1960 era atendida por indústrias domésticas, passando a ser, em grande medida, transferida para a região asiática (Tabela 1) que ao fim dos anos 1990 respondia por cerca de dois terços das exportações mundiais (Tabela 2).

Tabela 1 - Principais países produtores de calçados, 1997-1999, (em milhões de pares)

Países	1997		1998		1999	
		%		%		%
China	5.252,0	47,9	5.520,0	50,3	5.930,0	51,9
Índia	680,0	6,2	685,0	6,2	700,0	6,1
Indonésia	527,2	4,8	316,3	2,9	507,0	4,4
Brasil	520,0	4,7	516,0	4,7	499,0	4,4
Itália	460,0	4,2	424,9	3,9	380,9	3,3
México	260,0	2,4	270,0	2,4	275,0	2,4
Tailândia	276,0	2,5	260,0	2,4	257,7	2,3
Vietnã	206,0	1,9	212,7	1,9	240,8	2,1
Paquistão	205,0	1,9	226,8	2,1	240,4	2,1
Turquia	270,5	2,5	276,7	2,5	227,0	2,0
Espanha	207,5	1,9	220,8	2,0	212,9	1,9
Demais países	2.091,0	19,1	2.049,4	18,7	1.954,5	17,1
Total	10.954,7	100,0	10.978,6	100,0	11.425,2	100,0

Fonte: SATRA/Abicalçados apud Costa (2002)

¹³ Convém mencionar que a consolidação das indústrias calçadistas dos países asiáticos resultou em grandes dificuldades para a indústria brasileira nos mercados consumidores internacionais (GOLDMAN, 2008).

Tabela 2 - Principais países exportadores de calçados, 1997-1999, (em milhões de pares)

Países	1997		1998		1999	
		%		%		%
China	2.996,0	47,0	3.086,1	49,7	3.425,8	52,1
Hong Kong	1.258,6	19,7	1.025,5	16,5	969,5	14,7
Itália	414,7	6,5	381,8	6,2	346,7	5,3
Vietnã	176,1	2,7	185,5	3,0	221,2	3,4
Indonésia	226,8	3,6	172,7	2,8	217,2	3,3
Brasil	142,0	2,2	131,0	2,1	137,2	2,1
Espanha	152,6	2,4	150,4	2,4	133,3	2,0
Tailândia	156,7	2,5	128,9	2,1	124,1	1,9
Portugal	93,2	1,5	93,0	1,5	95,2	1,4
México	30,0	0,5	39,0	0,6	83,0	1,3
Demais países	728,2	11,4	811,3	13,1	821,4	12,5
Total	6.374,9	100,0	6.205,2	100,0	6.574,6	100,0

Fonte: SATRA/Abicalçados apud Costa (2002)

A grande produção de calçados nos países asiáticos é consequência da necessidade de atender o consumo de calçados de qualidade inferior e média dos países avançados, que exigem grandes volumes de produção, onde o preço é grande atrativo para a demanda (COSTA, 2002). A grande exportação de calçados pelos países asiáticos acirra a concorrência no mercado internacional e reduz a atuação dos produtores e exportadores tradicionais (ABDI, 2008).

A indústria de calçados mundial apresenta um processo evolutivo em que se destaca a localização da produção em países ou regiões que ofereçam salários baixos e mão-de-obra abundante, tendo em vista a natureza intensiva em mão-de-obra e as limitadas possibilidades de automação da produção. Os deslocamentos se dão quando as regiões esgotam suas capacidades de oferecer condições competitivas e/ou surjam outros países com renovadas vantagens daquele tipo. É essa característica que basicamente explica o declínio e a emergência dos países na produção mundial de calçados, uma vez que a redução de custos tem-se constituído no elemento essencial da estratégia competitiva das empresas (ANDERSON, 2001, p. 1).

No contexto de acirramento da concorrência, Garcia e Madeira (2008) afirmaram que as indústrias buscam alternativas para reduzirem os custos da produção, em especial os custos do trabalho, que são parcelas significativas do

custo total dos produtos. Tal redução nos custos do trabalho justifica o caráter intensivo do trabalho nessas indústrias.

A indústria brasileira sentiu fortemente os impactos desse ambiente competitivo e passou a adotar estratégias de reestruturação da produção e de sua organização, com o objetivo de manter sua competitividade nos mercados nacional e internacional (FRANCISCHINI; AZEVEDO, 2003).

3.2. CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS BRASILEIRA

A indústria de calçados no Brasil é de grande importância para a economia do país dado seu volume de produção, sua significativa participação nas exportações e sua capacidade de gerar empregos (NAVARRO, 2004).

Historicamente, o processo de desenvolvimento da indústria de calçados brasileira iniciou-se no século XIX, no Rio Grande do Sul, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães que atuavam na agricultura, na criação de animais e no artesanato, especialmente de artigos de couro, na confecção de arreios de montaria (ABICALÇADOS, 2008b). Nesse período, os imigrantes implantaram curtumes nessa região, aproveitando a disponibilidade das peles vacuns, que eram inicialmente provenientes das charqueadas¹⁴ e, posteriormente, dos frigoríficos (CORRÊA, 2001).

A produção, que inicialmente era caseira e caracterizada pela confecção de arreios de montaria, ganhou mais força com a Guerra do Paraguai, que ocorreu de 1864 a 1870. Após o episódio, surgiu a necessidade de ampliar o mercado comprador. Assim, surgiram alguns curtumes e a fabricação de algumas máquinas, que tornava a produção mais industrializada (ABICALÇADOS, 2008b, p. 3).

Em 1888 surgiu no Vale do Rio dos Sinos (RS) a primeira fábrica de calçados brasileira, fundada por Pedro Adams Filho (LOPES JÚNIOR; SOUZA, 2006). Contudo, foi somente na década de 1960 que se observou maior crescimento do

¹⁴ A charqueada era o local de elaboração do charque. A produção consistia na desidratação da carne bovina por meio da salga e da secagem. A carne recebia sal seco e era posta nos varais (GAZETA DO SUL, 2009, p. 6). A fabricação do charque foi durante longos anos a principal atividade econômica dos colonizadores da região; contudo, com o avanço tecnológico, surgiram novas tecnologias de refrigeração, dentre elas os frigoríficos, o que resultou na perda da força econômica das charqueadas (SILVA, 2007).

setor, como resultado das exportações em grande escala. De acordo com a Abicalçados (2008b, p. 3), “a primeira exportação brasileira em larga escala ocorreu em 1968, com o embarque das sandálias Franciscano, da empresa Strassburguer, para os Estados Unidos”.

O movimento de elevação das exportações de calçados a partir do final da década de 60 fez com que a indústria brasileira consolidasse-se como uma grande provedora desses produtos no mercado internacional, exercendo papel importante na configuração da cadeia global de produção e distribuição de calçados (GARCIA; MADEIRA, 2008, p. 34).

Com o aumento no volume dos pedidos pelos importadores, as indústrias brasileiras iniciaram, nos anos de 1970, um processo de modernização e mecanização da produção, que resultou em qualificação do processo de produção, fazendo com que entre as décadas de 1970 e 1980 a produção para o mercado externo fosse quintuplicada, sendo os Estados Unidos os maiores importadores (ANDERSON, 2001). A autora afirmou ainda que, no final dos anos de 1980, as exportações diminuíram devido à crise econômica brasileira, bem como às dificuldades competitivas do setor, que eram crescentes no mercado internacional.

A partir da década de 1990, neste contexto de intensificação da concorrência nos mercados (interno e externo), o processo de reestruturação produtiva se fortalece, levando a indústria de calçados a inovar a tecnologia utilizada, bem como a adotar novas formas de organização e gestão do trabalho, mudanças que buscavam aumentar a competitividade de seus produtos mediante a redução dos custos de produção, a melhoria da qualidade e ao aumento da produtividade (NAVARRO, 2004).

Vale acrescentar que mesmo diante dessas transformações que resultaram na redução de diversos postos de trabalho; no aumento da taxa de desemprego; na intensificação do ritmo de trabalho; no aumento da jornada de trabalho; bem como no trabalho terceirizado; e na exploração do trabalho em domicílio (NAVARRO, 2004), a indústria brasileira de calçados vem sendo ameaçada no mercado internacional diante do avanço dos países asiáticos nos grande mercados consumidores do mundo (GARCIA; MADEIRA, 2008).

Convém mencionar ainda que, apesar da redução do volume de produção e exportação nos últimos anos, atualmente a indústria de calçados caracteriza-se como um importante setor da economia brasileira, colocando-se no terceiro lugar no

ranking dos principais produtores mundiais de calçados (Tabela 3) e no quinto entre os maiores exportadores mundiais de calçados (Tabela 4).

Tabela 3 - Principais países produtores de calçados, 2003-2005, (em milhões de pares)

Países	2003	2004	2005
China	7.043,0	8.100,0	9.000,0
India	780,0	850,0	909,0
Brasil	665,0	750,0	762,0
Indonésia	507,0	533,0	580,0
Vietnã	416,6	445,2	525,0

Fonte: SATRA, 2007 apud Abicalçados (2008b)

Tabela 4 - Principais países exportadores de calçados, 2003-2005, (em milhões de pares)

Países	2003	2004	2005
China	5.026,0	5885,0	6.914,0
Hong Kong	743,3	744,6	740,6
Vietnã	393,0	420,2	472,7
Itália	297,6	279,3	249,0
Brasil	189,0	212,0	217,0

Fonte: SATRA, 2007 apud Abicalçados (2008b)

Garcia e Madeira (2008) completaram ainda que, buscando encontrar alternativas para se manterem no mercado internacional, as indústrias brasileiras de calçados procuraram diversificar os mercados importadores, elevando suas vendas para países onde a presença dos grandes compradores mundiais não era verificada (Tabela 5).

Tabela 5 - Principais destinos dos calçados brasileiros, 2007

Países	2007	
	US\$	PARES
Estados Unidos	717.492.198	49.094.950
Reino Unido	229.883.617	12.195.675
Argentina	166.448.350	18.263.620
Itália	83.507.412	5.493.121
Venezuela	66.579.622	9.692.967
Espanha	57.500.069	5.346.770
Canadá	45.575.525	2.984.816
México	37.602.163	6.940.530
Holanda	36.914.571	1.847.637
Alemanha	36.914.571	1.847.637
Outros	434.514.130	63.195.069
Total	434.514.130	63.195.069

Fonte: MDIC/SECEX apud Abicalçados (2008b)

É importante acrescentar que o parque industrial calçadista brasileiro contempla um número de 9.733 estabelecimentos formalmente cadastrados em todos os estados (Tabela 6), distribuídos entre micro, pequenas, médias e grandes empresas, desempenhando um papel de grande importância na economia brasileira no que se refere à empregabilidade, uma vez que em 2007, segundo os dados disponibilizados pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), de 7.082.167 pessoas empregadas na indústria de transformação, 316.508 referem-se a indústria calçadista, ou seja, 4,4% do total da indústria de transformação (Tabela 7).

Tabela 6 - Distribuição, por região geográfica, do número de estabelecimentos de indústria de calçados no Brasil, 2007

Região	Quantidade
Norte	16
Nordeste	643
Sudeste	4.628
Sul	4.183
Centro-Oeste	263
Total	9.733

Fonte: RAIS/MTE (2007)

Tabela 7 - Número de empregos, por região geográfica, na indústria de calçados no Brasil, 2007

Região	Quantidade
Norte	223
Nordeste	100.523
Sudeste	83.251
Sul	129.660
Centro-Oeste	2.841
Total	316.508

Fonte: RAIS/MTE (2007)

Como pode-se observar, a produção de calçados brasileira que possui uma grande concentração de empresas de grande porte no estado do Rio Grande do Sul, está sendo cada vez mais distribuída para outros pólos das regiões Sudeste e Nordeste (ABICALÇADOS, 2008b).

No Estado de São Paulo, o município de Franca, maior produtor de calçados masculinos do país, destaca-se, como dito anteriormente, por sua produção e por lá observar-se facilmente os resultados do processo de reestruturação produtiva nas indústrias e na vida dos trabalhadores.

3.3. FRANCA: CONTEXTUALIZANDO SUA HISTÓRIA E SUA INDÚSTRIA

Franca situa-se no nordeste do Estado de São Paulo e dista, por via rodoviária, aproximadamente 400 km da capital paulista. O município, situado a uma altitude de 1040 metros acima do nível do mar, abrange uma área de 607 km² onde, no ano de 2000, residiam 287.737 pessoas, das quais 142.159 eram homens (49,4%) e 145.578 eram mulheres (50,6%); 282.203 habitantes (98%) residiam na zona urbana e 5.534 (2%) na zona rural. A população economicamente ativa foi estimada em 187.000 habitantes, ou seja, 65% da população total (IBGE, 2000). A Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) (2008), trabalhando com um índice de crescimento anual da ordem de 1,81%, estimou, para o ano de 2008, a existência de 331.480 habitantes no município.

O relevo da área urbana de Franca é composto por três colinas: a Colina Central, região onde surgiu a cidade e local que corresponde ao atual centro; a

Colina Santa Rita ou Colina Santa Cruz, situada a leste e separada da primeira pelo Córrego do Cubatão e a Colina da Estação, situada a oeste e separada da primeira pelo Córrego dos Bagres. A partir da década de 1970, a zona urbana se expandiu para além das três colinas (FOLLIS, 2004).

Franca, conhecida como a “capital do calçado”, é sede de importante cluster¹⁵ calçadista, voltado para a fabricação de calçados masculinos.

Apesar de não ser objeto dessa pesquisa a realização do resgate histórico da produção coureiro-calçadista na cidade de Franca (SP), é interessante nos atermos ao tema, ainda que brevemente.

A sua história remonta aos idos do “Sertão do Capim Mimoso”, onde se constituiu o município de Franca, entre os Rios Pardo e Grande. Seu povoamento ocorreu em duas fases sucessivas: a primeira, no século XVIII, vinculada às descobertas das minas de Goiás por Ananhaguera II e a segunda, ao final do século XVIII e início do século XIX, com o declínio da mineração.

Cortando o Sertão¹⁶, região fronteira entre a Capitania de São Paulo e de Minas Gerais, o “Caminho de Guayases”, também chamado de “Estrada dos Goyazes” possivelmente originou a primeira forma de povoamento da região através dos pousos¹⁷ que serviam de ponto de parada e de descanso para viajantes, mineradores e negociantes que iam em direção à Vila Boa de Goiás, com o objetivo de extrair ouro dos ribeirões goianos (CHIACHIRI FILHO, 1986).

Essa rota, conhecida também como “Estrada do Sal”, possibilitava a viagem de paulistas que almejavam alcançar os auríferos de Goiás, tornando uma região de entreposto de sal (presente desde a origem de sua ocupação nas décadas finais do século XVIII) e ponto de negócio de mercadorias. O sal, transportado em carros de boi ou em lombos de mulas, em viagens que chegavam a durar meses, era destinado à alimentação humana, ao trato do gado e à conservação de gêneros

¹⁵ Porter (1998, p. 209) definiu cluster como “concentrações geográficas de companhias e instituições num setor específico. Os clusters englobam uma gama de empresas e outras entidades importantes para a competição, incluindo, por exemplo, fornecedores de matéria-prima, componentes, maquinários, serviços e instituições voltadas para o setor. Podem se estender verticalmente e horizontalmente na cadeia produtiva”.

¹⁶ De acordo com Saint-Hilaire (1938, p. 247-248), “... sertão (...) não designa divisão política de território, não indica senão uma simples divisão vaga e convencional, determinada pela natureza particular do território e, principalmente, pela escassez de população”.

¹⁷ Segundo Chiachiri Filho (1986, p. 51) os pousos se constituíam em “(...) pequeninos núcleos populacionais plantados em toda a sua extensão e regados por um córrego”. Tomazini (2003, p. 114) acrescentou que os pousos eram “constituídos por edificações esparsas que abrigavam reduzido número de famílias com seus escravos e agregados - locais de comércio, para suprir as necessidades dos viajantes que por ela transitavam”.

alimentícios. Esta estrada, até o final da década de 1960, era o único caminho para o transporte do sal que, desembarcado em Santos, era conduzido ao interior de São Paulo e estocado e revendido no Sertão do Rio Pardo, onde se seguia para ser distribuído em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, sendo por esta razão denominado de "sal francano" (TOMAZINI, 2003).

O povoamento do Sertão do Capim Mimoso iniciou uma nova fase com o declínio da produção aurífera, que obrigou grande número de mineiros a emigrarem em busca de terras para plantio e criação de gado (TOMAZINI, 2003). Esses primeiros moradores encontraram na região condições naturais semelhantes às que estavam habituados, que eram propícias para a pecuária (NAVARRO, 2006b). Com a pecuária, um forte comércio de intermediação foi gerado e, devido a abundância de couro, ocorreram atividades artesanais de curtimento e a instalação de seleiros que confeccionavam peças para montarias e carros de boi, além de oficinas produtoras de calçados artesanais, como chinelos, sandálias, botinas rústicas, dentre outros (TOMAZINI, 2003). Navarro (2006b) afirmou que a condição de entreposto de sal e a atividade criatória teriam sido importantes para que a produção de artigos de couro se desenvolvesse no município, ideia compartilhada por outros estudiosos da produção calçadista francana. A autora, entretanto, afirmou que, apesar da importância dessas razões, elas *per se*, não explicam o surgimento e a expansão da atividade coureiro-calçadista na cidade.

Enfim, com a intensificação migratória surgiu, em 1805, a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Franca, Sertão do Rio Pardo. Para Chiachiri Filho (1986), Franca já nasceu Freguesia devido à grande entrada de mineiros que se espalharam pelo Sertão, na Estrada dos Goyazes, por onde escoava a produção da região. Ribeiro (1941) afirmou que a própria estrada era local de comércio, onde muitos produtos eram comprados e trocados pelos viajantes e comerciantes que por ela passavam com suas tropas.

Chiachiri Filho (1986, pp. 63 e 169) afirmou que com o crescimento da economia local surgiram em Franca diferentes profissionais,

(...) em 1813, por exemplo, surgem os alfaiates (...). (...) em 1820, (...) com o aumento e desenvolvimento econômico da população, propiciam (...) o estabelecimento (...) de um cirurgião, de um 'funcionário', de um 'artista' e de dois mestres de primeiras letras. Todas essas profissões (...) dão à Freguesia um certo ar urbano. Carpinteiros, tropeiros, seleiros etc., completam o quadro.

Vale notar que dentre os entrantes mineiros, o capitão era o grande líder de todos os moradores da região. O capitão Hipólito Antônio Pinheiro, tido como líder dos então moradores da região, é considerado o fundador da cidade devido o seu pioneirismo para a criação da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Franca. O nome Franca foi dado em homenagem a Antônio José da Franca e Horta, então Governador de São Paulo, que apoiava o empenho de Hipólito Antônio Pinheiro junto às instâncias superiores.

Em 1821, o rei D. João VI cria a Vila Franca Del Rey, que a partir de 1824 passa a denominar-se Vila Franca do Imperador, em homenagem a D. Pedro I, soberano da nova nação brasileira, que ordenou a ereção da nova vila, sendo seu território desmembrado da antiga Vila de São José de Moji Mirim. A Vila Franca do Imperador abrangia o território dos atuais municípios de Cajurú, Batatais, Nuporanga, Morro Agudo, Ipuã, Guaíra, Orlândia, Igarapava, Patrocínio Paulista e, Ituverava, dentre outras. Em 1856, Franca ganha estatuto de cidade¹⁸, mero título honorífico para um município que já possuía plena autonomia político-administrativa (CHIACHIRI, 1967).

Navarro (2006b) afirmou que a partir de meados da década de 1850, a economia da região que se baseava na produção de valores de uso, como o plantio para o próprio consumo, a produção direta de meios de vida e onde o comércio baseava-se na troca, na permuta, passou a se alterar com a instalação, a partir de 1854, de engenhos de cana que passaram a coexistir com o entreposto de sal, bem como com a pecuária, o que faz crescer a produção mercantil e a produção como valor de troca. Nas décadas seguintes, as plantações de café se expandem, agricultura esta destinada à exportação, significando o andamento do processo de produção de mercadorias, que coexistindo com a produção de valores de uso, fazia-se refletir na pequena divisão social e espacial do trabalho.

A chegada da ferrovia na cidade, em 1887, implementou a expansão da cafeicultura capitalista na região (TOSI, 1998), com todas as transformações dela decorrentes. Segundo Tomazini (2003), os trilhos da ferrovia seguiam de perto a rota do café, que se tornara o carro-chefe da economia no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Follis (2004) ressaltou que a chegada da ferrovia em Franca

¹⁸ O aniversário de Franca é comemorado no dia 28 de novembro, recordando a criação da Vila e instituição do município em 28 de novembro 1824, momento em que o arraial adquiriu efetiva autonomia, sendo este evento, em termos políticos, mais importante que o de sua posterior elevação à categoria de cidade, título meramente honroso (TOMAZINI, 2003).

foi de grande importância para a transformação da cidade por facilitar o transporte de materiais e equipamentos para diversos profissionais, como os da construção civil, e por propiciar à cidade contatos mais frequentes com outros centros urbanos.

Ao penetrar no interior paulista, a economia agro-exportadora cafeeira determinou o crescimento econômico, que atraiu mão-de-obra migrante e imigrante, promoveu a expansão das cidades, estimulou as atividades comerciais e possibilitou o surgimento de fábricas (BRAGA FILHO, 2000). Segundo Barbosa (2004), a economia cafeeira possibilitou o desenvolvimento e melhoria da infra-estrutura urbana, que passou a contar com a instalação de rede elétrica, o abastecimento de água e de esgoto, necessários para o surgimento e evolução das indústrias.

A qualidade do café francano, de renome internacional, possibilitou a abertura de casas exportadoras que contribuíram para a ampliação de mercados e a expansão das atividades artesanais que se utilizavam do couro como matéria-prima, o que impulsionou, em grande medida, o florescimento da indústria de calçados, uma vez que nas últimas décadas do século XIX, surgiram na cidade, em quantidade significativa, os curtumes, as sapatarias e as oficinas de artesanato (TOMAZINI, 2003).

Em 1886 foi instalado o primeiro curtume na cidade, fundado pelo padre Alonso Ferreira de Carvalho. Denominado “Curtume Cubatão” por se situar às margens do rio Cubatão, destinava-se, de acordo com Rinaldi (1987, p. 76), “ao aproveitamento do couro que chegava com tropeiros vindos de Minas, Goiás e Mato Grosso, amarrados em fardos nos lombos dos burros”. Navarro (2006b) afirmou que, a partir de então, os artigos em couro cru elaborados por trabalhadores com pouca qualificação e utilizados para uso próprio ou, por vezes, comercializados e/ou trocados, passaram a ser produzidos com couro curtido, por trabalhadores que se especializaram no ofício exercido na urbe.

Duas décadas mais tarde, em 1906, o mesmo padre funda um segundo curtume, o “Curtume Progresso”. Em 1910, Franca já contava com três unidades curtumeiras em atividade. Em 1913, o curtume de propriedade do Major Elias Motta, foi o primeiro a contar com o uso de maquinário, importado da Alemanha (REZENDE, 2006).

A instalação dos curtumes de couro na cidade de Franca deu-se não só pela facilidade de obtenção de couros, como também devido à existência de água em abundância proveniente dos vários rios e córregos que existem na região e à

presença na vegetação local de espécies vegetais produtoras de tanino, substância utilizada no curtimento do couro (BARBOSA, 2004).

Em 1917, o Curtume Progresso é vendido ao padre Carlos Pacheco de Macedo e então modernizado. Este curtume foi um marco para a indústria do couro e do calçado local dado que Carlos Pacheco de Macedo, juntamente com seus sócios, iniciou a produção de chinelos e calçados rústicos, instalando em 1921, a "Calçados Jaguar", considerada a primeira indústria de calçados de Franca que produzia em larga escala através da utilização de máquinas (TOMAZINI, 2003).

Os aspectos de funcionamento da Calçados Jaguar são revelados em um filme promocional, datado de 1924, com cerca de dez minutos de duração¹⁹. Nele é possível observar o processo de produção no interior da fábrica – seriada e com uso de máquinas –, assim como a divisão do trabalho então existente. De acordo com Navarro (2006b, p. 62), “pode-se perceber que a produção de calçados já estava organizada em seções na Jaguar”. A forma de remuneração também se alterou com a mecanização da produção, sendo o pagamento por peça, substituído pelo pagamento por hora.

Tosi (1998, p. 164) atentou para o maquinário da indústria que, segundo o autor, já era consideravelmente obsoleto para a época:

Basicamente, tratavam-se de duas fileiras de máquinas, estando cada qual posicionada em função de um eixo único movido por motor elétrico de grandes proporções (...). Ao eixo estavam atadas correias que movimentavam as máquinas.

O filme registra que a Calçados Jaguar incorporava mão-de-obra feminina, contudo, de forma discriminatória. A seção de pesponto, chefiada por um dos sócios da empresa, “empregava pelo menos 30 trabalhadores, em sua maioria mulheres. (...). Apesar de executarem as mesmas tarefas que os homens, as mulheres recebiam uma remuneração inferior” (NAVARRO, 2006b, pp. 62-63).

A Calçados Jaguar, de acordo com Tosi (1998), empregava 76 pessoas, cinco das quais responsáveis pela burocracia da empresa; apenas um dos trabalhadores burocráticos era mulher, responsável pelo departamento pessoal e escritório. Os demais funcionários eram operários fabris, 47 homens e 24 mulheres que eram

¹⁹ Uma cópia do filme foi obtida junto ao Museu do Calçado de Franca, sendo que seu original integra o acervo do Museu Histórico Municipal de Franca.

predominantemente empregadas no setor de pesponto do calçado, característica diferenciada da indústria de calçados de Franca, quando comparada a do Rio Grande do Sul, onde esse setor foi predominantemente masculino.

Ferreira (1989, p. 51) afirmou que nesta fábrica pioneira, o processo de trabalho caracterizava-se pela utilização “de força de trabalho suplementares, como o trabalho feminino (...), o prolongamento da jornada de trabalho (...), e a própria intensificação do trabalho, pois o ritmo da produção passa a ser ditado pela máquina”.

O empresário da Calçados Jaguar - Carlos Pacheco de Macedo - “inserir-se na qualidade de um verdadeiro capitalista”, como afirmou Tosi (1998, p. 171), o que não o impediu de ver seu negócio ir à falência, em 1926, devido ao grande endividamento financeiro. O insucesso da Calçados Jaguar não diminuiu sua importância pioneira, uma vez de acordo com Ferreira (1989, p. 141), ela

(...) trouxe em seu bojo a rica potencialidade dos novos métodos produtivos para o desenvolvimento industrial e para a definitiva ascensão das formas capitalistas de produção, com a substituição das importações e a criação de um mercado interno capaz de absorver a produção calçadista em escala ampla, que os novos métodos e processos de trabalho proporcionaram.

Barbosa (2004) afirmou que é muito provável que a Calçados Jaguar tenha inspirado outros empresários, que buscaram reproduzir em seus negócios o que aprenderam no chão da fábrica que cessou suas atividades em 1926.

Em 1927, uma nova fábrica foi aberta com parte dos maquinários da Calçados Jaguar. De propriedade de Clodomiro Honório da Silveira, Adalgiso Lima e Hercílio Baptista Avellar, a “Honório & Cia.”, tornou-se posteriormente a “Calçados Peixe”. Da mesma forma, outras fábricas foram fundadas em 1928, como a “Maníglia, Irmãos & Cia”; e em 1929, como as fábricas de João Palermo, Olegário Rocha e Pedro Spessoto, que tinham como proprietários ex-trabalhadores da Jaguar (REZENDE, 2006).

É importante ressaltar que no início da década de 1930 a demanda de calçados diminuiu (NAVARRO, 2006b) devido a Crise de 1929, sendo necessário para a sobrevivência dessas empresas, “adequar a produção a novos tipos de produtos, melhor ajustados ao poder de compra do mercado consumidor” (REZENDE, 2006, p. 34). Tosi (1998) afirmou que tais ajustes resultaram na

acomodação de preços e na produção de produtos mais baratos, bem como em uma nova organização de segmentação do mercado:

Os produtos passavam a ser classificados como sapatos de couros, de lona, chinelos de tecido, chinelos de couro, sapatos para homens e meninos, botinas para homens e meninos, sapatos para senhoras e meninas, sapatinhos de crianças, sandálias, tamancos, botinões, etc. Assim, verificava-se um esforço na busca de matérias-primas mais baratas, como tecidos e lonas, uma produção destinada a mercados e clientelas específicos e o surgimento de produtos extremamente baratos, fazendo com que o acesso aos produtos fosse aberto àqueles segmentos que, anteriormente, só de forma esporádica tinham o hábito de calçar os pés (TOSI, 1998, p. 220).

Após 1935, as indústrias de calçados começam a se recompor gradativamente, estimuladas como afirmou Navarro (2006b), pela retomada de expansão do mercado interno e pelo acordo, no ano de 1937, entre o Brasil e a Alemanha, que permitiu a importação de maquinários para a produção de calçados. Contudo, segundo a autora, o advento da Segunda Guerra Mundial trouxe grande dificuldade na reposição de peças de maquinaria, em especial as de origem européia, atingindo ainda mais as empresas que faziam uso de máquinas alemãs e/ou tchecas. Por outro lado, a autora afirmou que a Segunda Guerra também estimulou a produção de muitos produtos e de meios de produção, os quais eram obtidos através da importação.

Nessa conjuntura, uma empresa de máquinas estadunidense, a *United Shoe Machinery Corporation* – USMC – adquiriu as máquinas da empresa de Antônio Lopes de Mello e as substituiu por maquinário mais modernos através do sistema de *leasing*²⁰. A experiência protagonizada por Antônio Lopes de Mello foi bem sucedida e em pouco tempo, a USMC monopolizou todo o mercado de máquinas para calçados da cidade de Franca. Assim, como afirmou Chiachiri Filho ([s.d.], p.15), “outros industriais francanos seguem o exemplo de Antônio Lopes de Mello e, utilizando-se de máquinas, procuram melhorar os métodos de produção”.

A Calçados Samello, fundada em 1953, por Miguel Sábio de Mello é, como afirmou Navarro (2006b, p. 81), “a empresa calçadista brasileira que mais incorporou

²⁰ De acordo com o Banco Central do Brasil, “o *leasing*, também denominado arrendamento mercantil, é uma operação em que o proprietário (arrendador, empresa de arrendamento mercantil) de um bem móvel ou imóvel cede a terceiro (arrendatário, cliente, “comprador”) o uso desse bem por prazo determinado, recebendo em troca uma contraprestação”.

a orientação da *United Shoe* na confecção de calçados (...) e tornou-se referência para o setor calçadista brasileiro e latino-americano (...)."

Miguel Sábio de Mello e seus familiares, em viagem realizada aos Estados Unidos em 1947, trouxeram ao Brasil novas técnicas de produção, bem como uma nova visão empresarial. Um novo modelo de sapato – o mocassim – de origem indígena norte-americana foi trazido ao Brasil. Montado a partir do solado, ou seja, de baixo para cima, o mocassim se caracterizava por ser um calçado de leveza surpreendente, diferente dos calçados palmilhados produzidos até então pelas indústrias de Franca. Em reportagem oferecida, em 1990, à Revista Lançamentos: Máquinas & Componentes, Wilson Sábio de Mello, filho de Miguel Sábio de Mello relatou "(...) lá [nos Estados Unidos] vimos o primeiro mocassim, um sapato que nos surpreendeu pelo seu conceito e suas possibilidades (...) quando retornamos já começamos a fabricar os primeiros mocassins brasileiros".

É no contexto de crescente surgimento de unidades produtivas que Franca, a partir da década de 1940, incorpora "ao seu cotidiano e à sua paisagem traços distintivos de uma transformação que marcou a transição de uma economia essencialmente rural para a condição de localidade predominantemente industrial e operária" (BARBOSA, 1998, p. 22). É a partir de então, mais precisamente a partir de 1950, que a produção de calçados assume a condição de principal atividade econômica do município, fazendo surgir, ainda de acordo com o autor "um novo ator social no cenário local, o operário industrial", sendo esta uma das características dos "principais símbolos da instalação da modernidade capitalista" na cidade de Franca.

Navarro (2006b) afirmou que com o crescimento do processo de industrialização concomitante ao crescimento da população operária, houve um crescimento no número de trabalhadores assalariados no Brasil, o que fez expandir o mercado consumidor dos bens de consumo populares, categoria em que os calçados se incluíam.

A produção de calçados em Franca expandiu-se consideravelmente entre as décadas de 1950 e 1960. O impacto desse desenvolvimento industrial do setor coureiro-calçadista na economia local pode ser notado nos dados disponibilizados no trabalho de Ferreira (1989), onde ele revelou que na década de 1950, o valor da produção de calçados representava 48,7% de toda a produção industrial do município. Em 1960, esse percentual no valor da produção do calçado saltou para 52,7%, chegando a 61,2% em 1965. O mesmo autor afirmou que para suprir as

necessidades das indústrias calçadistas, instalaram-se em Franca fábricas de saltos, de solados e de outros artefatos de borracha que eram utilizados em escala crescente, chegando a representar, conjuntamente, 82,2% do total da produção industrial no município.

Foi na década de 1960 que a exportação dos calçados produzidos em Franca teve início, o que acelerou ainda mais o crescimento de indústrias, sendo que juntamente com as indústrias de calçados, ocorreu ainda a consolidação de indústrias produtoras de máquinas, de componentes para calçados e de equipamentos para o setor. Navarro (2006b, pp. 147-148) afirmou que “a exportação de calçados brasileiros, que se iniciara timidamente por volta de 1964 com a comercialização de 133 mil pares, avoluma-se a partir de 1969, quando ultrapassou um milhão de pares”. A autora afirmou ainda que as exportações das indústrias calçadistas de Franca se firmaram efetivamente a partir de 1970 “quando as empresas calçadistas do município começaram a reunir condições para elaborar os produtos em conformidade com as especificações do mercado internacional, em especial o estadunidense”. Canôas (2002) afirmou que a expansão industrial no Brasil e, em Franca, insere-se no fenômeno pós Segunda Guerra Mundial, que possibilitou mais facilidades de crédito e poupança interna no país, além da ampliação do mercado consumidor.

Na década de 1970 observou-se um aumento do volume da produção destinada tanto ao mercado interno quanto ao externo, o que fez crescer o número de empregados nas indústrias calçadistas francanas. Como afirmou Navarro (2006b, pp. 157-158):

A ampliação do volume da produção e a procura crescente de trabalhadores qualificados levou à instalação em Franca, em meados da década de 1970, de duas instituições destinadas a dar suporte ao setor calçadista local: o Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – atuando na área de treinamento de mão-de-obra para a indústria calçadista, e o Núcleo Tecnológico de Couros, Calçados e Afins, do IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, na área de pesquisa, desenvolvimento de produtos e tecnologia para as indústrias de calçados e na formação de técnicos especializados em controle de qualidade.

Ainda segundo a autora, simultaneamente ao aumento do número de trabalhadores formais nas indústrias na década de 1970, observou-se o aumento do trabalho informal dado que as empresas passaram a recorrer ao trabalho em

domicílio, que não só alterou o espaço físico de realização da atividade, como também a forma de remuneração do trabalhador, que passou a ser pago por peça produzida enquanto que, nas fábricas, o pagamento era usualmente por hora trabalhada.

A costura manual, por não requerer o uso de máquinas e por ser realizada, na maioria das vezes, por mulheres foi uma das primeiras atividades transferidas do interior das fábricas. A partir da década de 1990, observou-se a intensificação da transferência de atividades do interior das fábricas para fora delas: praticamente todas as seções das fábricas foram passíveis de terceirização.

Além disso, é importante acrescentar que com o aumento da exportação as indústrias calçadistas de Franca tiveram que modernizar seus processos produtivos dada a exigência do mercado externo por produtos de melhor qualidade. Corrêa (2001) afirmou que na década de 1980 o complexo coureiro-calçadista brasileiro introduziu novas técnicas produtivas e modernizou equipamentos, o que alterou o processo de produção; foram também introduzidas novas técnicas organizacionais, dentre elas o controle de qualidade, o planejamento e o controle da produção.

Apesar da crise vivenciada pela indústria nacional diante da conjuntura inflacionária que acometia o país nos anos de 1980, a indústria brasileira de calçados se expandiu e a indústria de calçados francana experimentou uma expansão na produção de calçados (ALVES; BRAGA FILHO, 2005). De acordo com Navarro (2006b, p. 184),

nos anos de 1980, a indústria brasileira de calçados foi um dos poucos setores que conseguiu se expandir em meio à crise vivida pela indústria nacional, que registrava constantes taxas de crescimento negativo, principalmente nos setores de bens de capital e de bens de consumo duráveis.

As exportações de calçados brasileiros cresceram significativamente nos anos de 1983 e 1984, favorecidas pela crise vivenciada no mercado internacional e as fábricas de calçados de Franca forneceram ao mercado externo calçados de couro com qualidade levemente inferior aos produzidos na Itália e na Espanha, a preços bastante competitivos (NAVARRO, 2006b). Segundo dados do SICF, em 1986 foram produzidos 35 milhões de pares de calçados, dos quais 78% destinados ao mercado interno e 22% ao mercado externo.

Em 1987 a produção francana de calçados sofreu queda considerável e produziu apenas 17 milhões de pares, dos quais cerca de 53% foram destinados ao mercado interno, o que resultou, de acordo com Rezende (2006, p. 100) na “redução de mais de 10 mil postos de trabalho formal”.

Nos anos de 1988 e 1989 a produção calçadista de Franca apresentou sinais de recuperação, com uma produção 24 e 27 milhões de pares, respectivamente. Em 1990, a produção manteve-se no mesmo nível do ano anterior e, em 1991, observou-se um declínio na produção, para 24 milhões de pares ao ano.

Neste contexto, Braga Filho (2000, p. 220) afirmou que

No início dos anos 90 (...) o processo de abertura econômica promovido pelo Governo Collor (...) [adotou] uma política cambial baseada na sobrevalorização da moeda nacional e, eliminando a proteção e a reserva de mercado, acabou expondo a indústria nacional a um intenso processo competitivo com os produtores internacionais. Os efeitos que estas medidas produziram foi um brutal aumento do desemprego provocado pelo intenso processo de reestruturação produtiva, estabilidade monetária seguida de queda das taxas de crescimento do produto, além de ampliar, pela falta de oportunidades e crescente exclusão da mão-de-obra, o setor informal.

Em seguida ao Plano Collor, foi implantado em 1994, o Plano Real, quando Fernando Henrique Cardoso era Ministro da Fazenda do governo de Itamar Franco. O plano que objetivava prioritariamente o controle da inflação e a estabilidade monetária, provocou intensa desordem na economia local. Ao desemprego estrutural, que ocorria em Franca, somou-se o desemprego conjuntural decorrente da nova política econômica, o que resultou em significativa diminuição no quadro de funcionários das indústrias de calçados de Franca (TOMAZINI, 2003).

A autora afirmou que a crise refletiu diretamente em outros setores como as fábricas fornecedoras de matéria-prima, os fabricantes de máquinas e de equipamentos, além de atingir indiretamente outras atividades econômicas do país, o que levou à retração do comércio.

É nesse contexto que o processo de reestruturação produtiva ganha impulso em Franca, baseado no modelo japonês de organização da produção e do trabalho.

De acordo com Antunes (2006b, p. 24),

Novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção em série e de massa são ‘substituídos’ pela flexibilização da produção, pela ‘especialização flexível’, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado.

Em meio à aceleração do processo de reestruturação produtiva, na crescente busca de maior produtividade e competitividade, Araújo; Amorim e Ferreira (2004) afirmaram que esse novo cenário, além de transformar as relações de trabalho e sua organização, reconstrói o mundo do trabalho e a própria classe trabalhadora, se constituindo em um processo destrutivo, no qual para Antunes e Alves (2004, p. 336), é possível constatar a “(...) redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado, herdeiro da era da indústria verticalizada do tipo taylorista e fordista”. Para estes autores, a classe trabalhadora antes estruturada por meio de empregos formais, foi sendo substituída pelo novo proletariado, presente nas crescentes formas desregulamentadas e precarizadas de trabalho, caracterizadas pela terceirização, subcontratação, emprego *part time*, temporário, informalizado, além de outras formas semelhantes que se expandem em escala mundial.

Segundo Navarro (2006b), as indústrias de calçados de Franca, buscando encontrar alternativas para se adaptarem ao novo cenário aberto pelo mercado internacional, intensificaram as exigências de qualidade e passaram a produzir em pequena escala, porém com maior variedade de modelos, a preços cada vez mais competitivos; intensificaram também o processo de transferência da produção para fora das indústrias, de modo que fosse possível, como afirmou Canôas (2002), reduzir os custos da produção visando sobreviver à intensa competição entre os produtores nacionais e estrangeiros.

De acordo com Farinelli (2003) ao tentar atingir os padrões de qualidade, produtividade e lucratividade impostos por esse novo cenário mundial, a indústria de calçados de Franca incorporou mudanças de valores, conceitos e cultura que resultam em um processo de trabalho excludente e desigual, desfavorável aos trabalhadores.

Assim, um novo mercado de trabalho se descortina ao trabalhador diante da propagação desse novo paradigma técnico-produtivo, bem como da exasperação da competição intercapitalista existente, mantendo-se vivas as formas tradicionais e degradantes do trabalho (POCHMANN, 2001).

Como consequência, as empresas calçadistas eliminaram grande número de postos de trabalho, expulsando muitos trabalhadores das indústrias e aumentando, significativamente, o número de desempregos (CANÔAS, 2002).

Para esses trabalhadores não restaram muitas saídas. Diante de condições precárias de trabalho, a economia informal foi crescente e esses trabalhadores acabaram se submetendo ao trabalho no setor coureiro-calçadista fazendo bicos, sem vínculos empregatícios, prestando serviços às indústrias, realizando seus trabalhos nas bancas ou até mesmo em seus próprios domicílios, invadindo todas as dimensões de suas vidas.

Como explica Navarro (2003), as bancas são unidades produtivas prestadoras de serviços às indústrias, de forma geral especializadas na realização de determinadas etapas da confecção do calçado. Na maioria das vezes são estabelecidas em locais inadequados, improvisados e/ou adaptados na moradia do trabalhador (varanda, garagem, quintal); é comum a precariedade do ambiente de trabalho, onde há pouca iluminação, falta de ventilação, falta de equipamentos de segurança e exposição a ruídos provocados pelas máquinas.

O pesponto foi uma das etapas da produção mais atingidas pelas transformações ocorridas na produção coureiro-calçadista de Franca e muitos pespontadores passaram a trabalhar fora das fábricas. Estimativas do STICF indicam que esta modalidade de serviço possivelmente atinge 10.000 estabelecimentos (entre bancas e domicílios). É importante ressaltar ainda que, como afirmou Navarro (2006b), a etapa do pesponto é realizada, em Franca, principalmente por mulheres.

Tal afirmação se justifica pelo fato de que no processo de reestruturação produtiva, os postos de trabalho, nos quais são realizadas tarefas intensivas de forma precarizadas caracterizam-se por aqueles que são destinados a elas.

Vale acrescentar ainda que o novo modelo econômico trouxe, para a maioria das mulheres trabalhadoras, a deteriorização de suas relações de trabalho e condições de saúde e agravou o processo de segregação, desigualdade e exclusão social dessas mulheres, dado que a reestruturação produtiva se utiliza das diferenças de gênero como mecanismo de exploração do trabalho, fato que discutiremos com mais detalhes nos próximos capítulos (ARAÚJO; AMORIM; FERREIRA, 2004).

Diante desse lamentável contexto, a indústria calçadista de Franca (SP) caracteriza-se por ser o segundo maior pólo produtor do país, sendo o primeiro no segmento de calçados masculinos, atividade esta em que é especializada (ABICALÇADOS, 2006).

Segundo o SICF (2009) o município de Franca abriga 760 indústrias de calçados entre micro, pequenas, médias e grandes empresas (Tabela 8).

Tabela 8 - Número de indústrias de calçados em Franca, 2005

Porte	Quantidade
Micro (até 19 funcionários)	552
Pequenas (de 20 a 99 funcionários)	130
Médias (de 100 a 499 funcionários)	65
Grandes (mais de 500 funcionários)	13
Total	760
Fonte: Sindicato da Indústria de Calçados de Franca (2009)	

Contudo, a cidade que de entreposto de sal, se tornou um dos maiores centros produtores de calçados masculinos do país, vivenciou grandes oscilações em sua produção (Tabela 9).

Tabela 9 - Produção anual de calçados em Franca, 1984-2009, (em milhões de pares)

ANO	PARES
1984	32,0
1985	30,0
1986	35,0
1987	17,0
1988	24,0
1989	27,0
1990	27,0
1991	24,0
1992	25,7
1993	31,5
1994	31,5
1995	22,0
1996	24,8
1997	29,0
1998	29,0
1999	29,5
2000	32,5
2001	32,5
2002	30,0
2003	32,1
2004	35,4
2005	27,9
2006	25,5
2007	26,1
2008	28,7
2009	25,3

Fonte: Sindicato da Indústria de Calçados de Franca (2009)

Dada a diminuição das exportações houve grande redução da produção a partir de 2005, como pode ser observado na tabela acima.

De acordo com o ex-presidente do SICF, Jorge Donadelli, em reportagem à Fiec (2006):

Estimamos que o recuo nos embarques ao exterior em 2005 representou uma perda de faturamento de aproximadamente 15 milhões de dólares. Não foi possível elevar o preço médio na proporção da defasagem cambial, porque os compradores internacionais simplesmente não aceitam. Resultado: com a forte depreciação do dólar frente ao real, perdemos competitividade.

Sampaio (2006, p. 23) ainda completou dizendo que para esse desempenho podemos destacar “a elevada taxa de juros no mercado interno”, que dificulta os investimentos produtivos, bem como “a valorização do real frente ao dólar”, que

diminui a competitividade internacional dos calçados produzidos no Brasil. A autora acrescentou que, neste momento, a crescente perda de competitividade pode ser explicada pelas alterações estratégicas da China. O país que tinha sua produção voltada para o segmento de mercado de menor qualidade e preço de calçados, melhorou a qualidade de seu produto e passou a concorrer com o Brasil, Portugal e Espanha.

Como consequência da queda nas exportações, observou-se em Franca um forte impacto negativo no emprego: em 2005 foram demitidos cerca de 2.200 funcionários (SICF, 2009).

Nos anos de 2006 e 2007, a produção de calçados continuou apresentando quedas, caracterizando uma produção anual de respectivamente 25,5 milhões e 26,1 milhões de pares. Em 2008, houve um aumento na produção, a qual atingiu 28,7 milhões de pares, e em 2009 esta situação mostrou-se ainda mais agravante, com uma produção anual de 25,3 milhões de pares, sendo 87,7% destinada ao mercado interno e 12,3% ao mercado externo.

Em 2008, com a valorização do dólar, as indústrias calçadistas poderiam ter tido grandes benefícios. Contudo, com a crise financeira que atingiu a economia dos Estados Unidos, as negociações diminuíram. Segundo a Abicalçados (2008a), no “setor calçadista, a repercussão da crise mundial será sentida em maior escala a partir de Dezembro [de 2008] e Janeiro [de 2009], quando começam as negociações para a próxima temporada no exterior”. Tal realidade se manifesta nas estatísticas realizadas sobre a indústria calçadista de Franca em 2009.

De acordo com a Secretaria de Comercio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) as vendas para o mercado externo em 2007 atingiram 5.310.565 pares de calçados. Em 2008, essas vendas tiveram uma queda de 15,3%, atingindo 4.494.827 pares de calçados. Da mesma forma, em 2009, as vendas para o mercado externo atingiram 3.105.735, ou seja, apresentaram uma queda de 41,5% em relação a 2007 e 30,9% em relação a 2008.

Os dados divulgados pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - Fiesp (2008) - referentes ao nível de emprego nas indústrias de transformação do Estado de São Paulo, demonstram a continuidade dos problemas vivenciados pela cidade. De acordo com a Fiesp, em dezembro de 2008, a regional de Franca atingiu o segundo pior resultado do Estado, com um saldo negativo de 15,95%.

Esse resultado tem sugerido que o desemprego no município de Franca foi marcado não só pela sazonalidade²¹ existente anualmente, caracterizando-se também pela “explosão” da crise econômica, resultado direto da bolha imobiliária dos Estados Unidos e da expansão do crédito sem rigor analítico, o que fez com que muitas empresas fechassem suas portas²².

Com um piso salarial de R\$ 558,00²³, muitos trabalhadores sofreram as consequências desta crise (Tabela 10). Só em dezembro de 2008, 33,6% dos trabalhadores foram demitidos, o que totaliza 8821 vagas de trabalho (CAGED, 2009)²⁴. Além disso, em 2009 houve uma redução de 9,9% no número de funcionários nas indústrias calçadistas francanas em relação à 2008.

²¹ De acordo com o ex-presidente do STICF, Paulo Afonso Ribeiro, em entrevista realizada em 6/4/2009, “é importante saber que todos os anos as empresas demitem e contratam em torno de 18 mil trabalhadores, numa média de 1,5 mil/mês”, fato que caracteriza o emprego sazonal. A sazonalidade, além de promover a instabilidade do trabalhador, diminui seu poder de reivindicação dado que dificulta sua organização.

²² Tal situação pode ser ilustrada por diversas reportagens nos jornais da cidade: “O setor calçadista francano, que declarou otimismo, no começo do ano, sofreu duro golpe na última sexta-feira: a Agabê, empresa com mais de seis décadas de atuação na cidade, dispensou aproximadamente 600 funcionários e decretou o fim das atividades de produção de calçados na terra das três colinas” (JORNAL COMÉRCIO DA FRANCA, 3/2/2008); “Especializada na produção de sapatênis, a Yukon, que também adotava o nome Adventure, demitiu, no fim de janeiro, 26 funcionários da fábrica da Vila São Sebastião, em Franca. Com essas demissões, a empresa, que já chegou a ter 200 funcionários e produzir em torno de 2 mil pares/dia, encerrou as atividades na cidade” (JORNAL COMÉRCIO DA FRANCA, 3/2/2009); “A Democrata, uma das mais tradicionais empresas calçadistas de Franca, fechou ontem as unidades de corte e pesponto de Cássia e Capetinga (MG) e deixou 158 funcionários desempregados nas duas cidades. O fechamento era estudado desde o ano passado e teria ocorrido em razão da crise econômica. Há dez dias, a empresa demitiu outros 94 trabalhadores de Franca e das unidades cearenses de Camocim e Santa Quitéria. O motivo alegado, via assessoria de imprensa, foi a reestruturação organizacional da empresa necessária por conta do atual momento financeiro que assola o País” (JORNAL COMÉRCIO DA FRANCA, 3/2/2009).

²³ “Pelo terceiro ano consecutivo, a renda média do trabalhador da indústria de Franca é a pior entre as cidades do Estado de São Paulo com mais de 300 mil habitantes. (...) A constatação tem como base o levantamento da RAIS do Ministério do Trabalho, que leva em consideração o rendimento do trabalhador com carteira registrada (...)” (JORNAL COMÉRCIO DA FRANCA, 10/12/2008).

²⁴ “Justamente no momento em que as indústrias estariam produzindo a todo vapor, os desligamentos preocupam sapateiros que temem que a crise financeira mundial, deflagrada em setembro nos Estados Unidos e que colocou o mundo em alerta, tenha chegado a Franca. Com a bolsa de valores fechando em queda pelo terceiro dia consecutivo (perda acumulada de 5,27%) e uma intensa onda de boatos a respeito de mais demissões e até fechamentos de fábricas de calçados na cidade, ficam mais fortes os contornos do fantasma do desemprego em massa que assombra os trabalhadores às vésperas do Natal” (JORNAL COMÉRCIO DA FRANCA, 19/11/2008).

Tabela 10 - Número de funcionários na indústria de calçados de Franca, 2000-2009

Ano	Quantidade
2000	17.474
2001	17.942
2002	18.754
2003	20.644
2004	25.579
2005	25.460
2006	24.258
2007	24.357
2008	24.851
2009	22.390

Fonte: CAGED/MTE (2009)

Desta forma, diante da crise ocorrida estima-se que muitos trabalhadores continuarão vivenciando o fantasma do desemprego. Como afirma José Carlos Brigagão do Couto, presidente do SICF,

(...) a crise está instalada e nós vamos passar a considerar que o primeiro semestre já se foi. Então, nós estamos com expectativa de que de julho para frente, o setor tenha alguma reação nesse sentido.²⁵

Neste contexto, dada a perda de poder de negociação dos trabalhadores, muitos se submetem a relações de trabalho precárias e desumanas que implicam em aviltamento salarial, descumprimento da legislação trabalhista e maior sazonalidade do trabalho.

Tal realidade atinge de maneira particular as mulheres trabalhadoras. De acordo com Nogueira (2004), a flexibilização e a desregulamentação do trabalho atinge as mulheres de forma intensa e particular, o que agrava significativamente sua saúde. Como afirma Paulo Afonso Ribeiro,

(...) nos momentos de crise, quando o capital tenta nos impor as piores condições de trabalho e conseguem reduzir os salários, seja de forma

²⁵ José Carlos Brigagão do Couto. Entrevista realizada em 01/04/2009.

direita ou indireta elas tendem a ser as mais prejudicadas e marginalizadas socialmente.²⁶

Diante deste quadro, discutiremos no próximo capítulo o significado dessas mudanças no mundo do trabalho na vida das trabalhadoras do pesponto, na esperança de elucidar as reais condições de trabalho e de saúde que contextualizam suas vidas.

²⁶ Paulo Afonso Ribeiro. Entrevista realizada em 06/04/2009.

4. O TRABALHO DAS PESPONTADEIRAS NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA

Os indivíduos ficam, pois, sem escolha para sobreviver: ou o emprego sujo, precário, mal pago, desprotegido, ou o desemprego e a falta de condições de sobrevivência.

(VICENTE DE PAULA FALEIROS, 1999)

O trabalho feminino na indústria de calçados de Franca é bastante presente, principalmente na sessão do pesponto, que corresponde à etapa da produção do calçado onde a força de trabalho é composta quase que exclusivamente por mulheres (CHINALI, 1997; NAVARRO, 2006b). Para o entendimento da forma como o trabalho dessas mulheres é organizado e suas consequências na saúde das trabalhadoras, é importante a compreensão de algumas características do trabalho feminino no mercado de trabalho em geral.

A incorporação do trabalho feminino no mercado de trabalho diante da processualidade da reestruturação produtiva é bastante expressiva. De acordo com o IBGE (2010), a participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro corresponde, atualmente, a 42,4% da população ocupada, ou seja, dos 92,4 milhões de ocupados, 39,2 milhões são mulheres.

Entretanto, essa crescente incorporação da força de trabalho feminina no mercado de trabalho se contrapõe à intensa precarização das atividades (e suas condições) destinadas a elas, pois como afirmou Antunes (1999) para as mulheres, em tempos de reestruturação produtiva, resta o trabalho mais precarizado, em regime *part-time*, em que é maior a informalidade, com desníveis salariais mais acentuados em relação aos homens, além de jornadas mais prolongadas.

As diferenças de gênero evidenciadas pelas desigualdades existentes entre homens e mulheres representam um problema importante nos mercados de trabalho de todo o mundo (BRASIL, 2009), uma vez que não se caracterizam apenas pelas diferenças biológicas, mas pelas formas de representação na sociedade, pelos arranjos sociais, pelas condições de acesso aos recursos da sociedade e pela história (LOURO, 1998), ou seja, “as relações de gênero estão presentes e ordenam toda a vida humana, desde os recônditos da intimidade até a esfera da política e das grandes decisões sobre os rumos da humanidade” (SIQUEIRA, 2002, pp.16-17).

Assim, o gênero se constrói em vários espaços e em várias relações, como na família, no mercado de trabalho, nos meios de comunicação, nas políticas públicas, nas instituições, influenciando diretamente a construção subjetiva e social de homens e mulheres (SOUZA-LOBO, 1991).

Vale acrescentar que, como definiu Scott (1990, p. 14), “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Neste contexto, a subordinação de gênero é manifestada na divisão sexual do trabalho através das desigualdades existentes, tais como de salários e desqualificação das funções femininas (SOUZA-LOBO, 1991).

Essa divisão sexual do trabalho pode ser caracterizada, de acordo com Hirata e Kergoat (2007, p. 599) como

(...) a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (...).

De acordo com as autoras, esta divisão tem dois princípios organizadores válidos em todas as sociedades: o princípio da separação, que distingue trabalho de homem e trabalho de mulher e o princípio hierárquico, que valoriza o trabalho do primeiro em detrimento ao trabalho da segunda.

A divisão sexual do trabalho se constitui socialmente diante das relações de raça, de gênero, de classe e das práticas sociais, sendo caracterizada por uma hierarquia que subordina as mulheres e sua força de trabalho, ou seja, ela “produz e reproduz a assimetria entre práticas femininas e masculinas, constrói e reconstrói mecanismos de sujeição e disciplinamento das mulheres, produz e reproduz a subordinação de gênero dominação” (SOUZA-LOBO, 1999, p. 171).

É importante destacar que as relações de gênero, bem como as de classe, possuem caráter estruturante, pois permitem definir as relações sociais, conferindo a homens e mulheres, lugares e papéis diferenciados na sociedade (ARAÚJO; AMORIM; FERREIRA, 2004). Nogueira (2004) acrescentou que as relações de

gênero e classe só podem ser compreendidas quando analisadas de modo inter-relacionado dado que, na sociedade capitalista, é possível observar

(...) a existência de três identidades sociais básicas: a de gênero, a de raça/etnia e a de classe social. Não se trata, porém, de três identidades autônomas, em virtude, justamente, de estarem atados os antagonismos que lhes dão origem. Cabe mencionar, a propósito, que operárias costumam identificar-se como “mulheres trabalhadoras”, explicitando duas dimensões importantes de sua identidade: 1) o gênero, definidor da heterogeneidade da classe ou fração de classe social a que pertencem; diferenciação interna fortemente marcada por práticas sociais e políticas das mulheres, notadamente distintas das dos homens; 2) a ocupação, que reflete o tipo de inserção das mulheres na estrutura de classes (SAFFIOTI, 1997, pp. 63-64).

Segundo Antunes (1999, p. 109), as relações existentes entre classe e gênero permitem compreender que no mundo do trabalho produtivo e reprodutivo, as pessoas vivenciam a efetivação de uma “construção social sexuada”, em que homens e mulheres são “diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho” e que o capital sabe perfeitamente apropriar-se da divisão sexual existente. Os novos avanços tecnológicos tendem, como afirmou Hirata (2002), a reforçar a marginalidade das mulheres trabalhadoras, constituindo-se como um perigo ainda maior àquelas não qualificadas.

Soma-se a esse contexto outras características do processo de feminização do trabalho: o desemprego, o trabalho informal e o trabalho em tempo parcial. O desemprego, forte exemplo da precarização no mundo do trabalho, assumiu proporções novas durante a última década, atingindo substancialmente as mulheres trabalhadoras (NOGUEIRA, 2004).

De acordo com Segnini (2000, p. 37),

(...) pode-se afirmar que as mulheres foram pioneiras ao ocupar postos de trabalho que estavam por vir para ambos os sexos, no contexto da reestruturação produtiva. Mesmo assim, elas continuam campeãs em informalidade e precariedade e começam a ser atingidas intensamente pelo desemprego em vários setores.

Da mesma forma, o aumento da informalidade atingiu intensamente o trabalho feminino que, como afirmou Hirata (2001/2002), é frequentemente instável, mal remunerado, com poucas chances de formação e de promoção, com direitos sociais limitados e, mesmo, inexistentes.

O trabalho em tempo parcial, modalidade que vem crescendo, ainda possibilita à mulher conjugar trabalho doméstico com trabalho assalariado, o que permite a intensificação do trabalho, a redução da remuneração, a perda da proteção oferecida pela legislação (SEADE, 1998).

Além disso, a mulher que trabalha realiza trabalho duplo, dentro e fora de casa, o que resulta em dupla exploração pelo capital: na esfera “não-diretamente mercantil” a mulher cria condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos e filhos; “sem essa esfera da reprodução não diretamente mercantil, as condições de reprodução do sistema de metabolismo social do capital estariam bastante comprometidas, se não inviabilizadas” (ANTUNES, 1999, pp. 108-109).

Desta forma, de acordo com Nogueira (2004) se por um lado a inserção da mulher no mundo do trabalho pode significar emancipação, avanço, à medida que lhe dá autonomia, sua participação no espaço produtivo, no entanto, foi e tem sido marcada pela precariedade.

O que, portanto, era um momento efetivo – ainda que limitado – de emancipação parcial das mulheres frente à exploração do capital e à opressão masculina, o capital converte em uma fonte que intensifica a desigualdade (ANTUNES, 1999, p. 110).

Assim, o capital se opõe ao processo de emancipação da mulher por necessitar preservar a dominação diante do trabalho feminino e sua subordinação. Tal situação se caracteriza por uma aparente relação harmoniosa entre precarização e trabalho feminino, que objetiva a criação de diferentes formas de extrair trabalho excedente (NOGUEIRA, 2004).

Pode-se dizer, portanto, que paralelamente ao crescimento da inserção das mulheres no mercado de trabalho formal e informal, houve um aumento na exploração do trabalho da classe trabalhadora feminina, uma vez que essa inserção ocorreu majoritariamente em empregos precários e vulneráveis, o que indica que apesar da expansão do trabalho feminino em escala global, com o impacto do processo de flexibilização, observa-se uma piora significativa nas relações de trabalho, bem como na saúde das trabalhadoras (HIRATA, 2001/2002), sendo esta uma realidade vivenciada pelas mulheres que trabalham na indústria calçadista francana, em especial as que realizam a tarefa do pesponto.

O aumento do trabalho feminino no espaço fabril acabou por desenhar a divisão sexual do trabalho, uma vez que a classe trabalhadora feminina é, em geral, empregada em áreas onde o trabalho intensivo está presente, e os homens, ao contrário, geralmente são empregados em áreas de capital intensivo, as quais possuem melhor desenvolvimento tecnológico (ANTUNES, 1999).

O trabalho feminino na produção de calçados em Franca está mais concentrado nas tarefas de preparação para o pesponto, no pesponto e na costura manual. Ainda que tenham mulheres desenvolvendo outras atividades que fazem parte da confecção do calçado, como o corte do couro, acabamento, embalagem, é na seção de pesponto (e na costura manual, realizada em domicílio) que se concentra o maior número de trabalhadoras.

Aspectos desta divisão sexual do trabalho são destacados no depoimento de uma das entrevistadas.

(...) na fábrica é assim, no pesponto tem praticamente só mulher. Até tem homem trabalhando no pesponto, mas a maioria são mulheres. Já na modelagem e no corte é mais homem. Na montagem é praticamente homem e no acabamento varia muito, mas é quase igual, tem quase a mesma quantidade de homens e mulheres (MAÍSA).

De acordo com Rezende (2006), alguns autores justificam a concentração de mulheres realizando as atividades de pesponto nas indústrias de calçados por estas possuírem habilidades específicas e paciência. Como afirmou Delgado (1994), por serem treinadas no universo doméstico para a realização de tarefas monótonas, repetitivas, que exigem acuidade visual, habilidades específicas, agilidade com as mãos, o trabalho feminino é incorporado ao trabalho industrial em postos de trabalho em que tais requisitos são exigidos para a realização da atividade.

Até recentemente, mulheres de todas as classes sociais deveriam saber atividades como costurar (confeccionando e consertando as roupas de seus familiares), pintar, bordar para serem consideradas boas donas de casa. Ao irem para o mercado de trabalho, o capital se valeu dessas especificidades para explorar o trabalho feminino, uma vez que por se tratar de habilidades já esperadas pelas mulheres, não foram consideradas como qualificações profissionais. Assim, como afirmou Rezende (2006), tradicionalmente essas mulheres eram aptas à exercerem trabalhos de costura por possuírem as habilidades adquiridas ao longo do processo de socialização.

Contudo, o mesmo autor afirma que tais reflexões devem ser cuidadosamente analisadas, uma vez que estas podem acabar por naturalizar a divisão sexual do trabalho, caracterizando-a apenas como fruto de características físicas e biológicas.

Para Silva (1987) a subordinação da mulher é também reproduzida pela ideologia da dominação e do poder, os quais fortalecem suas estruturas de hierarquia que são repassadas culturalmente intensificando a inferioridade da classe feminina. É o que igualmente aparece em diferentes depoimentos coletados nesta pesquisa.

Geralmente o homem tem mais vantagem em quase todos os setores (...) e por exemplo, se a gente estiver discutindo um sapato, jeito de fazer, a voz mais pesada é dele. Então a gente fica mais por fora (MEIRE).

Se tem um cortador e uma mulher que corta, ele com certeza ganha mais que ela. Se tem um pespontador homem e uma mulher, se alguém tem que ser promovido, sempre procura promover o homem porque se a mulher é nova, você vai promover ela e daqui um tempo ela pode engravidar e vai pegar afastamento. Se é uma mulher mais madura, eles pensam que ela já está querendo aposentar e não dá a chance para ela (DORA).

(...) tem essa discriminação mesmo, trabalho igual, salário diferente, eles discriminam porque a mulher engravida, tanto que eu já vi várias placas em fábricas dizendo: “Não admitimos mulheres” porque a mulher engravida e isso é uma coisa da natureza. Então é uma discriminação enorme (SANDRA).

(...) ainda tem muita diferença entre o trabalho do homem e da mulher. Ainda tem uma coisa entre a mulher e o homem, como se ele fosse mais (TALITA).

(...) eu já trabalhei em uma fábrica que eu me senti muito rebaixada. O supervisor parece que desfazia da gente. Eu era pespontadeira e ele me punha para aparar o serviço e eu achava isso chato. Tipo assim, se sobrasse pespontador, ele me punha para colar forro, aparar. Geralmente os homens ele deixava na máquina, ele não fazia isso com eles (HELENICE).

Eles falam que o mundo mudou, que está tudo mais moderno, mas para mim a mulher continua não sendo muito respeitada e não tendo as mesmas oportunidades de emprego que o homem (FLÁVIA).

Tem serviço que precisa de muita força, como na montagem e eu acho que uma mulher não daria conta. Mas têm outros que não tem mulher trabalhando e que não precisa de tanta força, como no corte. O corte paga melhor que no pesponto, mas praticamente você só vê homem fazendo. Falta muita oportunidade para a gente que é mulher (MAÍSA).

Além disso, os dados das entrevistadas atestam que quando lhes são dadas oportunidades de melhoria de emprego, possibilitando-as desempenharem funções ditas como masculinas dentro das fábricas, passam a vivenciar problemas de relacionamento com estes.

Teve uma vez também que eu entrei para trabalhar numa empresa grande e me colocaram para fazer calcanheira²⁷. Tinha um rapaz que estava lá que fazia amostra de pesponto e quando eu entrei ele estava acabando de cumprir o aviso. Aí eu comecei em um dia e no outro esse rapaz não estava mais lá. Aí o cortador veio e falou para mim que precisava pespontar uma amostra e não tinha pespontador disponível e como era urgente e eles precisavam, eu acabei pespontando. Depois levaram lá para dentro e perguntaram quem tinha pespontado porque sabiam que o pespontador não estava mais lá. Aí o cortador falou que tinha sido eu. Eles gostaram do meu serviço e me chamaram para fazer amostra. Aí direto e reto eu tinha que escutar do modelista que ele não sabia o que eu estava fazendo ali, que lugar de mulher era na produção colando peça. E como era amostra e eu trabalhava em uma salinha separada junto com o modelista e o cortador, colando e pespontando, eu tinha que escutar isso direto e reto. Aí ele começou a reclamar isso lá dentro e eles acabaram colocando um homem no meu lugar e eu tive que ficar colando para ele. Aí eu só pespontava sábado quando o homem não ia e a boba da mulher aqui ia (MEIRE).

De acordo com Delgado (1994), devido a fragilidade existente no mundo do trabalho feminino, é provável que as mulheres sejam excluídas dos processos de requalificação, acabando por impedi-las de ocuparem cargos com melhores oportunidades de trabalho, conduzindo-as assim, a precariedade.

Portanto, a incorporação do trabalho feminino na seção do pesponto refere-se não só por esta ser uma tarefa adequada às habilidades e qualidades femininas, mas pela impossibilidade de ultrapassarem uma barreira impostas socialmente e ocuparem funções que possibilitem-nas condições de trabalho mais satisfatórias.

Como afirmou Saffioti (1992, p. 187),

(...) os fatos biológicos nus da sexualidade não falam por si próprios; eles devem ser expressos socialmente. Sente-se o sexo como individual ou, pelo menos, privado, mas estes sentimentos sempre incorporam papéis, definições, símbolos e significados dos mundos nos quais eles são construídos.

Assim, as questões de gênero e de divisão sexual do trabalho estão claramente presentes nas indústrias de calçados de Franca, evidenciando as

²⁷ Também chamada de palmilha de acabamento, refere-se à parte interna do calçado responsável pelo conforto e aparência.

diferenças existentes entre o trabalho de homens e mulheres e suas condições. É importante destacar ainda que a precarização das condições de trabalho vivenciada pela classe trabalhadora não é negociada, mas sim imposta a ela (MENDES, 2005). Tais imposições puderam ser claramente visualizadas durante a realização da coleta de dados, através dos depoimentos das trabalhadoras entrevistadas, bem como das visitas realizadas em fábricas, em bancas e nos domicílios das trabalhadoras, onde a tarefa do pesponto era realizada.

Desta forma, julgou-se importante a realização de uma caracterização detalhada do trabalho dessas mulheres, dentro e fora do espaço fabril, com o objetivo de possibilitar uma real compreensão da consequência deste na saúde e na vida dessas trabalhadoras.

O interior das fábricas de calçados caracteriza-se por uma estrutura rígida de disciplinarização, representada pela presença de esteiras existentes no processo de produção do calçado, bem como pela utilização, principalmente no setor de pesponto, do trabalho em grupos ou em células de produção, como pode ser observado nas Figuras 1 e 2, respectivamente.

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (17/02/2010)

Figura 1 – Esteira de pesponto

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (20/06/2009)

Figura 2 – Grupos de produção de pesponto

A Figura 1 ilustra a seção de pesponto de uma fábrica de médio porte, onde a produção é realizada na esteira rolante, que resulta na disposição dos trabalhadores em fileiras. O trabalho realizado na esteira, existente em muitas fábricas calçadistas de Franca, confere ao corpo que ali trabalha uma extrema atenção para todos os sinais que essa máquina possa vir a emitir, impondo aos trabalhadores uma clara definição sobre seus limites, bem como vigilância constante sobre seu corpo através da ação automática (movimentos automáticos), além da eficiência e rapidez exigida para que o trabalhador dê conta do tempo e do ritmo do processo de trabalho (FREITAS; BARBOSA, 2007) ditado pela máquina. Tal realidade pode ser observada através dos depoimentos abaixo.

Nós fazemos o tempo da esteira, são 10 minutos para 20 pares. (...). A gente roda, mas roda muito mesmo, na maioria das vezes trabalha rodando. Tem serviço que você não consegue trabalhar adiantado ou no ritmo que eles querem e aí quando um atrasa, todo mundo atrasa (JÚLIA).

Na esteira o trabalho é bem puxado porque o serviço vem e você tem que fazer um e logo em seguida vem outro e esse tem que ser feito em outra máquina, aí você levanta e senta na outra máquina, então isso é correndo o dia inteiro (...). E você tem que ser rápida porque se você não der conta, você roda com seu serviço e acaba por trabalhar o resto do dia puxando o serviço para poder em algum lugar recuperar o que você rodou para poder dar conta. Então o serviço é bem puxado porque a maioria das pessoas trabalham rodando lá (MARIANA).

(...) quem trabalha em esteira, o ritmo é bem mais puxado. Eu não dou conta de trabalhar em esteira não, acho que é porque cada um tem um ritmo, mas eu não dou conta, a esteira é bem puxada (HELENICE).

É cronometrado para que a gente faça o par, lá tem uns dois minutos e meio para o serviço que eu faço [referindo-se à gáspia²⁸]. (...). Se o serviço passar por você, eles não voltam para trás, então é onde a gente roda. Aí é onde eu vejo que as pessoas sofrem porque cada um tem um jeito de pespontador, uns mais rápidos, outros mais devagar (...). (...) lá na fábrica você tem que trabalhar no ritmo da esteira e não no seu ritmo de trabalho (...) então quem faz o ritmo é ela (NATÁLIA).

(...) a esteira fica ali rodando em volta da gente e de repente você olha e já é seu carrinho chegando de novo, então você já fica naquela ansiedade (...) de ver aquilo. Nossa Deus do céu! (TALITA).

A Figura 2 representa o trabalho do pesponto realizado em grupos de produção no interior de uma fábrica de calçados de médio porte. Quanto ao trabalho realizado em grupos ou em células de produção, Navarro (2006a) afirmou que tal técnica se caracteriza pelo reagrupamento de tarefas que antes eram realizadas individualmente e é uma estratégia eficiente de controle do trabalhador sem que seja necessária a presença de um supervisor na seção, dado que os companheiros do grupo de produção controlam o ritmo de trabalho e a qualidade do produto, pois o pagamento passa a ser realizado pela produção do grupo.

Lá o pesponto é dividido em grupo. O ano passado foi dividido em grupo de cinco, sendo duas pespontadeiras e três coladeiras, sabe?! No meu grupo era só eu de pespontadeira e duas coladeiras (...). Então tinham duas que colavam para mim e eu pespontava sozinha para todo mundo. Então tem que trabalhar e trabalhar mesmo (JANAÍNA).

Geralmente quando é esteira a gente não para muito porque senão a gente roda, mas eu ainda prefiro esteira do que grupo, porque no grupo você trabalha por peça. Então se você não produzir você não ganha, além de que um depende do outro. O pespontador depende da coladeira, a coladeira do outro e assim vai. E dentro das empresas cada um tem um objetivo, então cada um trabalha de um jeito, uns trabalham muito, outros enrolam muito. Então em grupo tem muita confusão, você trabalha muito contrariada. Você tem que trabalhar muito para você ganhar razoável, porque quando você trabalha por peça, você consegue ganhar um pouco mais que a base do salário, mas a diferença que você ganha a mais é muito pouca em relação à raiva, o nervoso que você passa e isso fora que você se sujeita a muito mais esforço do que quando você trabalha por salário (MEIRE).

(...) quando você está no grupo você tem que trabalhar muito para dar conta das coladeiras. Às vezes é o contrário. Às vezes você tem que ajudar as coladeiras porque elas não dão conta (...) depende muito do modelo, mas sabe, é bem acelerado (YASMIN).

²⁸ A gáspia corresponde à parte superior do calçado.

Eu prefiro trabalhar em esteira porque eu sou mais reservada e eu prefiro fazer meu serviço sem precisar ficar cobrando dos outros (VALENTINA).

(...) lá na “Fábrica X” eu era kilometrada [cronometrada], tanto que quando eu trabalhei nessa empresa fazendo a produção de uma bota lá, não que eu estou me gabando, mas o rapaz cortava e eu estava junto com ele. Eu não queria saber se ele dava conta ou não, eu queria fazer a produção. E era meu ritmo de trabalhar... rápida! (ZILDA).

É importante ressaltar que a adoção pela empresa do trabalho em grupo não determina, necessariamente, o abandono do sistema em esteira. O trabalho em grupo é, portanto, uma estratégia de planejamento que depende do porte da empresa, do volume e da variedade de modelos a serem produzidos (NAVARRO, 2006a).

Vale acrescentar que dentre as entrevistas realizadas com pespontadeiras que trabalham dentro das fábricas, foi observado que o trabalho na esteira é realizado nas empresas de médio porte e, principalmente, nas empresas de grande porte, onde a produção é maior. Quanto às pespontadeiras entrevistadas que trabalham em fábricas pequenas, todas trabalham em grupo de até cinco pessoas (três coladeiras e duas pespontadeiras) ou sozinhas.

As estratégias de controle do trabalhador e do seu processo de trabalho puderam ser observadas também no modo como as trabalhadoras veem seus trabalhos, como elas se sentem ao realizarem suas tarefas e frente às exigências impostas pelas empresas.

Eu falo assim, eu agradeço a Deus por ter ele [referindo-se ao seu trabalho], porque é através dele que eu sobrevivo, mas eu acho assim, se pudesse melhorar dentro de uma firma, eu acho que as pessoas iam trabalhar mais satisfeitas porque se você vê, o pessoal trabalha tudo estressado, tudo nervoso, você tem que ver. É muito raro você ver alguém que sorri mesmo, que está trabalhando ali satisfeito, pelo menos ali dentro da firma. Mas isso é pelo ritmo do serviço, pelas exigências deles, pela cobrança porque lá se cobra muito e não dá condição de quase nada para a pessoa em termos de benefício, por exemplo. Não tem, eles só querem para o lado deles. (...) eu fico muito nervosa, meu Deus do céu, a gente fica lá, todos ficam, não tem exceção, mas isso é por causa da pressão dos supervisores em cima da gente, é uma cobrança. Às vezes em um serviço que é para três pessoas, eles colocam duas, para quatro eles colocam três (TALITA).

Tem muita pressão porque você tem que seguir aquele padrão. Se você sair fora daquilo você escuta. Então você tem que seguir aquele padrão de qualidade e não interessa se a máquina está estragada, se não está, não importa. (...) eles não querem nem saber, eles querem o serviço (MEIRE).

Hoje está tendo muita exigência, é mais desempenho, é mais qualidade, é muita exploração (...). Então quem precisa mesmo do emprego que não tem outra opção, igual no meu caso que eu não sei fazer outra coisa a não ser pespontar, a não ser no calçado, tem que ficar engolindo sapo e contentando com o que você tem porque não tem como você bater de frente hoje (YASMIN).

(...) eu tinha vontade de sair da área do sapato, mudar de produção, fazer outra coisa, porque tem hora que parece que eu não vou dar conta mesmo. (...). É igual eu falei esses dias quando eles me mandaram fazer umas coisas lá. Eu falei assim que se eles quisessem a máquina estava aqui em casa, eu não, eu sou de carne e osso. E eu não sou doida de falar isso para eles não, eu sou realista porque meu corpo é de carne e osso e ele tem um limite de trabalhar. Não posso desistir, mas é difícil (DALVA).

De primeiro a pessoa falava que ia aprender a pespontar que ganhava mais (...) mas só que cada vez mais o povo não está querendo pespontar mais. (...). Eu até falei para as meninas que trabalham comigo que se eles falassem que se eu aposentasse agora para eu ganhar R\$500,00 e eu ganho R\$1000,00, eu falo que pode me aposentar. Não que eu não goste, só que você vai estressando. Todo dia você levanta cedo, trabalha muito e vai cansando. (...). Mesmo sem querer a gente fica estressada. Tem dia que eu falo "Meu Deus, eu tenho que levantar mesmo? Tenho que ir?". Você tem que ter opinião para levantar cedo e ir porque sabe, cansa demais. Você vai ficando num estresse daquela rotina e você quer descansar e o tempo de descanso é muito pouco (RAQUEL).

(...) eu não posso parar de jeito nenhum, eles falam que a máquina não pode parar. Tem que ficar o dia inteiro na mesma posição e é onde a gente não aguenta de cansaço (MAÍSA).

Antigamente ganhava muito dinheiro com pesponto, mas hoje a gente não ganha nada, nada! Então em vez de subir, está caindo. Antigamente os modelos eram mais fáceis de fazer, hoje em dia está muito complicado, então antes era mais fácil e ganhava mais e hoje é mais difícil e ganha menos. Os patrões sugam muito da gente (ANA).

Tudo a gente faz em função do tempo, a gente tem um tempo para trabalhar dentro da empresa e se você enrola você perde o serviço. (...) todo mundo que entra na fábrica é kilometrado [cronometrado], tem um kilometrista [cronometrista] dentro da empresa (...). E isso tem em todas as fábricas, grande, pequena, é a mesma coisa. Porque quem está lá fora para entrar no mercado tem que ter velocidade e se não tiver, não fica (ZILDA).

Outra característica do processo de produção do calçado em Franca refere-se à terceirização que representa uma estratégia de redução de custos que passou a ser amplamente utilizada pelas empresas da cidade, principalmente na seção do pesponto, onde há mais tempo ocorre a incorporação do trabalho em domicílio. De acordo com Navarro (2006b), o que era uma prática utilizada quando as empresas excediam sua capacidade de produção, passou a ser regra a partir da década de

1990, tornando crescente a transferência das várias etapas da produção para fora da fábrica (NAVARRO, 2006b).

Portanto, a participação da mulher na produção de calçados pode ser observada tanto no trabalho realizado dentro da fábrica, executando tarefas principalmente de costura mecânica (pesponto), quanto em domicílio, também trabalhando como pespontadeira e costurando sapatos manualmente, ou confeccionando o tressê²⁹.

Além disso, quando comparada às outras etapas, a sessão de pesponto é a etapa da produção do calçado onde a força de trabalho é utilizada de forma mais intensa (REIS, 1994), motivo pelo qual na readequação das indústrias à nova lógica do mercado, esta etapa se caracteriza por ser a mais terceirizada (LARA, 2007).

Essa realidade tornou-se expressiva com a aceleração do processo de reestruturação produtiva, sendo que as mudanças decorrentes dessa nova forma de organização atingiram o conjunto dos sapateiros que tiveram suas condições de trabalho precarizadas e deterioradas. Seu impacto foi mais expressivo na mão-de-obra feminina, uma vez que seu perfil se adequa às exigências desse novo processo de produção que exige dos trabalhadores maior flexibilidade e polivalência. Assim, “novas formas de exclusão vieram somar-se às antigas formas de discriminação de gênero, potencializando-as” (TOMAZINI, 2003, p. 176).

No que se refere ao pesponto, a grande maioria desta etapa é realizada fora das fábricas de Franca, principalmente nos domicílios das trabalhadoras. Durante a coleta de dados, grande parte das pespontadeiras indicadas para serem entrevistadas referiam-se a trabalhadoras que executavam o trabalho em seu domicílio, além de ter sido possível observar também que apenas as empresas médias e grandes possuíam um número considerável de pespontadeiras ainda dentro das fábricas.

Como afirmou Lara (2007), nessas empresas observa-se claramente a divisão do trabalho, podendo ser encontrados trabalhadores com qualificações e especializações variadas.

Lá é assim, em um pé [do calçado que está sendo costurado], várias pessoas colocam a mão, não é só eu que faço ele inteiro, eu faço o forro da pala³⁰, depois dali já passa para outra pessoa e vai indo (JÚLIA).

²⁹ Trançados de couro que enfeitam os sapatos.

³⁰ O forro da pala refere-se ao revestimento interno do calçado.

Eu faço só isso o dia inteiro [referindo-se à costura do forro], o que muda é só a cor da linha. Eu faço uns 200 pares por dia (...). (...) então como eu sei o serviço que eu tenho que fazer, eles nem ficam me enchendo tanto não, mas isso porque eu sei da minha responsabilidade (RAQUEL).

Essa forma de organização do trabalho, baseada no modelo taylorista/fordista de produção, resulta em uma rígida divisão do trabalho no pesponto, submetendo os trabalhadores à especialização de determinadas operações, tais como fechar o forro, fechar o lado, fazer o zig³¹ (NAVARRO, 2006b).

Por outro lado, as pespontadeiras entrevistadas de micro e pequenas empresas relataram que para continuarem dentro das fábricas necessitam realizar todo o processo de preparação do pesponto, ou seja, além de realizarem mais de um tipo de costura mecânica, elas precisam ainda realizar todo o trabalho das auxiliares de pesponto (ou o serviço de mesa, como dizem os trabalhadores das indústrias), uma vez que geralmente realizavam somente o pesponto de amostras e consertos dos sapatos.

Como afirmou Navarro (2006b), com a reestruturação produtiva coube aos pespontadores a realização de operações complementares ao pesponto, tais como cortar e queimar linhas, além de outras atividades de preparação do calçado, o que pressupõe um trabalhador multifuncional, capaz de realizar não apenas uma única operação, mas um grupo delas.

Assim, a maioria das trabalhadoras de micro e pequenas empresas devem dominar a maior parte das etapas do pesponto antes da costura (como a preparação, a dobração, a colação), ou seja, é exigido destas que sejam polivalentes (LARA, 2007).

Lá eu faço de tudo, na fábrica. Eu colo peça, eu aparo, eu pesponto. Isso quando é amostra. Agora quando é o conserto, aí eu tenho que desmanchar e tornar montar de novo o sapato. Eu fico lá na máquina e na mesa, eles me entregam as peças cortadas, aí eu passo colo, dobro, colo a peça, pesponto, faço tudo. Só tem eu lá, né?! É porque é conserto e amostra, então a fábrica não pode ter lá uma coladeira e outra pespontadeira só para conserto e amostra. Então eu tenho que saber fazer tudo, aparar, colar e pespontar (GISELE).

Lá eu faço amostra e conserto. Então eu trabalho sozinha, eu colo e pesponto. Lá é só masculino e tem vários modelos, então é assim, o modelista prepara, faz o modelo e eu sou a primeira pessoa que faz o modelo, então é bem assim, quebra-cabeça mesmo porque é a partir de uma foto. O dono me ajuda muito, mas o primeiro pé do sapato sou eu

³¹ A costura em 'zig-zag' é aplicada na parte inferior traseira do calçado" (NAVARRO, 2006b).

quem faço. Aí depois que aprova, vai para o pessoal terceirizado para fazer (HELENICE).

Essa situação se agrava ainda mais quando essas pespontadeiras realizam o seu trabalho de forma terceirizada. Dentre as pespontadeiras entrevistadas que realizam a tarefa do pesponto em seu domicílio ou em bancas, quase a totalidade trabalha em grupos de duas a seis pessoas, com exceção de uma delas que trabalha sozinha. Em ambos os casos, as pespontadeiras relataram que fora da fábrica, a multifuncionalidade e a polivalência é de extrema importância para que seja possível a realização de seu trabalho, sendo exigido que saibam realizar todo o processo de produção anterior à costura mecânica do calçado.

(...) em casa o serviço do pesponto é mais. Exige mais da gente, aqui a gente tem que fazer mais coisas que na fábrica, tipo a dobração, a cola. Lá a gente já pega pronto. Então em casa exige bem mais da gente. Tem mais trabalho e ainda a gente tem que ficar deslocando para pegar serviço, levar serviço (BEATRIZ).

(...) em casa nós fazemos o serviço de mesa também, então vem só preparado para o pesponto. Agora na fábrica tem a seção de preparação, que prepara tudo, tem uma dobração que faz a dobra certinha. Agora aqui é a gente que faz tudo, na mesa, que dá muito serviço e depois na máquina. Quando chega o sapato para eu fazer, às vezes tem uma dobração que tem que fazer antes, aí nós fazemos. Depois cola peça, elástico, se tem fantasia³² para fazer, nós fazemos. Tem vez que vai para o pesponto primeiro para depois colar. Agora lá na fábrica tinha as meninas de mesa que fazia o serviço de mesa e depois que vinha para a gente (BERNADETE).

(...) o problema de trabalhar na banca é que cada hora você faz uma coisa, você está na máquina, na mesma hora tem que ir para a mesa (...) você varre banca e o serviço não sai (CONCEIÇÃO).

Aqui eu faço o seguinte (...) eu faço o serviço de mesa, faço o serviço de máquina, monto o sapato e faço a aparação para entregar para o dono. Chega lá é só entregar o sapato. É esse o serviço que eu faço aqui. A empresa lá é pequena e no caso só eu que pesponto para eles. Então eu tenho que fazer tudo. São 30 pares só que faz por dia, então minha cota é essa. É constante o serviço, mas pouco (DALVA).

Desta forma, a terceirização se caracteriza como uma estratégia utilizada pelo capital que possui como objetivo o aumento da produtividade, a melhoria da qualidade, a redução dos custos da produção e a desorganização dos trabalhadores (DELGADO, 1994).

³² A fantasia corresponde aos enfeites que o calçado pode possuir.

Com o crescimento do processo de transferência do pesponto para fora das fábricas, observou-se o agravamento das condições de trabalho dado que grande parte desse trabalho é realizado no domicílio do trabalhador, em locais inadequados e improvisados, o que impossibilita sua fiscalização pelos organismos responsáveis pela higiene e a segurança no trabalho (NAVARRO, 2006a), com reflexo nas condições de saúde dos trabalhadores que discutiremos no próximo capítulo.

As ilustrações a seguir (Figuras 3 a 10), tomadas durante a realização da coleta de dados, permitem observar as condições precárias dos locais onde é realizada a atividade laboral de mulheres que trabalham de forma terceirizada. Instalado no interior da residência, os postos de trabalho contam com mobiliários inadequados, em espaços reduzidos, mal instalados, sem higiene e segurança, além de fazer com que a vida de trabalho entre de forma extraordinária na vida de não trabalho, o que torna a exploração ainda mais intensa.

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (20/06/2009)

Figura 3 – Ambiente de trabalho improvisado em domicílio

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (21/05/2009)

Figura 4 – Posto de trabalho improvisado em domicílio

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (18/03/2009)

Figura 5 – Ambiente de trabalho improvisado em domicílio

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (18/03/2009)

Figura 6 – Ambiente de trabalho improvisado em domicílio

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (18/03/2009)

Figura 7 – Posto de trabalho improvisado em domicílio

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (18/03/2009)

Figura 8 – Invasão do trabalho no espaço do lar da trabalhadora

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (16/04/2009)

Figura 9 – Ambiente de trabalho improvisado em domicílio

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (16/04/2009)

Figura 10 – Posto de trabalho improvisado em domicílio

A Figura 3 ilustra um ambiente de trabalho instalado na garagem da trabalhadora. Além do local de trabalho ser improvisado, pode-se observar que todos os equipamentos deste encontram-se mal instalados. O trabalho é realizado em banco, a iluminação encontra-se inadequada, além da precarização do ambiente, caracterizado pelo improviso dos móveis (por exemplo, a mesa feita de caixas engradadas), pela falta de higiene e segurança. Tal realidade também pode ser observada na Figura 4, que ilustra um posto de trabalho instalado em um cômodo na casa de uma trabalhadora.

As Figuras 5, 6 e 7 retratam a realidade de um trabalho realizado em um cômodo pequeno (de aproximadamente 2,5 m²) construído no fundo da casa de uma trabalhadora (Figura 5). Além do espaço reduzido em que a trabalhadora passa toda a sua jornada de trabalho, o cômodo conta com uma estrutura bastante precária, onde é possível observar a presença do compressor³³ do lado de fora da casa, o qual mesmo estando coberto, não encontra-se devidamente instalado (observa-se

³³ Equipamento responsável pela geração de ar comprimido, necessário ao funcionamento das máquinas industriais utilizadas na confecção do calçado.

uma parte aberta sem proteção, por exemplo, para a água da chuva), além de uma mangueira improvisada que sai do compressor e percorre toda a altura do cômodo, entrando para dentro deste em um espaço entre a parede e a telha para então se conectar à máquina utilizada na confecção do calçado. Dentro deste cômodo é possível observar através das Figuras 6 e 7, a precariedade do ambiente de trabalho caracterizada pelo total improvisado dos equipamentos, pela inadequação do posto de trabalho (Figura 7), pela falta de higiene, pela falta de segurança, pelo calor excessivo causado pela falta de ventilação que somada ao uso da telha de Eternit, faz com que essa trabalhadora, em dias de muito calor, realize seu trabalho do lado de fora do cômodo.

Soma-se a isso o fato do trabalho realizado em casa invadir o espaço do lar, o que acaba por desorganizar toda o espaço da família que ali vive, como pode ser observado nas Figuras 8 e 9, onde os materiais e os produtos do trabalho se misturam com os mobiliários e utensílios domésticos.

As Figuras 9 e 10, que retratam a realidade de uma trabalhadora que realiza seu trabalho em um cômodo do seu domicílio juntamente com suas filhas, além de ilustrarem a invasão do trabalho no espaço do lar, retratam a inadequação do posto de trabalho, caracterizado pelo uso de máquinas mais antigas, pela inadequação do assento da trabalhadora, além da insalubridade do ambiente de trabalho.

Tais condições não são muito diferentes daquelas existentes nas bancas, exceto pelo fato de que no domicílio, como bem afirmou Navarro (2003) as atividades por elas realizadas invadem e perturbam o espaço do lar, destinado à família, delegando toda a responsabilidade pelas condições de seu trabalho, bem como pela sua segurança e daqueles que trabalham e vivem com elas. Acrescenta-se a este quadro o fato de que o trabalho terceirizado é mais sujeito aos efeitos da flutuação de mercado, dado que sua utilização pelas indústrias é marcada pela sazonalidade.

Em casa chega no final do ano se você não guardou o dinheiro não tem como receber, você não tem como passar o Natal, não tem como segurar Janeiro e Fevereiro que é difícil porque não tem serviço porque a gente para em Dezembro e em Janeiro e Fevereiro a gente tem que procurar fazer outras coisas. Eu pego um sapato para costurar a mão, meu marido vai trabalhar de pintor. Então a gente faz outras coisas (ESTELA).

Mais em Fevereiro e Março que dá uma fracassada, às vezes para uma semana, é assim mais ou menos. Assim, qualquer sapateiro trabalha muito

em Novembro e Dezembro e já sabe que Janeiro e Fevereiro vai ser mais fraco, então sempre guarda algum dinheiro para poder suprir aquele dinheiro que ficou faltando (DORA).

Se não faltar serviço, a média nossa é 30 pares. Mas é assim, um dia você faz um tanto, outro dia você faz outro tanto. Igual hoje a gente fez 27 pares, ontem a gente fez 33. Então é assim, um dia compensa o outro (BEATRIZ).

Trabalhar em casa é muito bom quando tem serviço, porque quando tem serviço a gente trabalha muito, mas quando não tem, não tem. Olha, nós ficamos Janeiro e a primeira quinzena de Fevereiro sem fazer um pé de sapato. Eu tinha um Uno e eu tinha que ir de bicicleta na fábrica para ver se tinha serviço porque eu não tinha como colocar álcool no carro (CONCEIÇÃO).

Depende do mês, do sapato, do preço. Igual eu tenho dois preços de sapato aqui. Então se eu fizer mais do mais caro eu vou ganhar mais, se eu fizer do mais barato eu vou ganhar menos, então você nunca sabe o quanto você vai ganhar. Isso é difícil porque às vezes você pensa que vai ganhar tanto e ganha menos. Então varia muito o salário (DALVA).

Trabalhar em casa tem suas coisas boas, mas o problema é esse: a gente fica na mão muitas vezes (ELISA).

No final do ano passado eu estava trabalhando e estava recebendo até que um dinheirinho bom. De repente acabou a produção e eu precisei até de cesta básica [choro]. Não está fácil! Eles diminuíram a produção e dispensaram os pespontadores (...) e foi muito difícil (FERNANDA).

Tem mês que eu ganho até R\$ 3.000,00, tipo Novembro e Dezembro, mas também tem mês que dá pouco e é aí que está. Você tem que saber que naquele mês você não vai receber muito e que você tem que juntar um pouco daqui para usar ali. Tipo assim, (...) teve mês que eu ganhei R\$ 700,00. Então agora que está vindo uma época boa que é o fim do ano, eu estou reformando a minha casa e fazendo o que tem que fazer. Aí em Janeiro para de novo, aí só começa de novo no carnaval, aí Agosto dá uma caída de novo e em Setembro volta (GABRIELA).

Além da sazonalidade, com a crise financeira mundial que atingiu a economia dos Estados Unidos em 2008, as negociaçõeszs diminuíram, acentuando ainda mais a precarização do trabalho dessas mulheres.

Antes eu fazia uns 30 pares. (...) O duro é que agora não está tendo muito, nós estamos costurando uns 12 ou 15 parzinhos por dia, está muito fraco. Desde Dezembro está assim, desde Dezembro! E você não imagina o quanto está difícil para nós (ELISA).

Assim, diminuiu serviço, dinheiro, tudo, mas não teve uma crise que nós ficamos com as contas sem pagar, que passamos dificuldade. Deixou de ganhar, mas não fez falta como muita gente que ficou meses sem trabalhar. Então foi assim, se nós fazíamos 100, passou a fazer 40 pares, ficou um dia

sem trabalhar; em vez de trabalhar 5 dias, trabalhamos 4, mas não ficamos sem serviço, entendeu? (DORA).

Piorou muito. Não está tendo serviço, você pode procurar que você não encontra. A gente liga, procura, ouve rádio e não dá. Para ganhar o que eu estou ganhando eu poderia trabalhar meio período. Isso revolta. Eu já tive época de ganhar bem, eu construí essa casa trabalhando porque já teve época de eu tirar R\$1.200,00 na quinzena. Então o serviço está mais difícil de fazer, rende pouco, vem pouca produção e com essa crise piorou ainda mais (FERNANDA).

Diminuiu, eu nunca tinha ficado parada, nunca em 12 anos que eu trabalhei, eu nunca tinha ficado sem pagamento e agora eu fiquei, fiquei uns 15 dias sem serviço e sem dinheiro automaticamente porque a gente trabalha por peça, então a gente tem que trabalhar para receber (GABRIELA).

De acordo com estudos realizados pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), com o apoio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2009), sugere-se que, em reação à crise, houve uma precarização geral dos empregos, manifestada pelo aumento do desemprego e da inatividade, bem como pelo aumento do trabalho feminino em postos mais precários, como o trabalho sem carteira assinada.

Desta forma, cabe destacar que diante de tal precariedade vivenciada pelas mulheres trabalhadoras no pesponto, a maioria dessas trabalhadoras tem seus direitos sociais e trabalhistas subtraídos. Assim,

as vantagens dessa relação de trabalho para as empresas são muitas. Não se faz necessário a construção de um espaço de trabalho, compra de equipamentos ou sua manutenção. Nos períodos de queda do consumo não há gastos com pessoal ocioso. Nos custos da produção não estão incluídos os encargos sociais dos empregados, as creches, restaurantes ou as perdas por defeito de fabricação. Todos esses riscos são assumidos pela mulher, que às vezes chega a se sentir grata de poder estar trabalhando apesar de toda a limitação que as condições de trabalho impõem (SENNA; FREITAS, 1993, p. 374).

Somente três das pespontadeiras entrevistadas que realizam o seu trabalho fora dos muros das fábricas relataram ser registradas. Uma delas relatou ser registrada pela firma para a qual ela trabalha, firma esta que se caracteriza por ser de grande porte. Contudo, mesmo registrada, a pespontadeira relatou ganhar por produção, ficando assim como as outras pespontadeiras informais, sujeita aos efeitos da sazonalidade e da flutuação do mercado.

(...) no meu caso eu já sou registrada pela fábrica há 10 anos, eles me registraram e eu continuei trabalhando aqui. Eles também me dão os materiais, a cola, a linha e o custo que eu tenho é a energia. Mas esse registro faz muita diferença mesmo. Mas é assim, eu sou registrada, mas ganho por produção. Se eu produzir mais, eu ganho o que eu produzi. Se eu produzir menos que o salário do registro, eu também ganho o que eu produzi (GABRIELA).

As outras duas pespontadeiras, por exigência das fábricas para as quais prestam serviço, precisaram abrir firmas para que pudessem realizar seus trabalhos. São, portanto, prestadoras de serviços às fábricas, sendo de suas responsabilidades todos os encargos trabalhistas.

Nós temos a nossa própria empresa há uns dois anos. Abrimos uma firma e aí eu fui registrada pela nossa firma. Nós somos prestadores de serviço. Mas a gente ficou muito tempo sem registro. É que Franca (...) ninguém tem estabilidade. Então ninguém consegue se manter pagando todos os impostos que é cobrado e manter tudo direitinho ganhando do próprio sapato, não tem condição, aí muita gente dá baixa na firma. Nós mesmos fomos um que já tivemos que dar baixa na firma. A gente tinha a banca registrada, aí teve que parar de pagar e agora, tem uns dois anos que nós voltamos a legalizar ela de novo. Então a gente tenta viver com fé (...) (DORA).

A maioria das bancas aqui em Franca trabalha informal e isso prejudica muito porque as pessoas não são registradas. Eu já trabalhei muito sem registro e eu vejo muita diferença porque você não tem como receber seguro desemprego, você não tem fundo de garantia. Então aqui a gente abriu uma firma no nome do meu marido e ele me registrou, aí a gente presta serviço para a fábrica (CAMILA).

Por outro lado, todas as outras pespontadeiras terceirizadas que foram entrevistadas realizam seu trabalho de maneira informal, sem nenhum direito trabalhista garantido. Como afirmou Lourenço (2008), as dificuldades existentes neste quadro refletem sobremaneira nas condições de vida e de saúde dos trabalhadores envolvidos nesse processo.

Os depoimentos das pespontadeiras sobre essa questão trazem à luz elementos significativos que elucidam a forma como essa situação afeta suas vidas cotidianas.

Na fábrica tem uma estrutura melhor, você tem o registro, você tem tudo o que eles dão, tem fundo de garantia, se você sair você tem o seguro desemprego e em casa não tem nada disso. Isso faz muita diferença na vida da gente, você nem imagina! (ESTELA).

(...) quem trabalha em casa é mais escravo do serviço. Eu falo isso porque eu já fiz uma experiência de um ano quando eu tentei montar uma banca com a minha irmã. Quando trabalha em casa não tem registro, não tem convênio de saúde, não tem nada, e você ainda tem que pôr algumas pessoas para trabalhar junto e tem que pagar elas, ainda tem linha e cola que você tem que comprar, então é mais escravo do trabalho ainda (MARIANA).

Eu acho assim, o pespontador sofre muito por não ter registro, porque nem todo mundo tem condição de pagar um INSS, eu mesmo não pago. Porque eu acho que as firmas que a gente trabalha, eles poderiam pelo menos descontar do salário da gente para favorecer, entendeu?! Porque a gente não guarda dinheiro, porque material é tudo você que compra, você que paga, então não tem como. Tudo aqui sou eu que compro, a cola, a linha, tudo, tudo, tudo. Ela não te dá nada, a firma não te fornece nada (BIANCA).

Ainda nas entrevistas, foram obtidos relatos de outra prática que vem se tornando comum em Franca. De acordo com as entrevistadas, trabalhadores de algumas grandes fábricas de calçados da cidade não são contratados diretamente pela firma, e sim por prepostos o que, em tese, configura um ato lesivo ao trabalhador. Conforme os depoimentos, os contratantes são, em realidade, funcionários da fábrica. As trabalhadoras, dessa forma, desconhecem quem são os reais empregadores.

Lá na fábrica a gente não é registrada no nome dela. Lá não tem ninguém no nome dela. Eu sou registrada no nome do João³⁴, mas eu nem conheço. Dizem que é um funcionário do departamento de compra. Mas ninguém é registrado com o nome da fábrica na carteira, ninguém. É assim, tem João, que é o meu, tem Beto que eu não sei quem é, tem Durval, tem Francisco. Se você olha na carteira profissional, não tem nenhum que é o nome da fábrica não. Igual minha colega que falou que foi no supermercado fazer compras e quando foi fazer lá o cartão, não foi aprovado porque ela falou que trabalhava na lá fábrica, aí eles foram olhar e não era, era outro nome. Não tem ninguém registrado no nome dela. (...). Então não tem nem como eu provar que eu trabalho lá, é tudo no nome dos outros e olha para você ver como que eles são (...). (...) ele pega e abre a firma no nome de outra pessoa e essa pessoa recebe para emprestar o nome para eles (RAQUEL).

Eu sou registrada sim. Mas lá na "Fábrica Y" é assim, cada um é registrado em uma firma. É assim, o nome "Fábrica Y" que é dentro da "Fábrica Z", veja bem como que é. A empresa mesmo é a "Fábrica Z" e a "Fábrica Y" é a grife. Aí dentro da "Fábrica Z" tem várias firmas, tem a W, a S, a B, tem V, tinha a M. Deve ter lá umas 7 firmas e cada grupo de trabalho de cada firma usa uma cor de camiseta (TALITA).

³⁴ Os nomes verdadeiros das firmas (razão social) mencionadas foram alterados como forma de manter o sigilo da pespontadeira entrevistada e da empresa para a qual trabalha.

Além de possíveis problemas jurídicos advindos de tal prática, que em tese traz indícios de fraude, as trabalhadoras são também privadas de comprovação de experiência profissional em fábricas de grande porte, importante quando da busca de outro emprego.

Outra característica importante do processo de produção do calçado em Franca refere-se ao padrão tecnológico das máquinas utilizadas no pesponto que não sofreu alterações significativas; de forma geral são máquinas nem sempre modernas, que não dispensam a qualificação da trabalhadora. Além disso, as mudanças frequentes nos modelos de calçados a serem costurados resultam em queda do rendimento da trabalhadora, que tem que se readequar continua e rapidamente para que sua produtividade não caia e, conseqüentemente, seu salário diminua ainda mais (NAVARRO, 2006b).

Tal situação pôde ser visualizada tanto com as pespontadeiras que trabalham dentro das fábricas, como com aquelas que exercem sua tarefa fora das fábricas.

Eu já trabalhei em máquinas que nossa! Na última que eu trabalhei a maquininha era horrível. Aí exige mais concentração, mais atenção no serviço. Igual essa máquina nossa aqui é uma máquina leve e lá a máquina era mais pesada, então dá dor no joelho, dá dor na perna, sabe? Então geralmente a gente pode até pedir para eles trocarem, mas eles não são muito de atender pespontador, por exemplo, trocar o maquinário ou qualquer coisa assim. Então o que importa para eles é a produção e você tem que dar a produção com aquela máquina daquele jeito (ANA).

Antigamente as máquinas eram à manivela. Hoje as máquinas são rotativas. Agora hoje é melhor para trabalhar nas fábricas e o que piorou foi o salário, porque você trabalha mais e ganha menos (ZILDA).

Mas sabe, essa questão da máquina ser nova é bom, mas é desvantagem para a gente porque você não ganha pelo tanto que você trabalha, aí é desvantagem para a gente porque se a máquina é boa, é nova, você mete o pé, aí eles vão lá e aumentam a esteira. Isso é desvantagem total (NATÁLIA).

As máquinas mais antigas são mais puxadas, hoje as máquinas são mais rápidas, tem máquina que até corta a linha para você. Mas hoje em dia tem umas máquinas que chamam triplo transporte que se você não souber trabalhar nelas sua mão vai junto porque é muito rápida. Então quer dizer que se o ritmo da máquina é mais rápido, você também tem que ir mais rápido, principalmente essa (MARIANA).

De acordo com as pespontadeiras entrevistadas, a grande maioria das máquinas de pesponto são fabricadas e comercializadas por empresas francanas

que oferecem máquinas novas e usadas para o mercado, com variados preços, em conformidade com sua qualidade³⁵.

Geralmente as máquinas são compradas em Franca mesmo. A minha de duas agulhas eu paguei R\$ 1.700,00. A de uma agulha R\$ 1.300,00, e a primeira que eu comprei que já era usada eu paguei R\$ 1.100,00. A da fábrica deve custar uns R\$ 2.000,00. Transporte triplo é bem mais cara, ela é melhor (YASMIN).

Pode-se perceber que a busca de reduzir os custos da produção e de se manter no mercado competitivo diante do novo cenário mundial, se faz as custas dos trabalhadores, ou seja, as mudanças ocorridas nas indústrias de calçados francanas não referem-se à incorporação de recursos tecnológicos avançados, mas sim no uso intensivo da força de trabalho desses indivíduos (NAVARRO, 2003).

Convém acrescentar ainda neste capítulo a remuneração das pespontadeiras que fizeram parte da coleta de dados desta pesquisa.

Dentre as pespontadeiras entrevistadas que trabalham em fábricas, o salário variou de R\$ 663,00 à R\$ 1.000,00, não sendo observado diferenças significativas entre os diferentes portes das fábricas. Na grande maioria, as pespontadeiras que trabalham em grupos, recebem por peça produzida, enquanto que as pespontadeiras que trabalham em esteiras, geralmente recebem um salário fixo, assim como aquelas que trabalham com consertos e amostras. Contudo, convém ressaltar que nas empresas onde o pagamento é fixo, especialmente as empresas de grande porte, este é realizado de acordo com a qualificação das pespontadeiras, ou seja, as pespontadeiras são categorizadas em pespontadeira de primeira, de segunda e de terceira e seus salários são correspondentes à qualidade do serviço realizado.

Sobre seus salários, as pespontadeiras deram as seguintes declarações:

³⁵ Dentre as diversas máquinas existentes no mercado, destacam-se aqui algumas delas:

- Máquina de costura industrial de uma agulha, transporte simples: executa costura em calçados, bolsas, cintos, carteiras, luvas e material de segurança em couro, sintético ou têxtil;
- Máquina de costura industrial de uma agulha, duplo transporte: ideal para costura grossa e de adorno em calçados, cintos, bolsas, luvas, carteiras e em materiais pesados e de segurança em couro, sintético ou selaria (bainha de faca, capa de canivete, cinto de segurança, maleta de ferramenta) e em artefatos de couro em geral, onde a eficiência no transporte e um maior esforço mecânico é exigido;
- Máquina de costura industrial de duas agulhas, transporte simples: ideal para costuras paralelas em tênis, calçado masculino, feminino, segurança, infantil, botinas e aventais;
- Máquina costura industrial de uma agulha, triplo transporte: indicada para costuras retas normais, especiais, adornos, aplicações de tiras, produtos de selarias, soleiras costura grossa e materiais pesados (IVOMAQ, 2009).

Está na faixa de R\$ 950,00. Na verdade está muito defasado o trabalho porque (...) deveria estar na faixa de R\$ 1.500,00 o salário de um pespontador, mas defasou muito (HELOÍSA).

Quem trabalha de pespontadeira fazendo amostra e conserto tem um salário mais alto porque exige mais do pespontador, porque a amostra é assim, uma amostra né?! Então você tem que fazer uma coisa bem feita. O conserto ele está ali já estragado, então você tem que ir lá consertar para ficar igual o outro pé que já está pronto, então ele exige mais nesse sentido de atenção, tem que fazer mais bem feito, tem que ficar melhor, o melhor possível. Mas tem diferença sim de quem faz amostra e conserto de um pespontador normal. Agora, eu até então, lá eu não recebo o salário de quem faz amostra e conserto, lá eles me pagam R\$ 750,00, salário de pespontador normal, e quem faz amostra e conserto teria que ganhar na faixa de uns R\$ 900,00 (GISELE).

Eu ganho R\$ 1.000,00 lá e é por mês.(...). Agora o piso do pespontador que eu sei lá da fábrica é a que paga melhor. E é assim, a pespontadeira que entra fica três meses ganhando menos para depois igualar. Igual minha colega que deve estar ganhando R\$ 900,00 (RAQUEL).

Para o pespontador de primeira o salário é o mesmo. Aí tem os pespontadores de segunda e os que estão começando que são os de terceira. Mas o nosso salário é mais baixo que os de outras empresas aqui em Franca. (...). O meu salário que é de primeira é R\$ 822,00. Quem ganha de segunda é em torno de R\$ 750, 00 por aí e os de terceira ganham uns R\$ 650,00. É essa faixa de salário lá dentro (TALITA).

Eu ganho R\$ 40,00 a mais porque eu sou pespontadeira de duas agulhas, graças a Deus, porque faz uma diferença esse dinheiro, né?! Mas então, eu estou recebendo agora R\$ 876,00 por mês (PRISCILA).

Quanto às pespontadeiras entrevistadas que trabalham fora das fábricas, o pagamento é realizado somente por peça, variando de R\$ 500,00 a R\$ 1700,00, podendo chegar até R\$ 3000,00 em épocas de grande produção. De acordo com as pespontadeiras, o custo do sapato varia de acordo com o trabalho que será realizado, bem como do modelo do sapato. Os custos da mão-de-obra das trabalhadoras entrevistadas variam entre R\$ 0,35 à R\$ 7,80. Convém mencionar ainda que além da responsabilidade sobre sua segurança e higiene no trabalho, bem como com os seus encargos trabalhistas, essas pespontadeiras ainda possuem gastos com maquinário, com energia e com os materiais necessários para a confecção do calçado na seção do pesponto.

Esse pagamento nosso nós tiramos R\$ 1026,00 a quinzena para nós duas [se referindo a ela e a auxiliar de pesponto]. Quer dizer, nós estamos achando pouco porque a gente tem que tirar ainda a cola, a linha. A cola

(...) a gente paga R\$ 90,00 na lata de cola e ela dá para quase 3 meses. Já a linha a gente paga uns R\$ 13,00 e um tubo dá para uma semana mais ou menos, então o gasto é alto. Fora isso tem a luz que fica acessa direto. Mas em vista por aí, até que aqui está mais ou menos. (...). (...) aqui o custo do sapato varia de modelo, de R\$ 3,30 à R\$ 4,26. Tem bota feminina que sai por R\$ 7,80 (BEATRIZ).

Olha, o negócio é o seguinte. Na fábrica eu tenho um X por mês que eu ganho, na banca você não tem. Na banca ou em casa é aquilo que você produz. Lá você ganha tanto, aqui eu tenho que fazer o meu trabalho. Às vezes dá mais, às vezes menos, na maioria das vezes dá menos. A última fábrica que eu trabalhei eu ganhava R\$ 850,00. Aqui eu não consigo tirar mais que isso não. Tem muitos gastos, cola, linha, energia (ANA).

(...) é assim, R\$ 800,00 é difícil por quinzena sabe, mas é R\$ 600,00, R\$ 700,00. No fim do ano a gente chega a tirar R\$ 800,00 por quinzena (BERNADETE).

Depende do modelo, o que a gente está fazendo aí está R\$ 5,98 o par, só que é muito trabalhoso. Mas na maioria dos casos está em torno de R\$ 2,50. Teve uma fábrica que chamou a gente para trabalhar, os sapatos lá eram nem torno disso R\$ 2,50, R\$ 3,50, mas aí a gente não faz, só se não tiver outra coisa melhor mesmo, porque isso não dá custo né, não tem como. Nesse caso, infelizmente a gente tem que ir para a fábrica. Mas tem muita gente que trabalha muito barato, fazendo o sapato masculino pela metade do preço que ele vale, então isso complica também. (...). Além do mais, a empresa desconta até as linhas, colas que a gente usa e eu acho um absurdo porque é coisa que vai no sapato deles né. Então eles fornecem as coisas, mas descontam do nosso salário. A coisa mais difícil é isso, porque está descontando do nosso serviço, eu acho isso muito errado. Se vai couro, se vai linha, se vai cola, isso deveria ser deles e a mão-de-obra nossa. Agora eles descontam de nós coisas do sapato deles (ELISA).

Essa nossa aqui é 0,35 centavos, porque é calcanheira (GABRIELA).

Apesar de melhor remuneradas quando comparado ao salário das pespontadeiras que trabalham nas fábricas, o trabalho terceirizado é acompanhado de um prolongamento extraordinário da jornada de trabalho. Como afirmou Tomazini (2003, p. 180), o tempo de trabalho e de não-trabalho dessas mulheres passa a ser dedicado quase que exclusivamente à fábrica, mesmo que informalmente, o que faz com que “nem mesmo em seu próprio lar, a mulher escape ao controle do capital; seus tentáculos alcançam-na de múltiplas formas, controlando, inclusive, o seu tempo e o seu ritmo de trabalho extrafábrica”. Tal questão, bem como suas consequências na vida e na saúde das trabalhadoras, será aprofundada no capítulo seguinte.

No que se refere a quantidade de pares de sapato produzidos por dia pelas pespontadeiras que trabalham dentro das fábricas, a produção varia de 12 pares

para aquelas que produzem amostras e consertos, e até 600 pares para aquelas que trabalham em fábricas de grande porte. Da mesma forma, a produção das pespontadeiras que trabalham em seus domicílios ou em bancas varia de 15 a 100 pares, podendo chegar a 300 pares, como no caso da calcanheira. A quantidade a ser produzida depende do modelo do sapato, da quantidade de pedido e da disponibilidade de serviço.

Um pespontador faz em média 60, 70 pares. Depende do modelo. Bota são uns 20, 25 pares. Agora sapato são uns 30, 35 pares no horário normal (ZILDA).

Em torno de 220 pares por dia. Então você imagina o tanto que é corrido. Lá a produção é aberta, então o sapato passa na mão de todos os funcionários. Então eu não fico fazendo um monte de costuras em um sapato só. Eu faço várias costuras, de vários tipos, mas é um pedaço só do sapato, eu não costuro o sapato inteiro como quem faz, por exemplo, 30 pares por dia. A produção é bem mais rápida, é um rodízio (MEIRE).

O ritmo da esteira é bem acelerado (...). Mas assim, além do ritmo normal ser muito rápido, suponhamos que tem que sair 600 pares, que é a meta que tem que cumprir até a tarde. Aí eles aceleram a esteira um pouco mais para jogar um pouco para que caso amanhã der algum problema, né. Então eles já deixam um pouco da produção do outro dia pronta. Então eles aceleram um pouquinho mais (PRISCILA).

Eu sozinha faço uns 15 pares, mas como eu trabalho com meu esposo, a gente faz uns 30 pares por dia, mais ou menos. Tem dia que faz 25, isso depende do modelo (ESTELA).

A gente estava fazendo 18, 20 pares. Agora a gente não faz menos que 24 por dia. Tem dia que a gente faz 30, 26, 28, aí depende (BERNADETE).

Frente a esse quadro até o momento exposto, pode-se observar que a confecção de calçados na cidade de Franca dispõe, portanto, de dois modos de produção do trabalho, a fábrica que se caracteriza por um esquema sistematizado que distribui e controla os trabalhadores, impondo poder aos seus corpos e modelando-os de acordo com a sua necessidade; e o trabalho terceirizado que se diferencia por, muitas vezes, ter ainda um cotidiano de trabalho expressivamente infiltrado no cotidiano domiciliar ou familiar (FREITAS; BARBOSA, 2007).

Segundo Mendes (2005, p. 158), a rotina industrial, seja na fábrica, na banca ou no domicílio da trabalhadora

(...) ameaça degradar o caráter humano em suas próprias profundezas, pois a divisão do trabalho embrutece a explosão espontânea, a criatividade das pessoas. (...) As dores da rotina de mais de um século culminaram em gerações que aprenderam a *perder a vida para ganhá-la*.

Diante de toda essa realidade, pode-se vislumbrar, portanto, os possíveis (e prováveis) efeitos do trabalho no pesponto e suas precárias condições na saúde das trabalhadoras, as quais, muitas vezes, não possuem outra opção a não ser se submeterem a esse desumano processo de trabalho em busca não de viverem, mas de simplesmente sobreviverem.

5. A VIVÊNCIA DO TRABALHO DAS PESPONTADEIRAS NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA E SEUS REFLEXOS NA SAÚDE DAS TRABALHADORAS

É este o preço pago pela garantia da competitividade do calçado brasileiro (...)

(VERA LÚCIA NAVARRO, 2005)

Como dito anteriormente, a intensificação da exploração da força de trabalho que cada vez mais se faz presente na sociedade atual, refere-se a uma das principais características do novo padrão de acumulação do capital.

Tal intensificação que se manifesta pelas novas formas de organização da produção e do trabalho; pela adoção de novas tecnologias; pelas relações de trabalho que resultam em contratos precários, na terceirização, na subcontratação, no arrocho salarial, no aumento da jornada de trabalho, tem ocasionado o aumento das doenças relacionadas ao trabalho, bem como de acidentes de trabalho devido às suas condições, as quais podem levar os trabalhadores a uma incapacidade temporária ou permanente, e até mesmo à morte (NAVARRO, 2003).

Da mesma forma, Heloani e Lancman (2004) relataram que com a processualidade da reestruturação produtiva no Brasil e suas consequências, tais como a incorporação de novas tecnologias; a diminuição de muitos postos de trabalho; a intensificação do ritmo de trabalho; a sobrecarga e a exigência dos que continuam trabalhando; a necessidade de tornarem-se trabalhadores polivalentes para se manterem empregados; a crescente precarização das relações de trabalho, tem-se ampliado e agravado significativamente o riscos de acidentes e o quadro de doenças ocasionadas pelo trabalho.

Essa situação, como afirmou Navarro (2003), é evidenciada pela voracidade com que o capital consome a força de trabalho vendida pelos trabalhadores em troca de um salário, que se caracteriza pela única alternativa que lhes restam para a manutenção de suas existências.

Contudo, essa força de trabalho só pode ser vendida se o trabalhador tiver 'saúde suficiente' para executar o trabalho requerido pelo capital, o qual obriga que os trabalhadores sejam suficientemente saudáveis para garantirem a produtividade

exigida, ou seja, “o que importa não é a saúde dos trabalhadores, mas a saúde necessária à produção” (RIBEIRO, 1999, p. 203).

Assim, fica clara a afirmação de Mendonça (1988) quando o autor disse que no sistema capitalista, um dos principais critérios utilizados para traçar o limite existente entre saúde e doença refere-se à capacidade de produzir. Ribeiro (1999, p. 204) ainda completou ao afirmar que

(...) há, portanto, uma contradição nodal e histórica entre capital e trabalho. Para o primeiro, a força de trabalho, como qualquer outra mercadoria, embora indispensável à produção, é para ser consumida e substituída, à medida que se ‘desgasta’ como qualquer outro elemento do processo de produção. Ele a tem, pois, como peça descartável. Um conceito e prática duros e extremamente materialistas. Em oposição, está incorporado historicamente à consciência do trabalhador, que sua experiência e saber, isto é, sua capacidade técnica, independente da qualificação, é irrenunciável. Tem consciência, também, que para exercitá-la precisa ter saúde. Por isso, a capacidade de trabalho, essencialmente constituída de experiência, saber e saúde, é um bem inalienável. Não é ela que ele põe à venda, mas horas de sua utilização. E resiste para mantê-la intacta.

Desta forma, os agravos à saúde do trabalhador são expressões gritantes do modelo capitalista, representando de forma clara o outro lado do desenvolvimento econômico, que não é homogêneo e tem gerado na sua contramarcha a intensificação do trabalho precarizado, o subemprego e o desemprego, os quais refletem em sofrimentos e danos à saúde dos trabalhadores (LOURENÇO; BERTANI, 2008).

Neste contexto, os problemas apresentados pelo indivíduo diante de seu trabalho não devem ser compreendidos somente como resultantes dos riscos ocupacionais aos quais está exposto, mas como expressão concreta do que ele vive e das relações estabelecidas entre todo o complexo processo de trabalho e a organização social dos trabalhadores (LAURELL; NORIEGA, 1989), pois o processo saúde-doença não é individual e exclusivo da dimensão biológica do ser humano, mas sim, um processo particular de produção de uma sociedade que se expressa de forma individual, aproximando a doença não apenas do sofrimento físico, como também psíquico, moral e ético (EGRY, 1996).

A diferença fundamental está na compreensão da saúde e da doença, não apenas como manifestações individuais e próprias dos seres humanos mas, sobretudo, como decorrentes de uma dada situação cultural e/ou social vivenciada pelos indivíduos (MEDEIROS et al., 1999).

Diante de tamanha complexidade, os caminhos atualmente traçados com o objetivo do estudo e aprofundamento das relações entre trabalho e saúde têm se configurado pela pluralidade das metodologias em direção à interdisciplinaridade, possibilitando diversos caminhos para a compreensão da realidade dos trabalhadores, caminhos esses que caracterizam o universo do trabalho pela área da saúde, pelos movimentos sociais existentes em todo cenário nacional (CHILLIDA; COCCO, 2004).

Desta forma, procurando compreender toda a complexidade da relação trabalho e saúde das pespontadeiras das indústrias de calçados de Franca, buscamos contemplar nesta pesquisa, não somente o visível, mas também o imensurável: a subjetividade das trabalhadoras, bem como as relações envolvidas no seu processo de trabalho. Através da escuta foi possível, portanto, um processo de reflexão sobre o trabalho e suas múltiplas consequências na vida e na saúde daquelas que o realiza.

Assim, a partir das entrevistas realizadas com as pespontadeiras, foi possível encontrar indícios reveladores de como o processo e as condições de trabalho estão estritamente relacionados à saúde dessas trabalhadoras, os quais serão analisados a seguir.

5.1. JORNADAS DE TRABALHO ESTAFANTES

Políticas de tempo definem o conteúdo das vidas das pessoas. Até hoje ninguém pode viver sem trabalhar, exceto os ricos. Mas a vida é bem mais do que trabalhar. Trabalha-se para viver. Não se vive para trabalhar. A vida tem potencialidades de realização que ultrapassam o horizonte do trabalho. Eis um caminho a ser perseguido.

(DAL ROSSO, 1998)

Durante a realização da coleta de dados, nos deparamos com muitos aspectos críticos no processo de trabalho das pespontadeiras das indústrias de calçados de Franca, dentre os quais destaca-se a jornada de trabalho por apresentar determinado potencial que pode desencadear prejuízos à saúde das trabalhadoras.

Analisando a jornada de trabalho no início do capitalismo, Marx (1996a, p. 378) afirmou que esta “compreende diariamente as 24 horas completas, depois de

descontar as poucas horas de descanso, sem as quais a força de trabalho fica totalmente impossibilitada de realizar novamente sua tarefa”.

Dal Rosso (2006) também explicou que a jornada de trabalho expressa através do componente de duração, ou seja, da quantidade de tempo que o trabalho consome da vida dos trabalhadores, possui muitas implicações, tais como a interferência na qualidade de vida dos trabalhadores; a definição da quantidade de tempo que esses indivíduos dedicam às suas outras atividades; e o estabelecimento direto de relações entre as condições de saúde, o tipo e o tempo de trabalho executado.

Vale ressaltar ainda que

o capital tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou (MARX, 1996a, p. 347).

Desta forma, como explicou Marx (1996a, p. 346), a jornada de trabalho não é uma grandeza constante, mas variável, determinada pelo tempo de trabalho que é exigido para que o trabalhador possa se reproduzir continuamente, bem como pela duração do mais-trabalho, o que modifica a sua grandeza total. “A jornada de trabalho é, portanto, determinável, mas em si e para si, indeterminada”.

A flexibilização da jornada de trabalho das pespontadeiras das indústrias de calçados de Franca pôde ser observada durante o percurso de desenvolvimento dessa pesquisa. No que diz respeito às trabalhadoras entrevistadas, desde as que executam o seu trabalho no espaço fabril, às que exercem sua atividade laboral nos espaços mais improvisados de seu domicílio, todas, sem exceção, desenvolvem jornadas de trabalho superiores a oito horas diárias³⁶.

³⁶ “A Constituição Brasileira de 1988 estabelece como direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, a ‘duração do trabalho normal não superior a oito horas diárias ou quarenta e quatro horas semanais, facultada a compensação de horários e a redução da jornada, mediante acordo ou convenção coletiva de trabalho’ (art. 7, XIII) e ‘jornada de seis horas para trabalhos realizados em turnos ininterruptos de revezamento, salvo negociação coletiva’ (art. 7, XIV). Essa formulação resume a segunda grande mudança legal da jornada brasileira do trabalho conhecida na história do país, a primeira sendo a determinação da jornada dentro do parâmetro de oito horas diárias e 48 semanais, em 1932. De 1932 para 1988, foram subtraídas quatro horas na jornada normal de trabalho, que passou de 48 para 44 horas semanais.” (DAL ROSSO, 1998, p. 65).

Eu trabalho mais de 8 horas. É o horário da fábrica (GISELE).

Lá a gente entra às 6:45 e sai às 11:00, entra às 12:24 e sai às 17:00. O trabalho assim a gente não para, e nos horários que a gente está dentro da fábrica é direto, sem parar (HELENICE).

Eu entro às 6:45, saio às 11:00 para almoçar. Aí às 12:24 eu volto e saio às 17:00. Sabe, eu trabalho quase 9 horas por dia, faltam só 10 minutos para dar 9 horas. Se a gente trabalhasse 7 horas, já estaria ótimo (MAÍSA).

Eu entro às 6:45, saio às 12:00, aí eu almoço, entro às 13:00 e saio às 17:30 (RAQUEL).

A extensão da jornada de trabalho é ainda mais agravante quando se refere às pespontadeiras que desenvolvem sua atividade laboral fora dos muros das fábricas. De acordo com Navarro (2003) o trabalho realizado nas bancas ou nos domicílios puni ainda mais o trabalhador, pois contribuiu para o agravamento das condições de trabalho, uma vez que além de serem realizados em locais improvisados e inadequados, esses trabalhadores assumem jornadas superiores a dez horas, sem folgas até mesmo nos fins de semana.

A jornada de trabalho da grande maioria dessas trabalhadoras ultrapassa as oito horas diárias, e é habitual o trabalho noturno. De forma geral, quando há oferta de trabalho, o trabalho dessas mulheres não se interrompe nos fins de semana ou nos feriados. A recusa do trabalho repassado pelos intermediários pode significar suspensão dos repases, o que, num ambiente de crise de emprego, pode significar problemas futuros. Tais condições configuram-se em superexploração do trabalho da mulher (...) (NAVARRO, 2006a, p. 421).

Tal situação pode ser ilustrada através dos depoimentos prestados pelas entrevistadas:

Eu começo 5:30, 6:00 horas. Lá pelas 11:00 eu paro para fazer o almoço, aí eu almoço e já volto para máquina. Depois 13:00 eu tenho que levar menino na escola, entendeu? Então é uma correria só. Tem dia que eu nem como, porque menino está chamando. Então, é difícil. Mas para trabalhar fora não tem quem fica com eles, é pior. Aí e vou até 20:00, 20:30. Depende de como correu o dia, né. Se você atrasa, mas eu costumo ir até esse horário. Às vezes eu trabalho no sábado, mas tem sábado que eu trabalho o dia todo (BIANCA).

Eu começo às 7:00, paro às 11:00, faço almoço, almoço e volto às 12:30, aí eu paro às 17:00, vou lá, faço um café. Aí a minha ajudante vai embora e eu volto e trabalho até umas 19:00, mas se precisar eu trabalho mais um pouquinho. Aí no sábado de manhã eu também trabalho quando precisa (CAMILA).

Eu já trabalhei em casa. (...) em casa você não tem hora para dormir, não tem hora para a gente se alimentar, se você perde umas horinhas ali depois você tem que trabalhar dobrado porque a gente tem hora de entregar o serviço. Em casa eu trabalhava até as 21:00, acordava às 5:00, trabalhava nos sábados, então era direto (TALITA).

Quando eu trabalhei em casa, eu não tinha hora não, sabe. Eu parava às 3:00 ou às 4:00 da manhã, aí dava aquela cochilada e às 6:00, na hora que meu companheiro levantava para trabalhar, aí eu já levantava também porque a gente tinha acabado de construir e estava numa situação meio difícil. Eu fiquei magrinha, magrinha e ainda bem que depois que acabou esse serviço eu já voltei para a fábrica. Eu trabalhei uns 3 ou 4 meses mais ou menos fazendo umas botas e eu não tinha nem horário de almoço, meu almoço e minha janta eram um saquinho de bolacha do lado da máquina. Então eu acho que trabalhar em casa é difícil demais (PRISCILA).

Eu começo às 6:30, aí eu paro para fazer o almoço e almoçar e trabalho o dia todo, talvez depois da janta eu trabalho, então está sempre tendo alguma coisa para adiantar porque hoje está tão difícil trabalhar com pesponto. Tem dia que eu trabalho até as 23:30, 00:00. Trabalho no sábado também, tem vez que eu trabalho até no domingo. Estando aqui dentro de casa você não fica sem trabalhar, não tem jeito (FERNANDA).

É das 7:00 às 18:00. Aí depende, se você quer adiantar (...) eu vou até umas 21:00, e assim, acelerado, você não pode piscar muito não, é constante. Não é mais acelerado porque a gente não dá conta, mas é constante, são 5 minutos para aquilo, 5 para aquilo ali, 10 minutos para a outra parte, é cronometrado, não tem nada de falar que você pode fazer o seu tempo. Você imagina então. Aí é assim, eu levanto às 6:00, faço meu café e venho para cá às 7:00, aí é o dia todo. Aí eu saio para fazer o almoço e umas 11:20 eu volto para cá, aí eu tomo um café à tarde e fico aqui até terminar. Tem dia que eu volto para dentro de casa, faço janta e volto para cá de novo, é puxado demais (DALVA).

Não tem muita hora né, como a gente trabalha em casa a gente faz o nosso horário, mas antes das 22:00 nós paramos porque faz muito barulho e nós temos medo de atrapalhar os vizinhos (FLÁVIA).

O tempo de trabalho no Brasil caracteriza-se por ser um tempo extenso, flexível e intenso. No que se refere à extensão, a jornada de trabalho no Brasil caracteriza-se por ser uma das maiores no mundo, sendo menor apenas que a jornada de trabalho no Japão. Com relação à flexibilidade, é possível observar o aumento das formas flexíveis de trabalho, tais como jornada em tempo parcial, banco de horas, trabalho em turno, horas extras, férias coletivas. Além da extensão e da flexibilidade, a jornada de trabalho se caracteriza pela intensidade da realização das tarefas diante das inovações tecnológicas e organizacionais das empresas, tais como as metas de produção; a redução do número de pausas; a concorrência entre os grupos de trabalho dentro da empresa; o *just in time*; e a polivalência exigida dos trabalhadores (DIESSE, 2009).

É importante acrescentar ainda que para a compreensão da jornada de trabalho, é necessário atentar-se à prática das horas extras, uma vez que a coexistência das longas jornadas de trabalho e da utilização de horas extras caracteriza-se como partes integrantes do atual quadro de precarização das condições de trabalho. A aceitação do trabalhador para a realização das horas extraordinárias refere-se não só à pressão patronal, como também ao reduzido salário que recebem pela execução de seus trabalhos (DIEESE, 2006). “A necessidade de realizar longas jornadas para atingir uma remuneração que permita a manutenção de um padrão de vida aceitável também configura trabalho precário” (DIEESE, 2006, p. 21).

Além das horas de trabalho realizadas diariamente se caracterizarem por serem maiores do que as horas estabelecidas pela legislação, dentre as trabalhadoras entrevistadas que exercem sua atividade laboral dentro das fábricas, a grande maioria realiza horas extras quando solicitadas pela empresa. A realização dessas horas extras é marcada pela sazonalidade, ocorrendo em períodos de alta produção, como por exemplo, nos finais de ano.

Dentre as trabalhadoras entrevistadas, uma parte relatou que as indústrias para as quais trabalham obrigam a realização dessas horas, enquanto que as demais relataram que nas indústrias que trabalham, são solicitadas a realizarem as horas caso tenham disponibilidade. Contudo, a impossibilidade de realização deste trabalho, mesmo que não obrigatório, pode levar ao desemprego, caso não seja realizado.

(...) quando está muita produção a gente trabalha. A gente trabalha até umas 20:00. Eu já trabalhei ali na fábrica até as 21:00, 21:30. Sábado até as 16:00, feriado também (JANAÍNA).

Mas é muito corrido sabe, a gente faz muito cerão porque está muito corrido, tem muito pedido porque é sapato feminino e sapato feminino em Franca tem muito serviço. Então a gente trabalha um pouco mais porque senão no outro dia a gente não dá conta da produção. Aí no sábado fica aberto para quem quiser ir, mas aí a gente ganha hora extra, então eu costumo ir porque é um dinheiro a mais né (MEIRE).

Olha, a gente começa às 6:45, para às 11:30 para o almoço. Aí volta às 12:30 e para às 17:00. Lá eles pedem para fazer umas horas extras, mas eu não faço mais não, na verdade eu custo cumprir o horário (PRISCILA).

Ali na fábrica entrou meados de setembro é cerão no sábado direto e hora extra também. Aí a gente trabalha até as 20:00 e no sábado também, não é fácil aguentar não, mas se você não colaborar, você está fora (HELENICE).

(...) dia de cerão a gente faz meio forçado (..) eu não costumo fazer muito mais não porque eu não aguento mais, mas chega final de ano e eles pedem porque trabalha a esteira completa, aí eu vou né, porque senão você já viu, você já fica marcada (TALITA).

É importante ressaltar que a realização de horas além da jornada de trabalho, por ser definida pelo empregador, possui como consequência “a perda do controle por parte do trabalhador do seu tempo de trabalho e do seu tempo livre”, o que acaba por desorganizar todo o seu cotidiano (DIESSE, 2009, p. 6).

Além disso, as longas jornadas de trabalho desenvolvidas pelas trabalhadoras entrevistadas, além de invadirem significativamente o seu tempo de não trabalho, refletem diretamente na sua saúde mental e física.

Como consequência evidente do trabalho excessivo associado às longas jornadas de trabalho, destaca-se os distúrbios osteo-musculares; os acidentes e os ferimentos resultantes do trabalho; os problemas psicológicos; a adoção de um estilo de vida não saudável ao trabalhador, potencializando o risco de hipertensão e de doenças cardiovasculares, bem como a fadiga, consequência evidente de um trabalho extenuante (ROTENBERG, 2004).

Tem dia que a gente acorda cansada, dia de domingo na hora que acaba o Fantástico eu falo “Ai, meu Deus, amanhã começa segunda”. E aí chega na sexta você já está com o corpo bem cansado e, às vezes, ainda tem que ir no sábado (HELENICE).

Sabe, às vezes você cansa porque a rotina fica só essa, você levanta cedo, pega o sapato e vai o dia inteiro. Aí essa rotina te cansa. Tem gente que fica doente (...), é dessa rotina só, um serviço só. Se me der na cabeça, eu largo isso aqui, vou lá na praça e ando, ando, ando até. Meus filhos ficam até perguntando o que eu vou fazer, eu não compro nada, eu levo o dinheiro do ônibus, aí eu dou uma andada lá e volto sossegada para trabalhar. Desestressa sabe por quê? Querendo ou não isso aqui vem de pedaço em pedaço para você montar tudo ele, então tem dia que cansa muito a cabeça da gente (DALVA).

É muito pouco tempo de descanso sabe, você acorda cansada, você vive estressada, mesmo que você sai de casa para passear, você está lá e fica pensando no serviço que você tinha que estar fazendo. É uma escravidão, sabe? (FERNANDA).

De acordo com Guedes (2008) a fadiga resultante de um trabalho árduo é causada por diversos fatores, tais como os fisiológicos, caracterizados pela intensidade e duração do trabalho realizado; os fatores psicológicos que se expressam através da monotonia da atividade realizada, bem como a falta de motivação para a realização deste; fatores ambientais resultantes das particularidades do posto de trabalho, tais como iluminação, ruído, ventilação e fatores sociais caracterizados pelas relações sociais estabelecidas no trabalho.

Desta forma, a fadiga no trabalho é consequência de múltiplas causas, sendo geralmente, decorrentes da precarização das condições de trabalho, do desencontro existente entre o ritmo biológico e o ritmo de trabalho (MORENO; FISCHER; ROTENBERG, 2003) e das relações estabelecidas dentro da organização, resultando como afirmou Nahas (2001), em um conjunto de alterações no organismo (mentais e físicas), levando o indivíduo a uma sensação de cansaço generalizado que pode resultar em diminuição da motivação, dificuldade no desempenho de atividades mentais e físicas, dificuldade de atenção e concentração, dentre outros.

Assim, como afirmou Marx (1996a, p. 379),

a produção capitalista, que é essencialmente produção de mais-valia, absorção de mais-trabalho, produz, portanto, com o prolongamento da jornada de trabalho não apenas a atrofia da força de trabalho, a qual é roubada de suas condições normais, morais e físicas, de desenvolvimento e atividade. Ela produz a exaustão prematura e o aniquilamento da própria força de trabalho. Ela prolonga o tempo de produção do trabalhador num prazo determinado mediante o encurtamento de seu tempo de vida.

É de extrema importância ressaltar que muitos estudos vêm sendo realizados com o objetivo de evidenciar claramente a necessidade, a importância e a possibilidade da redução da jornada de trabalho.

A redução da jornada de trabalho se caracteriza como um mecanismo de grande importância na diminuição do desemprego estrutural, que atinge em escala global uma grande quantidade de trabalhadores. Além disso, possibilita o desencadeamento de ações e reflexões necessárias sobre o tempo de vida dos trabalhadores, no trabalho e fora deste. “Ela permite, quando concebida num horizonte societal anticapitalista, articular tanto a luta contra a exploração no trabalho, quanto em relação à alienação fora do mundo produtivo, na esfera do consumo” (ANTUNES, 2008, p. 1).

Vale ressaltar que “(...) os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história. Mas para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais” (MARX, 1987, p. 39). Para tanto, a luta pela redução da jornada de trabalho é de extrema importância, assim como a luta pelo direito ao trabalho. Juntas, como afirmou Antunes (2008, p. 1), possibilitam “aproximar dois pólos decisivos da classe trabalhadora: os que estão trabalhando muito, em tempo intenso e extenuante e aqueles que se encontram vivenciando o flagelo do desemprego”, e assim, minimizar a subordinação do capital para com o tempo (de trabalho e de vida) dos trabalhadores.

A redução da jornada de trabalho possibilita ainda a participação dos trabalhadores nos ganhos de produtividade gerados pela sociedade. Como afirmou o Dieese (2007, p. 7) “as inovações tecnológicas e organizacionais são consequências do acúmulo científico e do esforço contínuo de gerações e são, portanto, mérito de toda a sociedade. Assim, sua apropriação e utilização também devem ser feitas por toda a sociedade”.

Desta forma, os esforços realizados na busca da redução da jornada de trabalho consistem, de acordo com Pochmann (2008) em contribuir com a luta dos trabalhadores pela libertação do trabalho heterônomo, ou seja, o tipo de atividade laboral que visa única e exclusivamente, a sobrevivência, através da troca das forças físicas e intelectuais do trabalhador, por uma remuneração.

Contudo, o mundo do trabalho vivencia atualmente um momento muito complexo, onde se verifica, de acordo com Dal Rosso (1998, p. 31), a existência de uma tensão instalada entre a luta pela redução da jornada de trabalho e o aumento do tempo de trabalho. Mesmo assim, o que se observa ainda é “o ressurgimento de uma tendência supostamente sepultada no passado: as longas jornadas de trabalho”.

Como consequência do aumento desmedido do tempo de trabalho, os trabalhadores têm seus períodos de descanso, lazer, bem como a possibilidade de realização de outras atividades na vida, privados de serem realizados (DAL ROSSO, 1998).

Além disso, é imprescindível ressaltar que a perversidade da estafante jornada de trabalho realizada pelas pespontadeiras coexiste com a árdua obrigação do trabalho doméstico, que as responsabiliza por todos os cuidados necessários à manutenção de seus lares.

Como afirmou Nogueira (2004), a dupla jornada de trabalho realizada pelas mulheres é resultante, dentre outros fatores, do fato do papel de mulher dona-de-casa ainda permanecer no imaginário da sociedade.

As relações de gênero são caracterizadas por um processo pedagógico que se inicia no nascimento e perdura por toda a vida, acabando por reforçar continuamente a desigualdade existente entre homens e mulheres. Desde pequenas, as crianças aprendem brincadeiras que reproduzem a vida adulta. Enquanto as meninas brincam de casinha, de boneca, de fazer comida, os meninos brincam de jogar futebol, dirigir carrinhos e de lutas. Dificilmente são solicitados para lavarem as louças, arrumarem as camas (CABRAL; DIAZ, 1998).

A reprodução dessa situação na vida adulta caracteriza as relações de gênero existentes no mundo capitalista, as quais evidenciam as diferenças entre homens e mulheres em todos os aspectos. No mundo do trabalho, tanto no espaço produtivo quanto reprodutivo, esta organização se mantém desigual, em conformidade com as diferenças de gênero existentes.

Vale acrescentar que a ideologia embutida na divisão sexual do trabalho que sustenta a ideia de que algumas atividades são trabalhos de mulheres, como o cuidado dos filhos, acaba por resultar em um ciclo praticamente contínuo de trabalho na vida da mulher (SOUZA-LOBO, 1991).

Desta forma, a dupla jornada de trabalho realizado pelas mulheres significa que além da jornada de trabalho realizada no espaço produtivo, esta ainda realiza uma longa jornada dentro de casa, ou seja, a soma dos esforços que essas mulheres realizam no âmbito público e privado é o que denomina a dupla jornada de trabalho (CABRAL; DIAZ, 1998).

É importante ressaltar que embora menos participativos, a presença masculina nos afazeres domésticos³⁷ não pode ser desprezada (BRUSCHINI, 2007), uma vez que mesmo em ritmo lento, a participação de homens nas tarefas domésticas tem aumentado (SORJ, 2004).

³⁷ Vale esclarecer que de acordo com Bruschini (2007, p. 544), “a PNAD (Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios) define como afazeres domésticos a realização, no domicílio de residência, de tarefas (que não se enquadravam no conceito de trabalho) de: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou menores moradores; limpar o quintal ou terreno que circunda a residência. A categoria ‘afazeres domésticos’ abriga, portanto, uma ampla gama de atividades (...)”.

Contudo, é importante esclarecer que a participação masculina nestas atividades é ainda bastante seletiva e limitada, uma vez que, em geral, não realizam atividades que envolvem trabalhos rotineiros, manuais, dedicando-se às tarefas que envolvem maior interação entre a família e o espaço público, tais como fazer compras no supermercado, levar os filhos às consultas médicas, além de atividades como ajudar os filhos nas tarefas escolares (SORJ, 2004).

Tal situação acaba por apenas amenizar as árduas atividades das mulheres no espaço reprodutivo, uma vez que as tarefas que exigem trabalho mais intenso, também são aqui destinadas a elas.

Diante disso, pode-se observar que ao integrar a mulher ao processo produtivo, o capitalismo não teve a intenção de emancipá-la, mais de extrair-lhe a mais-valia (GAZZOLA; AZAMBUJA, 2000), uma vez que não sendo liberada das tarefas domésticas, “a mulher transforma-se em dupla mercadoria: do marido, na esfera doméstica, e do capitalismo, no âmbito da fábrica” (AMMANN, 1997, p. 85).

No caso das pespontadeiras de Franca essa realidade não é diferente. Apenas uma das entrevistas relatou ter ajuda do marido nos afazeres domésticos.

Eu sou meia suspeita para falar porque o meu companheiro é aposentado. Então quando eu chego em casa do trabalho, as coisas já estão praticamente prontas, a casa arrumada, as roupas lavadas e passadas porque minha filha também ajuda ele. Então como ele faz tudo, às vezes dá umas 19:00 eu já posso dormir. Mas isso sou eu, né? Eu não tenho preocupação com nada de casa. Mas eu vejo minhas amigas lá da fábrica que ficam muito cansadas porque chegam em casa e ainda tem muito serviço para fazer (PRISCILA).

A realidade vivenciada por esta entrevistada não é a realidade vivenciada pela maioria das mulheres. De acordo com Dedecca (2004), enquanto grande parte das mulheres realiza as tarefas domésticas de seus lares, menos da metade dos homens utilizam seu tempo para a realização dessas atividades, o que consequentemente sugere uma maior responsabilidade feminina na organização familiar.

Tal fato pôde ser observado nos depoimentos das trabalhadoras entrevistadas que relataram a sobrecarga sentida diante da responsabilidade das atividades do lar, o que resulta em consequências significativas na sua saúde física e emocional, bem como na sua vida pessoal.

A mulher tem que cuidar da casa, fazer a janta, tem que lavar, passar, então a gente tem que ficar dividindo com mais a tarefa de casa (...). Só se você chegasse em casa e não fizesse nada como os homens, mas como isso é impossível, o tempo de descanso não é suficiente não. Inclusive é muito cansativo, Nossa Senhora! (NATÁLIA).

(...) além de trabalhar fora, eu tenho que trabalhar dentro de casa, entendeu. Igual um pespontador homem. Ele pesponta, faz a mesma produção que eu, chega em casa põe os pés no sofá e dorme. Por que? Eu não vejo diferença. E é desgastante (ZILDA).

(...) é puxado, porque a gente que é dona de casa, os nossos afazeres não é só o sapato, então a gente tem que conciliar casa e trabalho (DORA).

Tem vez que a gente não pode nem conversar com ninguém porque fica muito irritada, porque trabalha muito, o dia inteiro e fica cansada, porque é um serviço assim que cansa muito, a gente sabe. Igual eu que cuido da casa, faço tudo, aí acaba o serviço e ainda tem as coisas para fazer; fim de semana, limpar, lavar, então a gente fica bastante irritada (BERNADETE).

(...) você já trabalhou muito e chega em casa e tem outro trabalho para fazer, então é complicado né. Tem dia que a gente dá umas tropeçadas, principalmente na educação do filho porque tem dia que não dá tempo. Igual hoje eu cheguei e ele não estava aqui porque foi jogar bola. Aí quando ele chega, eu já estou dormindo porque o cansaço é tanto que você não consegue nem esperar chegar para conversar, então atrapalha um pouco. Agora ainda tem o serviço de casa que eu faço custando, mas faço. Igual eu chego, tomo banho, venho para a cozinha, faço janta e já não dá tempo de fazer mais nada (MAÍSA).

Olha, a gente tem que ter um jogo de cintura muito grande porque a gente acaba o serviço arrebitada, mas aí você sabe que tem cozinha para arrumar, tem janta para fazer, tem muita coisa para fazer, então você tem que ter força. Conciliar é meio difícil, a gente tem é que ter força mesmo! (ANA).

Um aspecto importante que merece ser destacado mesmo que brevemente, refere-se a realidade ainda mais penosa vivenciada pelas mulheres que chefiam seus lares, o que representou quase a metade das trabalhadoras entrevistadas (mulheres solteiras, separadas ou viúvas, que possuem filhos).

Essa é uma situação que vem crescendo de modo expressivo no Brasil e que acaba por sobrecarregar ainda mais as mulheres trabalhadoras, uma vez que essas não só trabalham para auxiliar na complementação da renda familiar, como também não podem contar com a ajuda masculina para dividir as responsabilidades do trabalho no lar e no cuidado dos filhos (CUNHA; FUENTES, 2006).

(...) igual você está vendo, eu sou o homem da casa aqui né, mora só eu e meus filhos. Então eu tenho uma responsabilidade tremenda (...) Se eu

tivesse um marido, o pai dos meninos, eu ia chegar aqui e com certeza eu teria uma pessoa para estar me ajudando. Se os meninos estão discutindo, aí ele ia lá, ele conversaria e assim a gente dividiria os problemas e as coisas que tem para fazer em casa (YASMIN).

Você tem que ter a cabeça firme porque igual eu chego aqui em casa e meus filhos já chegam junto comigo. Aí você já tem que chegar, dar banho, dar janta e se eu deixar é bagunça o dia inteiro, ainda mais que eu estou separada, porque quando tem a presença do pai, o pai ajuda e só com a mãe, aí complica mais ainda. E eu custo dar conta, viu? (JÚLIA).

Igual no meu caso que eu sou sozinha. Se tem serviço, eu quero trabalhar para não deixar as coisas faltarem para minhas crianças. Então você tem um lugar para ir e não vai. Não leva as crianças para brincarem em uma pracinha, porque trabalha o dia inteiro e ainda tem que fazer o serviço de casa. Então é complicado porque se eu tivesse marido para ajudar a sustentar a casa pelo menos, né? É muita coisa em cima de mim, sabe? (BIANCA).

Desta forma, é possível observar que o ingresso da mulher no mercado de trabalho não resultou na diminuição da jornada de trabalho com os afazeres domésticos dentro do lar (DEDECCA, 2004). Pelo contrário, ao ingressar no mercado de trabalho as mulheres passaram a apresentar um significativo desgaste em sua saúde física e mental, além de um sentimento de culpa por não conseguirem cumprir adequadamente com todas as tarefas de seus lares, incluindo o cuidado dos filhos (CABRAL; DIAZ, 1998).

Essa realidade se evidenciou ainda mais alarmante no que se refere às trabalhadoras do pesponto que realizam suas atividades fora das fábricas, uma vez que assim como afirmou Lourenço (2008), o trabalho realizado em domicílio acaba por gerar uma sobrecarga ainda mais intensa e interferir no relacionamento sócio-afetivo da família. A autora ainda acrescentou que, fora do espaço fabril, coexiste ainda o agravante do trabalho ser remunerado pela quantidade de peças produzidas, sendo portanto, dependente das oscilações de mercado, o que ocasiona grande tensão emocional e cansaço, não somente quando não há produção, mas quando amplia-se a demanda de trabalho, o que acaba por prolongar a jornada até altas horas da noite, bem como nos fins de semana e nos feriados, o que de acordo com Lourenço e Bertani (2008), faz com que o período de descanso não seja suficiente para que a trabalhadora possa repousar e repor suas energias para a realização do trabalho.

Dado o salário por peça, é naturalmente do interesse pessoal do trabalhador aplicar sua força de trabalho o mais intensamente possível, o que facilita ao capitalista elevar o grau normal de intensidade. Do mesmo modo, é interesse pessoal do trabalhador prolongar a jornada de trabalho, pois com isso sobe seu salário diário ou semanal (MARX, 1996b, p. 184).

Os depoimentos prestados pelas trabalhadoras elucidam essa situação:

Porque esse negócio de trabalhar por peça a gente fica muito nervosa, por exemplo, se tem um serviço mais complicado, mais difícil de fazer e você não consegue, você fica irritada, te deixa nervosa. Porque você que ficou o dia inteiro ali, trabalhou e não ganhou o suficiente. Então a gente fica bem nervosa. Porque o serviço difícil não sai, não rende e você chega no fim do dia, você vê que trabalhou e não terminou ele. Aí a gente fica irritada (BERNADETE).

De repente eu não dei conta de acabar a minha produção até domingo à noite e o serviço tem que ir embora na segunda de manhã, aí no domingo tem uma festa, aí vai todo mundo para lá e eu não posso ir, tenho que ficar aqui acabando o serviço. E na fábrica isso não acontece, deu 17:00hs, você acabou ou não, você vai embora, se você ficar depois disso é extra (GABRIELA).

Só que é muito corrido fazer 30 pares também né, porque às vezes eu perco durante o dia e aí eu tenho que acertar a noite. Porque leva menino na escola, aí busca, aí leva na fono [fonoaudióloga], sabe? (BIANCA).

Além disso, em períodos de grandes produções, toda a família é envolvida no processo de confecção do calçado, com o objetivo de cumprir com a produção exigida pelas indústrias (NAVARRO, 2006b). Soma-se à isso, o fato das intensas jornadas de trabalho executadas por essas mulheres, refletirem sobremaneira na estrutura familiar diante do desgaste mental e físico causado pelo extenuante trabalho, invadindo assim, espaços que poderiam ser saudáveis, espaços onde a família poderia conviver, trocar experiências, se socializar, espaços onde ao invés de um estafante trabalho, trocas de carinho, educação, amor, amizade poderiam ser realizadas.

(...) tem que dar conta do serviço, aí vem o marido, vem a filha mais nova para ajudar, vem o genro, porque tem que dar conta. Mas é assim, nós começamos umas 7:30 e depois a gente almoça e volto logo para cá e aí eu trabalho até acabar (GABRIELA).

(...) muitas vezes eu paro de trabalhar tão cansada, tão estressada, tão nervosa que às vezes meu filho vem conversar comigo e eu estou tão irritada, tão nervosa que eu acabo dando mal resposta. Então gera ali uma desavença (ANA).

Tem dia que você está morrendo né, você está tão cansada que você olha para o marido e nem dá tempo de olhar para ele você já está dormindo, não dá mesmo. Os filhos chegam e falam “Mãe, brinca comigo, conversa comigo, eu quero te contar uma coisa” aí eu já falo “Ah não moleque, some daqui, pelo amor de Deus que eu estou cansada, deixa eu dormir”. É assim. Tem hora que você está nervosa com serviço e filho te pergunta uma coisa e você não tem paciência de responder e aí você acaba gritando “Ah moleque, agora eu não tenho tempo não, você não está vendo que eu estou trabalhando?”. É assim, eu sei que não pode, chega à tarde me dá uma tristeza de fazer isso, mas não tem jeito, a gente fica muito estressada (ESTELA).

É muito difícil. A gente acaba se magoando com a gente mesmo. É tanto trabalho que chega no fim da tarde, às vezes eu fico magoada comigo mesmo por não ter dado uma atenção para meus filhos, eles ficam às vezes estressados junto com a gente por causa da gente mesmo, então não é fácil (ELISA).

Assim, observa-se que se com a reestruturação produtiva ampliou-se as oportunidades de trabalho feminino, esta o fez em um quadro de intensificação e precarização. Tal situação pôde ser claramente visualizada com as mulheres pespontadeiras entrevistadas da indústria de calçados de Franca, sendo que as dolorosas cicatrizes consequentes da dupla jornada de trabalho exercida por todas as pespontadeiras entrevistadas podem ser elucidadas através dos depoimentos que se seguem.

A gente cansa muito, tem dia que eu chego aqui, eu quero tomar um banho, cair na cama e deitar. A gente fica muito cansada, (...) é um serviço bem puxado o serviço do pespontador (MAÍSA).

(...) a gente vai ficando muito estressada, nervosa e isso mexe com o organismo da gente. Tem dia que eu não tenho fome, não sinto fome, sinceramente. Chega final de semana eu quero é dormir, as minhas sobrinhas até falam que eu estou dormindo demais e eu falo para elas que elas não sabem como eu trabalho, meu Deus. Vai chegando final de ano agora, eu mando fazer energético na farmácia homeopática porque se não eu não aguento, eu não dou conta (TALITA).

Minha amiga estava com conjuntivite e afastou por uma semana e eu até comentei com ela que nem conjuntivite eu pego para afastar e descansar um pouco (YASMIN).

Eu chego em casa e não faço outra coisa, eu sento para assistir novela, mas eu não aguento de sono e durmo de tanto cansaço, então nem assistir novela eu aguento. Dependendo do trabalho, ele adocece, se for um trabalho escravo você fica tão exausta que chega um ponto que você pode morrer, eu já me senti muito exausta (VALENTINA).

Tem vez que eu nem consigo dormir por causa da canseira. Você deita e não descansa. Aí no outro dia você acorda e parece que nem dormiu por causa do cansaço, porque o corpo não aguenta né (ESTELA).

Eu gosto muito de trabalhar, mas eu sinto muita dor na coluna, dor nas mãos, formiga, dói as juntas, as pernas incham muito porque a gente fica parada. As minhas meninas falam que eu tenho que caminhar, mas como caminhar porque se eu parar não vira nada meu serviço, porque eu não sou ajudante, eu tenho que enfrentar, eu sou patrão de mim mesmo, mas ultimamente eu estou sendo uma dona que não está valendo a pena. Eu estou muito cansada, muito cansada! (FERNANDA).

Além do cansaço resultante das longas, extenuantes e estafantes jornadas de trabalho realizadas por essas mulheres, as consequências das condições de seus trabalhos em sua saúde somam-se à inadequação de seus postos de trabalho, bem como ao ritmo desumano com que sua atividade é realizada.

5.2. AMBIENTE DE TRABALHO: UM CENÁRIO SOMBRIO

A cadeira não é adequada à máquina; quantas vezes eu mesma já interei a altura da cadeira com saco de espuma e até pedaço de mármore. Eu já fiz muito isso para poder trabalhar, e muito³⁸.

Nas últimas décadas, mesmo diante da subnotificação existente, tem se observado que a classe trabalhadora brasileira vivencia situações de trabalho que colocam em risco a sua saúde e sua segurança, enquadrando o Brasil entre os principais países do mundo onde as condições de trabalho encontram-se mais insalubres, perigosas e precárias (MATTOS; FORTES, 2000).

De acordo com Dejours (1992), as doenças ocupacionais relacionam-se com as condições de trabalho e com os riscos existentes no ambiente de trabalho. Ambientes insalubres e com riscos revelam-se mais susceptíveis a apresentarem fontes de perigo ao trabalhador, tornando-o insatisfeito, doente e até mesmo, levando-o à morte.

A forma como os ambientes de trabalho das pespontadeiras entrevistadas são estruturados se enquadram neste contexto acima citado e nos revela

³⁸ HELOÍSA (pespontadeira entrevistada).

importantes informações sobre os impactos ocasionados à saúde das trabalhadoras decorrente de sua atividade laboral.

Aspectos importantes da relação dessas trabalhadoras com seus ambientes de trabalho foram revelados em seus depoimentos, o que demonstrou a relevância deste tema. Assim, o ruído, a temperatura, os movimentos, o peso, a postura, o posto de trabalho, dentre outros aspectos que apresentam considerável potencial prejudicial às trabalhadoras, serão temas de nossas análises.

A força de trabalho ou a capacidade vital do trabalhador é consumida, dentre outras formas, pelos riscos ocupacionais que os trabalhadores estão expostos. De acordo com Campos (2008), o risco se caracteriza por uma ou mais condições de uma determinada situação que possui potencial para causar dano à saúde do trabalhador.

Facchini (1993, p. 180) conceituou esses riscos como “cargas de trabalho” que se caracterizam, segundo ele, por possibilitar a interpretação do processo de trabalho e a compreensão das reações psicofísicas resultantes deste e que geram ao longo do tempo o desgaste do trabalhador, ou seja, “as cargas são mediações entre o processo de trabalho e o desgaste psicobiológico”.

Na indústria de calçados vários riscos (ou cargas) se destacam por apresentarem determinado potencial que pode desencadear prejuízos à saúde dos trabalhadores: são os riscos físicos (ruído, vibração, calor, pressões anormais), os riscos químicos (contato com substâncias químicas presentes no processo de trabalho, tais como a cola de sapateiro, os solventes para limpeza, poeira, fumaça, gás, vapor), os riscos biológicos (detectado na atividade de limpeza de sanitários pelo possível contato com material biológico (fezes e urina)), os riscos ergonômicos (derivado da inadequação ergonômica dos postos de trabalho), bem como os riscos de acidentes (pela precarização da infra-estrutura da indústria, bem como pela inadequação dos maquinários e pela falta de uso de equipamentos de proteção) (SESI, 2002).

É importante ressaltar que para que seja possível realizar um levantamento dos riscos presentes em um ambiente de trabalho, torna-se fundamental ouvir o trabalhador por ser este o único capaz de revelar legitimamente, os reais riscos em que se encontra exposto (CAMPOS, 2008).

Justifica-se a busca por posicionar os trabalhadores como importantes no processo de identificação dos riscos, porque são eles que os vivenciam em seu cotidiano de trabalho e que veem em seus corpos a materialização dos riscos, seja devido ao acidente de trabalho (...) ou a doença ocupacional (SOARES et al., 2008, p. 1252)

Assim, dentre os riscos físicos revelados pelas pespontadeiras das indústrias calçadistas francanas destacam-se o ruído excessivo, decorrente do barulho das máquinas em geral dentro das fábricas, bem como do barulho da máquina de costura e do compressor, quando a atividade do pesponto é realizada em casa.

A fábrica em geral é bastante barulhenta (GISELE).

(...) o barulho me incomoda muito e acaba dando dor de cabeça porque é aquele monte de máquina funcionando ao mesmo tempo, tem a máquina de pesponto, o rebatedor de costura, aqueles revólveres da cola funcionando, compressor. Nossa, você imagina o barulho, né? Tem hora que eu acho que eu vou ficar louquinha lá dentro (MEIRE).

(...) o barulho lá na fábrica era bastante. Inclusive eu fiquei com problema, eu tenho um barulho no ouvido. Eu já consultei três especialistas e eles falaram as mesmas coisas, que era muito barulho e que arreventou uma veinha, que é onde fica assim, chiando direto (BERNADETE).

Pela barulheira da fábrica a gente usa aqueles aparelhos auditivos [equipamento de proteção auricular³⁹], né. Aí meu ouvido começou ficar dormente, mas eu acho que o barulho é tanto que eu demorei a perceber. Aí eu passei pelo médico da empresa e ele disse que eu tinha que fazer lavagem no ouvido porque às vezes eu chegava em casa e tinha que ligar a TV no alto porque senão eu não escutava nada. Aí eu tive que fazer essa lavagem e a remoção da cera. Então o ruído prejudica a gente (MARIANA).

Outra coisa também é o barulho muito alto que faz com que a gente tenha que usar aquele protetor no ouvido. O problema é que quando eu chego aqui e casa que eu já usei ele o dia todo, parece que eu sinto um bicho no ouvido, a cera sai para fora. Eu vou ter que procurar um médico porque sai cera demais, acho que vou ter que procurar um médico sim. Às vezes eu mesma faço lavagem no meu ouvido com água morna e seringa sem agulha. Aí amolece a cera, mas sai cera demais. Não sei, mas parece que resseca. Aí tem vez que a cera pula para fora. Fazer o que? O barulho é muito alto, né? (RAQUEL).

A exposição contínua ao ruído pode resultar em várias consequências à integridade física e mental das trabalhadoras. De acordo com Ferreira (2003) a

³⁹ Os equipamentos de proteção auriculares referem-se à um equipamento de proteção individual, considerado pela Norma Regulamentadora 6 (NR 6) relativas à segurança e medicina do trabalho, como “todo dispositivo ou produto, de uso individual utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos suscetíveis de ameaçar a segurança e a saúde no trabalho” (BRASIL, 2001).

exposição do trabalhador a ruídos pode causar perda auditiva⁴⁰ (temporária ou permanente), irritabilidade, tensão, falta de sociabilidade, problemas neurológicos, dificuldade de concentração e de realização dos movimentos precisos.

Como medida de proteção, algumas pespontadeiras relataram que a elas são fornecidos pelas empresas equipamentos de proteção auriculares. Todavia, a utilização desses equipamentos gera grande desconforto, o que somado a desinformação sobre as reais consequências para sua saúde resultantes da não utilização, faz com que as trabalhadoras deixem de utilizá-los.

De acordo com a Norma Regulamentadora 6 (NR 6), as empresas são obrigadas a fornecerem gratuitamente aos seus funcionários os equipamentos de proteção individuais (EPIs) adequados ao risco existente nas atividades, em perfeito estado de conservação. Além disso, a Norma exige da empresa, o cumprimento de exigências legais para o uso desses equipamentos, tais como oferecer ao trabalhador e exigir seu uso; orientá-lo e treiná-lo para o uso adequado, substituí-lo quando danificado. Aos trabalhadores é exigido o uso do equipamento, a responsabilidade pela conservação deste e o cumprimento das determinações do empregador sobre o uso adequado do equipamento.

Contudo, conforme os relatos das trabalhadoras, nem todas as indústrias de calçados de Franca oferecem esses equipamentos, sendo que mesmo aquelas que oferecem, não orientam e treinam seus trabalhadores sobre como este equipamento deve ser utilizado, bem como não os esclarecem sobre a importância e os benefícios do uso, o que demonstra descomprometimento com a saúde de seus trabalhadores.

Não, a fábrica só deu os equipamentos, mas não explicou nada não, pelo menos até hoje não. Sei lá, eu não uso aquilo não, eu não gosto e me incomoda (GISELE).

Isso aí que eu acho engraçado porque se a fábrica tem que fornecer os EPIs, eles têm que fornecer todos e isso não acontece (NATÁLIA).

Muita gente não gosta de usar, mas eu gosto. Lá eles pedem, mas as pessoas não usam, mas aí eles não falam nada. Quem quer usar usa, quem não quer não usa (TALITA).

⁴⁰ “Quando o ruído é intenso e a exposição a ele é continuada, em média 85 dB por oito horas por dia, ocorrem alterações estruturais na orelha interna, que determinam a ocorrência da Perda Auditiva Induzida por Ruído (PAIR) (CID 10 – H83.3). A Pair é o agravo mais frequente à saúde dos trabalhadores, estando presente em diversos ramos de atividade (...). Além dos sintomas auditivos frequentes – quais sejam perda auditiva, dificuldade de compreensão de fala, zumbido e intolerância a sons intensos – o trabalhador portador de Pair também apresenta queixas, como cefaléia, tontura, irritabilidade e problemas digestivos, entre outros” (BRASIL, 2006, p. 10).

Essa situação é ainda mais agravante quando se refere às pespontadeiras terceirizadas, uma vez que dentre as entrevistadas, nenhuma faz uso desse equipamento por não ser fornecido pelas indústrias para as quais prestam seus serviços. Vale ressaltar que uma das entrevistadas⁴¹ é obrigada a assinar na empresa um termo de responsabilidade que comprova o recebimento dos equipamentos de proteção, bem como o esclarecimento recebido pela empresa sobre a importância de seu uso, se responsabilizando assim, por quaisquer problemas relacionados ao ruído que possam decorrer de seu trabalho, uma vez que a ela está sendo oferecido o equipamento.

Como afirmou Navarro (2003), com a transferência do trabalho para fora dos muros das fábricas de Franca, são transferidos também os problemas dos trabalhadores, tornando-os responsáveis pelo seu trabalho e por sua saúde.

(...) no meu caso a fábrica nem dá e eu também nem uso (FLÁVIA).

(...) é igual eu te falei. Hoje a segurança do trabalho, o órgão em si exige muito das firmas, em casa já não tem isso. Aí cada um tem que se responsabilizar por você (DORA).

A fábrica até dá, mas eu não uso. Eu tenho até que assinar um termo de responsabilidade porque a fábrica me dá o protetor de ouvido se eu quiser. Aí eu tive que assinar esse termo que eu uso, mas eu não uso nada, mas eu acho que eu sou meia surda porque é o barulho da máquina, do rádio que nós ligamos e o barulho do compressor (GABRIELA).

O uso (ou não) do equipamento de proteção individual pelas pespontadeiras das indústrias de calçados de Franca evidencia uma alarmante situação que merece ser aqui destacada. De acordo com Rocha (2009), o uso do EPI não é o principal recurso utilizado para proteger os trabalhadores dos danos à sua saúde resultantes de seu trabalho.

A principal proteção de qualquer trabalhador no Brasil e em qualquer parte do mundo é um ambiente de trabalho livre de riscos à integridade física e adequado às condições necessárias para se preservar a saúde de cada trabalhador e ao meio ambiente (ROCHA, 2009, p. 1).

⁴¹ Essa pespontadeira (GABRIELA) refere-se à única entrevistada que executa seu trabalho em domicílio, sendo registrada pela empresa para a qual pesponta, assim como descrito no capítulo anterior.

Como isso não tem ocorrido no mundo do trabalho, quando as empresas se propõem a oferecer os equipamentos aos seus trabalhadores, verifica-se que grande parte delas o faz com o intuito de atender à legislação trabalhista e não às necessidades dos trabalhadores. O que ocorre, como afirmou Rocha (2009, p. 1), é que para as empresas é mais viável oferecer os EPI's aos trabalhadores do que desenvolver equipamentos de proteção coletiva, “primeiro porque é mais barato e segundo porque a própria legislação lhes oferece esta possibilidade”.

Longe de esgotar esse assunto, o objetivo de destacar essas afirmações foi de evidenciar que as trabalhadoras necessitam muito mais do que a utilização de equipamentos de proteção individual (o que, muitas vezes, nem isso é oferecido), elas necessitam de um ambiente de trabalho que as possibilitem realmente executarem suas funções com segurança.

Além do ruído, as trabalhadoras entrevistadas destacaram as altas temperaturas como um dos riscos à que são submetidas em suas atividades laborais, devido à falta de ventilação nos ambientes de trabalho.

(...) problema de ventilação é terrível. Na época do calor, mesmo com alguns ventiladores que é pouquinho pelo tanto de funcionários que tem lá, não dá para ventilar em todo mundo (TALITA).

(...) é terrível, você tem que trocar de uniforme todo dia, é muita aglomeração, é muita máquina, é muita gente, aquele monte de material te cercando e a ventilação é muito pouca porque você olha e a porta está lá do outro lado. Tem alguns ventiladores, mas é um na ponta e o outro lá na outra ponta. Então até o ar chegar em você. Junta com aquelas telhas de alumínio, tem dia que o suor escorre, a roupa chega ensopar de tanto calor. É onde dói mais o corpo, a gente sente mais mal estar em relação a isso. Tem época que chega a ser insuportável (MEIRE).

(...) lá também é assim, é tudo fechado, nós não sabemos se está de dia, se está de noite, se o mundo está acabando porque é tudo fechado e você não vê nem a luz do dia, nada, você não sabe se está chovendo. Então é tudo fechado e lá é um problema com ventilação porque o ventilador pega em uns, mas não pega nos de lá. Então é assim, uma briga por causa de ventilador e o mecânico fala que não tem culpa. Na onde não pega, faz um calor, menina de Deus (RAQUEL).

(...) tem fábrica que não tem nem ventilador, então você tem que pegar uma garrafinha de água e pôr do lado porque não tem tempo de ficar levantando também. Então você imagina, né? (ZILDA).

Durante a jornada de trabalho realizada em locais sem ventilação, os trabalhadores enfrentam, frequentemente, condições adversas de calor que podem

representar perigos para sua segurança e saúde. Dentre os problemas ligados à saúde, resultantes de um trabalho realizado em locais sem ventilação, com calor excessivo, destacam-se fadiga térmica, irritabilidade, alteração da atividade mental, dentre outros (INFOSEG, 2007). Campos (2008) ainda acrescenta que o calor excessivo pode provocar sensação de exaustão, desidratação, câimbras, aumento da pulsação, choque térmico.

Essa situação é ainda mais precária no caso das trabalhadoras que desenvolvem seu trabalho nos domicílios, uma vez que os locais de trabalho dessas pespontadeiras são na grande maioria, além de inadequados, improvisados.

O calor aqui é demais porque aqui nesse quartinho você imagina o calor que nós sentimos (FLÁVIA).

Entra o calor você acaba inchando muito as pernas porque fica muito sentada né. Ai, é insuportável, viu? (DALVA).

Nossa, tem época que o calor é tanto que a gente sai mudando de lugar de trabalhar, vai trabalhar no quintal, na varanda, dependendo da época, aí a gente fica mudando (...) (GABRIELA).

Como relatou esta última pespontadeira, em dias de muito calor, não é possível executar seu trabalho no cômodo improvisado nos fundos de sua casa. Desta forma, tentando amenizar o desconforto para a possibilidade de trabalhar, esta acaba levando sua máquina e todos os equipamentos necessários para o seu trabalho para outro lugar de sua casa, ora no quintal, ora na sala, ora na cozinha, ora na garagem, ou seja,

nós vamos para onde a gente achar que dá para trabalhar melhor, para onde o calor não estiver tanto, porque aqui nesse quartinho com essa telha de Eternit nem se a gente quiser, não dá para ficar quando está muito quente (GABRIELA).

Esse depoimento ilustra mais uma vez o que Navarro (2003) afirmou sobre a transferência por parte da empresa da responsabilidade de todos os aspectos do processo de trabalho para as mãos do trabalhador terceirizado. Tal situação acaba por prejudicar ainda mais a saúde das pespontadeiras, uma vez que a precarização de seus postos de trabalho resultantes de um conjunto de fatores inadequados pode

aumentar a chance da ocorrência de sofrimentos, doenças ocupacionais e acidentes de trabalho.

Soma-se a isso outros riscos presentes nos depoimentos das trabalhadoras, como o peso que muitas vezes precisam carregar, especialmente quando o trabalho é realizado fora das fábricas, como por exemplo das caixas de sapatos e das latas de cola. Além disso, outros riscos como o pó do couro, o cheiro da cola foram relatados pela pespontadeiras como prejudiciais à saúde.

Aqui em casa a gente tem que buscar e levar serviço. Aí muitas das vezes você tem que colocar um saco de sapato pesado nas costas e ir. Então eu acho complicado. Para mim, que sou mulher, eu sinto um pouco. Eu sinto dor todo dia, para falar verdade (ANA).

(...) eu sozinha pego todas as caixas dos 500 ou 600 pares porque tem seção que tem uns dois ou três pespontadores, mas nessa estou eu sozinha, então todas as caixas eu tenho que pegar, então é onde me dói. Tem gente que eu mostro minhas mãos e a pessoa não consegue ver nada, mas só eu sei o tanto que esses punhos me doem, mesmo parecendo que não tem nada (NATÁLIA).

Tem o ruído que incomoda, tem o peso da lata de cola que é 18 litros (DALVA).

Eu tenho muita alergia por causa do pó do sapato, por causa da cola, porque como o cômodo aqui é muito apertado, o cheiro da cola fica muito forte. Tem noite que eu não consigo nem respirar por causa da alergia mesmo porque eu tenho rinite e sinusite. Isso dá bastante (ESTELA).

As meninas jogam remocola [removedor de cola] nos revólveres. Menina, aquela fumaça, aquele vapor que solta no ar, aquele fedô, não tem nem como explicar e eu não uso máscara (...). Lá na fábrica o cheiro da cola é muito forte, agora eu já acostumei, mas quando eu entrei lá eu tinha umas feridas do nariz. Acho que é por causa daquele cheiro que eu não estava tão acostumada, tão forte assim. Mas meu nariz vivia cheio de ferida, direto (RAQUEL).

O cheiro do couro, da cola, o pó do couro, eu tenho crise de bronquite por causa de alergia disso e a gente continua trabalhando por causa da precisão. Tem gente que nem no médico vai, fica ali remediando para continuar trabalhando, doente ou não doente (MARIANA).

De acordo com Campos (2008), a exposição do trabalhador aos riscos químicos pode resultar em problemas de saúde, uma vez que por possuírem efeitos irritantes e asfixiantes possibilitam a ocorrência de diversos tipos de doenças nos trabalhadores.

Lopes, Spíndola e Martins (1996) afirmaram que todas essas situações que podem estar presentes no ambiente de trabalho podem resultar em vários danos à saúde dos trabalhadores, uma vez que estes se submetem, sem controle algum, à diversas relações, organizações e condições de trabalho.

Assim, enquanto os efeitos nocivos reflexos das organizações tayloristas ocorrem principalmente sobre o corpo do indivíduo, as novas formas de organização atingem também a vida psíquica do trabalhador (LIMA, 1994).

Desta forma, acrescenta-se também ao trabalho das pespontadeiras, os riscos psíquicos que as trabalhadoras estão expostas, uma vez que a pressão por uma produção cada vez mais exigente, ordena a polivalência como uma característica imprescindível ao trabalhador.

Eles põem a gente na parede mesmo. Tem que trabalhar e trabalhar mesmo. Aí eles ficam exigindo aquilo da gente o tempo todo. Tem que dar conta daquele tudo (JANAÍNA).

(...) a produção que a fábrica exige é muita, então você quer dar conta. Então vai indo, vai indo, exige muito do seu corpo. Eu dou conta da produção, mas exige muito do corpo. Chega no final do dia eu estou muito cansada. É muita pressão, sabe? (RAQUEL).

Não dá prazer em trabalhar, não tem aquela valorização que a gente precisa, porque querendo ou não a gente é ser humano, a gente não é máquina. Às vezes eles mandam você fazer alguma coisa correndo para eles e a gente tem que fazer fora da esteira ainda. Aí então não tem jeito, eles não entendem que a gente é humano, que a gente não é máquina. Eles só falam que a gente tem que dar conta, de qualquer forma. Às vezes a gente não vai no banheiro para poder dar conta (NATÁLIA).

(...) em todas as fábricas tem o estresse por causa da pressão e eu volto a te falar. Se existe pressão é porque não tem outra opção em Franca porque antes se um chefe te chamasse de incompetente, você podia levantar e mandar ele arrumar outro que fosse competente. Só que hoje você tem que chorar, abaixar sua cabeça e ainda tentar fazer o melhor e isso causa estresse em todo mundo (YASMIN).

A polivalência exigida das trabalhadoras resulta na exploração do trabalho e intensificação da produção mediante o consumo de suas capacidades humanas, físicas e psíquicas. De acordo com Masuzaki e Carvalhal (2009, p. 9),

o consumo da capacidade de trabalho humano operado pelo processo produtivo, não se entende apenas pelas dimensões físicas, mas também psicológicas, em que a cobrança, pressão e a responsabilidade atribuída ao trabalhador junto às ideologias impregnadas na sociedade podem resultar

em danos psicoemocionais, como nervosismo, ansiedade, insônia, baixo-estima, sentimento de incapacidade, depressão.

Além disso, o ritmo acelerado com que o trabalho das pespontadeiras é executado sem pausa, somado à estafante jornada de trabalho, realizado em ambientes inadequados, resulta em prejuízos significativos à saúde física e mental da trabalhadora, uma vez que até suas necessidades fisiológicas são controladas pelo capital.

De acordo com Sato (2003), o trabalhador do setor industrial é imerso em um ambiente que pode provocar o desencadeamento de várias doenças, tanto pelo ritmo intenso com que o trabalho é realizado, quanto pelas características físicas do local.

Como afirmaram Zat e Coêlho (2008), quanto mais intenso o ritmo do trabalho se caracterizar, maior desgaste acarretará ao trabalhador, tanto relacionados às doenças de estruturas físicas, provocadas, por exemplo, pelos movimentos repetitivos, quanto às doenças de ordem psicológicas, como o estresse, a depressão e a angústia.

(...) aquele ritmo doloroso de trabalho, a gente é muito castigado, é muito crucificado, você não tem tempo de tomar água, de ir no banheiro, é muita correria. Então a gente acabava trabalhando o dia inteiro com uma garrafinha quente, então você tinha que optar quando acabava a água porque ou você ia no banheiro ou tomava água. Não tinha pausa e com um ritmo muito acelerado (SANDRA).

Pausa só na hora do almoço, para ir no banheiro você tem que adiantar um pouco e mesmo assim tem que ir correndo. (...) a gente até fala lá que nós somos tudo ligeirinhas porque a gente fica fazendo tudo correndo, então é só assim, na base da correria (JÚLIA).

O serviço é muito difícil, você trabalha muito e a gente não dá conta. Para você ter uma ideia, eu almoço e volto para trabalhar. É uma luta contínua, você para dois minutinhos e já atrasa tudo. Então você corre o dia inteiro (CONCEIÇÃO).

Eu tenho que correr muito (...), se você quiser ir no banheiro você tem que acelerar ainda mais para adiantar porque se você não deixar uma vaga você não pode ir. Não é fácil não (NATÁLIA).

O ritmo é muito acelerado, sabe. Você vai ver, todo mundo que trabalha com pesponto faz muito tempo, eles sempre tem problema, o trabalho é muito rápido e repetido (BIANCA).

É muito corrido. É complicado sabe, porque você trabalha em cima de produção e a única pausa que a gente tem mesmo é a do almoço e lá é uma hora só de almoço. Então é o tempo inteiro sentado, é muito corrido,

you run the whole time, so you feel a lot of pain in your body because you don't rest for a minute, you don't stop even to go to the bathroom properly (MEIRE).

The rhythm is quite tight. You have to work, because you are your boss. If you work little you won't get enough (...) (ESTELA).

Convém relatar ainda que o trabalho no pesponto requer da trabalhadora grande esforço físico, pois para a realização de seu trabalho, ela deve permanecer na mesma posição durante toda a jornada de trabalho, que pode ultrapassar 12 horas. As figuras abaixo (Figuras 11, 12 e 13) ilustram três pespontadeiras realizando suas atividades, dentro e fora do espaço fabril.

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (19/03/2009)

Figura 11 – Trabalhadora pespontando em seu domicílio

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (20/06/2009)

Figura 12 – Trabalhadora pespontando em fábrica de médio porte

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (19/03/2009)

Figura 13 – Trabalhadora pespontando em seu domicílio

Como pode ser observado nas figuras e corroborando com Lourenço e Bertani (2008, p.11) para a realização do pesponto, a trabalhadora tem que permanecer “longo período na mesma posição, sentada, com pescoço encurvado, com os braços estendidos e suspensos, com os dedos em movimentos de pinça”. Tal postura, adicionada à realização de movimentos repetitivos, pode favorecer o aparecimento de várias doenças osteomusculares⁴².

Eu sinto muita dor, a gente trabalha o dia inteiro na mesma posição, aí dói o pescoço que fica formigando, dói as costas porque você fica tentando na cadeira arrumar um jeito melhor para trabalhar, você mexe de um lado, de outro, mas não tem jeito, é aquela dor que você não aguenta por estar sempre na mesma posição (MARIANA).

O trabalho é muito repetitivo, cansa demais. Você está vendo que eu estou fazendo a mesma coisa desde a hora que a gente começou a conversar. É isso o dia inteiro, é onde me deu a tendinite, porque você fica assim. Essa posição cansa demais. Nas costas eu não sinto tanta dor, mas o ombro e o braço doem muito (DALVA).

O pesponto te exige de tudo quanto é jeito. Tanto o mental como o braçal. Porque a gente pega um sapato e para costurar você tem que ter a maior atenção. Então você fica numa posição só, de um jeito só, às vezes horas (ANA).

É o ruído, o calor que é demais, é repetitivo demais da conta, direto. Eu mesmo hoje, o modelo que nós fizemos hoje, eu fiquei a parte da tarde inteirinha fazendo a mesma coisa. É por isso que dá tendinite nas pessoas (TALITA).

(...) as minhas pernas incham demais também, dói muito os braços também porque você trabalha o dia inteiro fazendo a mesma coisa, aí tem dia de manhã que os braços ficam tudo dormentes (FLÁVIA).

(...) você fica o dia inteiro sentado, chega a tarde você fica com as pernas doendo, os pés inchados (GISELE).

(...) o serviço que a gente faz é muito repetitivo e pelo tempo que a gente fica repetindo o mesmo procedimento, atrapalha demais a saúde da gente (ZILDA).

Trabalha o dia inteiro sentado, dá problema de varizes, de coluna, de tendinite, de artrose, de bursite. Dói a coluna, eu tenho problema de coluna, eu tenho tendinite, tudo por causa do pesponto. Então movimento repetitivo, as minhas mãos têm dia que eu não aguento dobrar os dedos de tanto que doem (BIANCA).

⁴² As Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT) “são afecções que envolvem os nervos, tecidos, tendões e estruturas de suporte do corpo, causadas por processo crônico desenvolvido por atividades realizadas durante o trabalho” e se caracterizam por ser um problema de saúde pública devido a grande prevalência no país (BARBOZA, et al., 2008, p. 634).

Como eu fico sentada muito tempo meu joelho está dando problema porque eu costuro com uma perna só e a outra fica sem movimentar. (...). Além disso, eu tenho tendinite, burcite e quando ataca eu não aguento mexer o braço (ESTELA).

Soma-se ainda o fato dos postos de trabalho das pespontadeiras apresentarem-se ergonomicamente inadequados, o que pôde ser observado através das visitas realizadas nas fábricas e nos domicílios das trabalhadoras, bem como pelos relatos das entrevistadas.

(...) a cadeira lá é de madeira, aí eu coloco uma almofadinha para sentar, mas tem gente que coloca no encosto também. (...). Sabe, esses dias eu estava com dor na perna, mas uma dor forte. Era pedal [da máquina], ele estava muito alto. Agora eu abaixei e a dor acabou. E a dor era do pedal e foi eu mesma que descobri (RAQUEL).

Na época que eu comecei a trabalhar lá a situação era ridícula porque a gente trabalhava naquelas cadeiras de madeira e a cadeira vai despregando, entortando, e você tinha que ficar equilibrando para pespontador e eu mesmo acabei adquirindo problema de saúde porque aquilo lá distrofiou tudo os meus nervos do pescoço. Hoje eu sofro dores horríveis com isso aqui, porque me dói o pescoço tudo, os ombros tudo. O corpo inteiro né, porque a coluna deu desgaste, tudo por conta do pesponto porque o pesponto acaba com a coluna e as vistas do pespontador. Ainda mais nessas condições, em cadeira de madeira, isso não se usa (SANDRA).

Minha máquina até que é boa. Já a minha cadeira eu não gosto dela de jeito nenhum. Sabe aquelas cadeiras giratórias? É dessas e com o tempo elas começam a inclinar porque você movimenta para um lado só e aí começam os problemas. Você começa a sentir um lado mais cansado que o outro, então essas cadeiras são péssimas (VALENTINA).

(...) na fábrica eu tenho que usar o que eles colocam lá e ainda não posso reclamar. Na época que eu trabalhei em fábrica eu usava uns banquinhos de alumínio tão pequenos que mal cabiam a gente lá e você tinha que trabalhar e pronto (GABRIELA).

A cadeira para mim é boa, é daquelas cadeiras giratórias, sabe? Apesar dela ir entortando, eu vou e coloco almofada e aí eu fico assim, direita. Eu até falo para as meninas que é meu colchão porque eu coloco umas 3 almofadinhas que eu levo daqui de casa mesmo, mas pelo menos assim eu consigo ficar mais reta e não sentir tanta dor no corpo (TALITA).

Quando o trabalho do pesponto é realizado nas bancas ou nos domicílios, a situação parece se agravar ainda mais devido às precárias condições de instalação do posto de trabalho, o qual se encontra, na grande maioria, inadequado e em péssimas condições de uso. Geralmente as máquinas utilizadas são de qualidade

inferior às utilizadas nas fábricas, as cadeiras são totalmente inadequadas, velhas, mancadas, fora da altura ideal, além da falta de iluminação, de organização, de higiene e de segurança, o que pôde ser observado durante a realização da coleta de dados.

(...) quanto ao posto, da banca ou em casa é mais improvisado. Na fábrica eu trabalhava em cadeira, já aqui eu trabalho em um tamborzinho com uma madeira em cima, mas passa né. Além disso, aqui tem de tudo um pouco, você guarda bagunça em um cantinho, aí depois no outro canto você coloca as linhas, aí depois tem a caixa que tem os restos que sobra que você tem que deixar ali porque se faltar alguma coisa você procura ali antes de ir na fábrica buscar. Então é assim, eu prefiro trabalhar na fábrica (CONCEIÇÃO).

(...) as coisas de trabalho ficam aqui na cozinha (ALINE).

Não é um posto adequado né, porque geralmente é dentro de casa, próximo às crianças, próximo à comida. Então é assim, é difícil porque você tem que trabalhar e vai fazer o que?! (ESTELA).

Assim, cada um adapta de um jeito né. Eu por ser de estatura baixa, eu gosto que meu banquinho seja mais alto, porque eu trabalho em banco. Mas o padrão mesmo, o bom mesmo seria cadeira que tem encosto né (...) (DORA).

(...) eu organizo meu banco, minha almofada e assim eu trabalho o dia inteiro (DALVA).

Como afirmou Campos (2008, p. 131), os riscos ergonômicos são caracterizados pela ausência de “adaptação das condições de trabalho às características psicofísicas do trabalhador”, ou seja, a ergonomia estabelece relações entre o ambiente de trabalho (o meio de trabalho, os instrumentos utilizados, a forma de organização deste trabalho) e o homem (incluindo suas capacidades e habilidades), sendo de acordo com Dul e Weerdmeester (1995) uma importante estratégia para a redução de doenças no sistema músculo-esquelético⁴³ decorrentes do trabalho.

A análise do trabalho, bem como do próprio ambiente onde é executado, esclarecem que tanto nas indústrias, como nas bancas e nos domicílios essas trabalhadoras imersas nesses ambientes, são atingidas por várias características de precarização nocivas à saúde física e mental.

⁴³ O sistema musculoesquelético é formado pelo esqueleto, pelos músculos, pelos tendões, pelos ligamentos e por componentes das articulações do corpo humano, sendo que distúrbios neste sistema podem causar dor e incapacidade física.

É líquido e certo que as condições de trabalho têm-se agravado tanto para os que permanecem formalmente empregados nas indústrias como para os que são empregados nas bancas e para os que realizam o trabalho em domicílio (NAVARRO, 2003, p. 37).

Os depoimentos das pespontadeiras trazem à luz elementos significativos que elucidam muitos problemas de saúde advindos das más condições de trabalho, tais como dores nas costas, déficits visuais, dores nos olhos, varizes, lesões por esforços repetitivos, déficits auditivos, ansiedade, estresse, dentre outros.

5.3. SOFRIMENTO DO CORPO E DA ALMA: O PREÇO PAGO PELA SOBREVIVÊNCIA

*Eu não paro, não paro porque a boca não para. A sobrevivência fala mais alto*⁴⁴.

As consequências das formas de organização do processo de trabalho na saúde dos trabalhadores não apenas os destroem, mas acabam por arruinar todas as suas relações devido a falta de espaço para vivências significativas, para diálogos, resultantes do ritmo acelerado e dos discursos alienantes, que não somente esgotam o trabalhador fisicamente e mentalmente, como também provocam a competição entre eles (MASUZAKI; CARVALHAL, 2009).

“O mundo do trabalho adocece”, à medida que a organização do trabalho o transforma em sacrifício para quem o realiza, tornando-o extenuante e marcado por condições cada vez mais precárias (LOURENÇO, 2008, p. 4). O perfil do trabalhador no capitalismo contemporâneo é o de um trabalhador flexível, capaz de “conviver com pressão, com o medo, com a inconstância, com a concorrência e a competição – alma da sobrevivência” (LIMA, 2001, p. 58).

O trabalho das pespontadeiras das indústrias de calçados de Franca pode suscitar, como descrito e analisado nas seções anteriores, graves consequências à integridade física e mental das trabalhadoras. Dar voz ao sofrimento dessas mulheres nos permite conhecer os agravos intimamente relacionados à precarização de seus trabalhos. Longe de se tratar de casos isolados, buscamos através da

⁴⁴ ZILDA.

visibilidade desta situação compreender a dimensão da gravidade da problemática vivenciada por muitas, tanto dentro dos muros das fábricas, como fora.

Os depoimentos das trabalhadoras formais e informais revelaram que a atividade de pesponto, apesar de ser uma fonte de realização, se revela como fonte geradora de sofrimento. Os sofrimentos do corpo derivados de extensivas jornadas de trabalho, com ritmos intensos, realizado em ambientes sombrios fizeram parte dos depoimentos das trabalhadoras entrevistadas, sem exceção.

Dores nos dedos, nas mãos, nos braços, nos ombros, nos joelhos, nas pernas, nos pés, nas costas, cansaço visual foram algumas das queixas físicas mais frequentes entre as pespontadeiras entrevistadas.

(...) o pesponto geralmente força muito a visão (...) porque você fica o dia todo olhando e a fluorescente ali na sua frente e você não pode tirar a atenção, né. Então eu acho que força muito as vistas. A maioria dos pespontadores, repara, usam óculos, nem se for de descanso. (...) e como você trabalha numa posição o dia todo sentado, é sempre essa posição, então geralmente te dá dor no ombro, dor nas costas. Eu sinto dor na coluna, eu estou sempre me corrigindo, mas na hora que eu vejo, eu já estou bem inclinada (YASMIN).

Eu sinto dor nas pernas (...) devido eu pedalar as máquinas. Eu tenho até varizes. E quando eu trabalho muito eu tenho uma dor no ombro, sabe? (BERNADETE).

Interfere um pouco, principalmente na visão. A visão e o cansaço que dão muito. Igual assim, tem modelo que você esforça muito, hoje eu fiz 5 pares e eu não aguentei de dor. Se eu fizer a ficha inteira daquilo lá pode cortar as mãos porque você não aguenta de dor. Também tenho dor nas costas quando vou agachar para pegar alguma coisa, pegar peso, aí dói (MAÍSA).

(...) Muitas vezes você está morrendo de dor, você está custando trabalhar, o ombro está doendo, o cotovelo dói, o punho dói, os dedos doem, mas você está aguentando, você está tomando analgésico e mais um pouco, mas você precisa trabalhar (ESTELA).

(...) me dói as costas inteiras, me dói o pescoço inteiro, dói tudo, em geral, para te falar a verdade dói tudo, as vistas, as pernas também doem, os joelhos doem muito. No começo eu senti um desconforto para trabalhar porque eu comecei a sentir fortes dores (...) mas aí eu já não conseguia trabalhar. Eu ia na enfermeira, tomava medicamento e voltava. Ia e voltava e aquela rotina que não estava dando para suportar. Aí chegou um momento que eu comecei a chorar desesperadamente porque não é fácil, eu não aguentava. (...). Não é fácil não, menina. Hoje só eu sei o preço que eu estou pagando por isso, porque eu fico a base de analgésico o dia inteiro. Tem vez que eu custo esperar dar as horas para estar tomando novamente (SANDRA).

Através dos depoimentos, é possível observar que no decorrer da jornada de trabalho, o gasto energético despendido durante esta revela “uma atividade desumana, exaurida em suas forças” (OLIVEIRA; BARRETO, 1997, p. 88).

É importante destacar que de acordo com Lourenço e Bertani (2008), no que se refere às doenças relacionadas ao trabalho, as lesões por esforços repetitivos (LER)⁴⁵, caracterizam-se por ser uma das queixas mais frequentes entre as trabalhadoras da indústria de calçados de Franca⁴⁶.

O desgaste vivido na tentativa de cumprirem com suas responsabilidades se faz sentir nos músculos, nos tendões, nos nervos, ou seja, no corpo sofrido daquelas que executam a árdua tarefa de pespontar.

Para começar, o movimento que a gente faz, igual minhas duas mãos são dormentes. Eu forço muito as pontas dos dedos e eu trabalho o dia inteiro na mesma posição, então você força demais aqui nas mãos [mostrando a região do punho]. Eu já procurei um médico e ele me falou que era tendinite, mas não fez exame e nem nada e eu também não procuro fazer e vou levando a vida desse jeito mesmo, mas dói viu. Tem dia que dói muito, mais é a noite na hora que você deita e descansa. No começo do trabalho arde, mas é só no começo porque depois o sangue esquenta e acabou também. Aí na hora que você chega em casa que você vai sentir. Na hora que o sangue esfria (JÚLIA).

Dói meu olho quando eu trabalho muito, as vistas enfraquecem. Como a tendinite ataca o braço direito porque é muito movimento repetitivo, aí o ombro dói também, sabe? Porque é um conjunto sabe, vai desgastando tudo. Aí às vezes dói tudo, o ombro dói muito. Eu não sei as outras pessoas, mas o meu dedo do meio começou a doer aí depois eu não aguento a dor no braço, aí dói até o ombro. Tem vez que eu tenho que parar de trabalhar um dia inteiro. Outro dia eu senti tanta dor, tanta dor que eu tive que parar. Era numa sexta-feira. Aí eu fiquei na sexta depois do almoço, fiquei no sábado e no domingo. Só que para isso você tem que fazer repouso, usar aquelas coisas no braço [referindo-se às talas, munhequeiras, que imobilizam a parte do braço lesionada evitando maiores complicações] e eu não uso porque não dá tempo e o dinheiro não sobra para comprar. Aí então às vezes você faz um repousinho, dá uma melhoradinha e você volta. Piora de novo, você dá uma melhorada, abaixa sua produção um pouco (BIANCA).

⁴⁵ O conceito de LER/DORT é descrito pela Ordem de Serviço 606-INSS (1998), que disciplina a nova Norma Técnica, como “patologias, manifestações ou síndromes patológicas que se instalam insidiosamente em determinados segmentos do corpo, em consequência do trabalho realizado de forma inadequada”.

⁴⁶ “As LER/DORT ocorrem preferencialmente nas mulheres. Não, como afirmavam alguns, porque elas possuem estruturas físicas (músculos, tendões, articulações, etc.) mais frágeis, mas porque elas estão colocadas nos postos de trabalho mais desqualificados, mais repetitivos, mais monótonos, com maior controle de produtividade. E há que lembrar, ainda, as duplas jornadas de trabalho a que muitas delas estão submetidas, com o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos” (MERLO, 2007, p. 1).

(...) eu tenho tendinite, agora me deu relacionado aos movimentos, me deu nas duas mãos. Eu fui no ortopedista e ele falou que não adianta, que não tem tratamento. O remédio é parar de fazer o que eu faço, foi o que ele falou. Ele falou que eu tenho que movimentar menos, mas como que movimenta menos, é isso aqui o dia inteiro. Tem dia que eu tenho que levantar de noite de tanto que o braço dói, aqui nessa região do dedão. Quando eu levanto minhas mãos estão dormentes, aí quando começa a trabalhar vai melhorando. Então o pesponto me acarretou isso (DALVA).

O pesponto causa a tendinite porque em funções do movimento e da posição do braço, ele vai dando problema nesse nervo da mão [referindo-se à região do punho], e é nele que você começa a sentir a tendinite, porque aí você começa a sentir o formigamento, os adormecimentos, você não consegue segurar mais nada na mão. (...). A dor nunca para né. Eu mal consigo carregar uma bolsa no ombro e aí a gente tem que gastar muito com remédio, com convênio, pagar guia, esperar (...) (SANDRA).

(...) é um serviço forçado, ele força bastante os braços, os ombros, a coluna você não aguenta, porque a partir do momento em que você passa a pespontar você tem que ter postura porque se não te dá dor na coluna e é onde ataca o nervo ciático, como aconteceu comigo. Daí eu tive que fazer tratamento e tudo, e se a esteira estiver muito rápida você fica fora da posição e não adianta, você força para um lado, para o outro e você não aguenta, é bem forçativo. (...). Eu também estou com tendinite no tornozelo direito, já a perna esquerda eu não uso, o que significa que se eu usasse eu estaria com as duas com problema. Então eu estou com tendinite nos dois punhos e em um tornozelo. Os nervos do ombro da gente ficam muito duros, esticados pela tensão do dia inteiro trabalhando.(...). Mas sabe, eu acho que o pesponto força muito. Força a perna, o pé, o joelho. Ombro nem se fala o tanto que dói, ombro é cruel também porque você tem que trabalhar com ele elevado e então dói muito (NATÁLIA).

Eu já tive tendinite no braço direito e é uma dor que não para, dia e noite. Ainda bem que eu descobri no começo e teve tratamento e sarou. As pernas incham muito de você ficar numa posição só sentada o dia inteiro (HELOÍSA).

Eu tenho tendinite, tenho dor nos dois braços, muita dor, ainda mais dependendo do modelo do sapato. Eu não posso nem lavar roupa que dói, dói demais. Minhas pernas incham demais porque eu tenho problema no rim de ficar segurando xixi por conta do trabalho, deixando para depois e aí deu problema. Eu fico muito estressada, nervosa quando o serviço falta, então é esse monte de coisa que interfere na saúde da gente (ELISA).

Assim, minha mão dói muito, dói a mão e vem doendo o braço. (...). Meu braço está todo dormente hoje. De noite então dói tanto que eu tenho que tomar remédio para dormir. Sabe, eu adquiri um problema nas mãos por conta do movimento repetitivo do pesponto, eu fiquei com túnel do carpo⁴⁷. Aí eu fiz a cirurgia nas mãos só que a cirurgia me tirou um pouco das forças das mãos, porque eu fui orientada que para algumas pessoas a cirurgia dá certo e para outras não, aí comigo cai as coisas da minha mão, eu não tenho força e nem segurança de segurar. Ontem mesmo caiu dois copos da minha mão e chega à noite eu não consigo dormir porque as mãos ficam

⁴⁷ A síndrome do túnel do carpo refere-se à uma doença que ocorre quando o nervo mediano, que passa pela região do punho chamada túnel do carpo, fica submetido a uma compressão devido ao estreitamento do seu canal de passagem resultante, por exemplo, de uma inflamação crônica, causando dentre outros sintomas, dor, formigamento, dormência, perda da força muscular.

dormentes. Então eu creio que às vezes meu problema não foi resolvido. E com isso, além do problema das mãos, junta o problema emocional, vem depressão, vem tudo (MARIANA).

Eu fiz ainda cirurgia nas duas mãos por causa do túnel do carpo que o médico falou que é pelo trabalho. (...). Da mão esquerda eu fiquei 4 meses e da outra eu fiquei 40 dias porque ele falou que é um tratamento de muito anos. Aí eu voltei a trabalhar com 40 dias, mas eu não podia mais esperar porque eu fiquei sem receber do INSS (...). Mas é uma cirurgia que eu não aconselho ninguém a fazer porque apesar de não doer muito, eu não tinha um problema que eu tenho agora. O tempo muda e meus dedos adormecem, ficam totalmente sem circulação, ficam com as pontas sem sangue. Dá para trabalhar, mas nas pontas dos dedos você não sente nada. Aí conforme você vai movimentando, vai trabalhando, aí vai voltando, mas tem dia que demora para voltar (VALENTINA).

As novas formas de organização do trabalho impõem metas aos trabalhadores que se caracterizam por estarem acima das capacidades destes, levando-os a subestimarem suas dores para conseguirem manter-se no emprego (BORSOI; RIGOTTO; MACIEL, 2009).

Tal situação pode ser visualizada através dos depoimentos das trabalhadoras que revelam um sofrimento por vezes desumano, bem como pelas marcas que ficam em seus corpos... Marcas de um trabalho que as fazem experimentar dores intensas, além de sentimentos de desamparo diante da situação vivenciada.

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (18/06/2009)

Figura 14 – Mãos da pespontadeira durante a jornada de trabalho

Foto: Taísa Junqueira Prazeres (23/05/2009)

Figura 15 – Cicatrizes nos punhos da pespontadeira decorrentes de cirurgias por consequência de lesões por esforços repetitivos no trabalho

As Figuras 14 e 15 retratam de forma superficial a intensa dor vivenciada diante do trabalho no pesponto. A Figura 14 ilustra as mãos de uma pespontadeira durante a sua jornada de trabalho. A sujeira decorrente dos produtos utilizados em seu trabalho (por exemplo: a cola, o pó do couro), retirada apenas com querosene⁴⁸, tenta retratar nessa Figura o desgaste sofrido por esse corpo na execução de seu trabalho. Da mesma forma, a Figura 15 ilustra as marcas eternas deixadas no corpo da pespontadeira. Repito, no corpo, pois os sofrimentos, enquanto seres humanos, vivenciados pelas pespontadeiras em seus trabalhos ultrapassam quaisquer palavras e figuras que poderiam aqui ser utilizadas.

Essas cicatrizes são decorrentes de cirurgias realizadas nos punhos da trabalhadora em consequência das lesões por esforços repetitivos ocasionadas pelo trabalho no pesponto.

É importante acrescentar que, como afirmou Ribeiro (1997), as lesões por esforços repetitivos caracterizam por um modo de adoecer que revela as contradições existentes no modo de produção capitalista marcado pela flexibilização, pelo aumento do mercado informal, exploração intensa do trabalho, dentre outras características discutidas no decorrer deste trabalho. Essas características do sistema produtivo resultam, de acordo com Oliveira e Barreto (1997) na

⁴⁸ O contato prolongado ou repetido de querosene com a pele pode causar ressecamento e resultar em dermatite (inflamação da pele).

intensificação de tarefas repetitivas e fragmentadas que ao serem associadas ao ritmo exigido pela busca de grandes produtividades em pequenos tempos, desencadeiam dolorosos processos de sofrimento psicofísico.

Além disso, é importante ressaltar que ao serem acometidos pelas lesões por esforços repetitivos, o trabalhador passa a conviver com diversas alterações em sua vida, uma vez que além de impossibilitá-lo na realização de sua atividade laboral, interfere na realização da maior parte de suas atividades cotidianas, resultando assim em um permanente sofrimento físico e, também, psíquico (MERLO et al., 2003).

A forma como se reveste o sofrimento varia com o tipo de organização do trabalho. O trabalho repetitivo cria insatisfação, cujas consequências não se limitam a um desgosto particular. Ela é de certa forma uma porta de entrada e uma encruzilhada que se abre para descompensações ou doenças somáticas (DEJOURS, 1992, p. 133).

Desta forma, o efeito nefasto do trabalho na saúde das pespontadeiras não se limita ao sofrimento do corpo, por vezes insuportável, coexistindo com sofrimentos de ordem psíquica, evidenciado a desumana precarização da arte de pespontar.

Os impactos da atividade laboral na saúde psíquica do trabalhador constituem aspectos significativos quando se busca avaliar as repercussões do trabalho na vida e na saúde dos que o realiza, uma vez que não se evidenciam apenas através da análise das condições físicas do trabalho, dependendo significativamente, da percepção e do relato dos próprios indivíduos que realizam a tarefa (NELI, 2006).

Sato e Bernardo (2005) afirmaram que a percepção do próprio trabalhador sobre as relações existentes entre a saúde mental e o trabalho, resultante de suas vivências e experiências, é reconhecida como uma importante fonte de informação reveladora dos efeitos dessa relação.

(...) eu estresso muito e só pode ser por causa do trabalho. Durante a noite eu acordo entre 4 e 5 vezes por dia, com dor de cabeça, agitada. Tem dia que meu filho fala que eu pulei a noite inteira, mas também 9 horas ali é muito puxado. Não tem corpo que aguenta não (MAÍSA).

Nossa, eu fico muito irritada. Tem hora que dá vontade pegar o sapato e o patrão e jogar tudo no mato. Isso aqui é igual eu te falo, é muito bom, mas é muito estressante também. Tem dia que eu acordo muito cansada, principalmente quando muda de modelo que você pensa que não vai dar conta. Aí você deita preocupada e acorda cansada demais (...) (DALVA).

(...) a gente fica uma pessoa bem estressada porque ficar o dia inteiro sentado e fechado em uma fábrica não é fácil. (...). Então, querendo ou não, acaba atingindo muito a saúde da gente, tanto psicológica, mental, porque a gente fica muito cansada (NATÁLIA).

Dependendo do trabalho, ele adoece, se for um trabalho escravo você fica tão exausta que chega um ponto que você pode morrer. Eu já me senti muito exausta (VALENTINA).

É tudo por conta do trabalho. Eu até estou em tratamento com neurologista porque eu sentia tontura demais, parecia que eu estava andando para os lados, bambeza nas pernas, aí eu procurei um neuro [neurologista] e ele falou que era por estresse. Eu sinto muita dor de cabeça, mas eu acho que é muito cansaço. Sabe, eu gosto de pespontar, mas entra ano e sai ano é aquela vida, então você vai cansando (HELENICE).

Eu sinto muito estresse, irritação, dor de cabeça, cansaço, eu fico nervosa demais (ANA).

Eu me sinto muito cansada. (...) a cabeça dói muito quando você fica muito nervosa e muito estressada com o serviço, a cabeça fica daquele jeito né, Dói, dói muito e você deita na cama você não consegue nem ficar deitada, nem sentada, nem ficar em pé. (...). Eu tomo muito é calmante para dormir. Até antidepressivo eu tomo, porque você fica tão nervosa que você entra em depressão. Tem dia que eu choro em cima da máquina porque não vai dando certo, não vai dando certo e você vai ficando nervosa e você tem que tomar remédio. Talvez se eu tivesse outro tipo de serviço eu não sentiria tantas coisas que eu sinto. (ESTELA).

(...) chega no final do dia eu já estou cansada demais. Nossa, muito cansada, quebrada, porque ficar sentada o dia inteirinho não é fácil não. Além disso, o serviço estressa, vixe, estressa e muito. Tem hora que não dá certo e aquele pressão. Irrita muito, eu fico muito nervosa (...). Eu tenho muita dor de cabeça também, é o que mais dá em mim, já fiz um monte de tratamento. Sei lá o que é isso, mas a minha cabeça dói todo dia, todo dia, mas eu já ando com remédio na bolsa (PRISCILA).

(...) igual hoje eu sinto muito estresse por trabalhar muito porque eu já atravessei noites trabalhando sozinha, colando e pespontando, então (...) mais é o esgotamento mesmo de trabalhar até tarde. Eu não queria fazer isso mais. Eu estou muito esgotada. (ELISA).

De acordo com Alves (2007, p. 235), o toyotismo ao dar continuidade com as formas de organização do taylorismo-fordismo, acaba por atingir o corpo e a mente do trabalhador, sendo o estresse uma das claras consequências vivenciadas diante desse novo cenário, o qual se caracteriza por um sofrimento “que expressa o caráter totalitário e totalizante das novas implicações objetivas (e subjetivas) da produção de valor. O estresse é sintoma epidemiológico do sócio-metabolismo da barbárie e das novas condições da produção do capital.”

Além disso, observa-se atualmente uma

pressão constante contra a grande massa de trabalhadores existente em quase todo o mundo. Uma ameaça com objetivo certo faz com que milhares de pessoas sintam-se sobressaltadas, pois a única ferramenta de que dispõem, sua força de trabalho, pode ser dispensada a qualquer momento. O desprezo assola o universo do trabalho e traz consequências drásticas para todos os que têm em seu trabalho sua única forma de sobrevivência (HELOANI; CAPITÃO, 2003, pp. 102-103).

Assim, os sofrimentos psíquicos decorrentes do trabalho realizado pelas pespontadeiras agravam-se com a coexistência do sentimento de medo diante da insegurança de um trabalho incerto. De acordo com Castelhana (2005), o sentimento de medo do desemprego é agravado pelas mudanças estruturais do trabalho, que somado à angústia, acaba por ocasionar danos maiores ao sofrimento do trabalhador.

(...) eles fazem muita pressão em cima do trabalhador e muita gente cede de medo de perder o serviço (...). É por medo, só isso (HELOÍSA).

O povo o que der eles aceitam. O medo de perder o emprego faz com que eles aceitem o que o patrão der (MAÍSA).

(...) no meu caso que cuido dos meus filhos, você pode ter certeza que eu vou suportar a dor, pelo medo de estar indo no médico, pegar atestado e perder o emprego. É o medo de perder o emprego (YASMIN).

Eu sou uma pessoa que eu sempre tive medo de levar atestado e eles me mandarem embora. De procurar o ambulatório da fábrica e me mandarem embora. Então hoje em dia a gente não tem segurança, a gente fica nas mãos deles (ANA).

O medo do desemprego torna-se, portanto, um poderoso meio de manipulação (CASTELHANO, 2005), que através das novas formas de intensificação do trabalho, possibilitam a exploração e a dominação dos trabalhadores através de situações precárias de trabalho encontradas dentro e fora dos ambientes laborais (SELIGMANN-SILVA, 2009).

Desta forma, o medo revela-se como fator de submissão, omissão e produtividade, uma vez que “por medo, [os trabalhadores] passam a produzir mais do que as suas forças, ocultando suas queixas e evitando, simultaneamente, serem humilhados e demitidos (BARRETO, 2000, p. 228).

Tal situação com as pespontadeiras das indústrias calçadistas francanas pode ser visualizada pelos seus depoimentos que revelam suas percepções e suas

atitudes frente ao afastamento, bem como ao uso da automedicação como forma de aliviar seu sofrimento.

Eu fui no médico, peguei afastamento de uma semana só, mas eu não fiquei, não quis ficar porque na época a empresa que eu trabalhava era assim, funcionário que afasta não serve, porque funcionário que afasta está com motivo, está com isso, está com aquilo e hoje em dia se você fala que tem tendinite eles falam que é frescura. Então funcionário que geralmente afasta quando volta fica só o tempo de estabilidade e depois é mandado embora, então eu preferi sentir dor do que perder o emprego porque eu falei que na hora que eu voltasse eu sabia que ia ficar na rua. Aí eu nem afastei, rasguei o atestado e nem levei (MEIRE).

(...) esse negócio de esconder o que sente é tudo pela necessidade (...). Tinha uma menina lá que deu um tumor na perna dela e ela estava trabalhando sentindo dor, você via que ela estava sentindo dor, mas ela falava que se fosse afastar, o INSS não pagava direito e se ela ficasse lá, ela também não aguentava. Aí ela foi até o último limite dela (JÚLIA).

Muitos remédios, não só eu como todo mundo que trabalha comigo, todo mundo toma. Raramente você acha alguém que não toma. Não dá para você ficar sem. Eu tomo quase todo dia remédio para dor (VALENTINA).

O ano passada eu fiquei afastada, mas esse ano eu não quis afastar não porque quanto mais você afasta, eles vão colocando lá na sua ficha que você ficou afastada. Aí quando tiver que mandar alguém embora, eles dão preferência para você do que para outra pessoa, entendeu? Então muitas vezes a gente deixa de fazer um tratamento para a saúde da gente por causa dessas coisas (NATÁLIA).

A gente vai se medicando para não precisar ir no médico. A gente precisa trabalhar e também pela empresa porque se você falta, no outro dia o chefe fica enchendo o saco, fica aquela pressão em cima de você, o chefe de cara feia, então você fica deixando para depois, fica deixando para não precisar faltar (MARIANA).

(...) tem gente que fala “nossa, eu vou afastar”, mas tem gente que fala “eu vou tomar esse remedinho aqui e vai passar a dor”. Aí toma hoje, aí amanhã está com dor, toma de novo. Para não ficar indo no médico, para não afastar (...) aí vai deixando a dor. Junta com o medo do desemprego, né (RAQUEL).

É importante ressaltar que o trabalhador só manifesta sua doença quando o equilíbrio é rompido, tornando o sofrimento insuportável, ou seja, a doença só é evidenciada aos outros quando o trabalhador já utilizou de todos os seus recursos (intelectuais, psicológicos, afetivos) para lidar com o que lhe é imposto e percebe que nada pode fazer para transformar essa situação ou adaptar-se a ela (LANCMAN, 2007).

Ao não ver saída para sua situação de sofrimento⁴⁹, o trabalhador passa então a vivenciar também o sentimento de desamparo, que somado a sua dor física, resulta em um sofrimento psíquico intenso diante de sua própria impotência (BORSOI; RIGOTTO; MACIEL, 2009).

De acordo com Dejours (2000, p. 64),

(...) na atual conjuntura, o 'gerenciamento pela ameaça', respaldado na precarização do emprego, favorece o silêncio, sigilo e o cada um por si. Tais obstáculos ao aparecimento da verdade sempre estiveram presentes na organização do trabalho, mas a manipulação da ameaça que faz calar as opiniões contraditórias e confere à descrição 'oficial' do trabalho um domínio sobre as consciências, está incomparavelmente mais difundida do que há 20 anos. Paradoxalmente, os próprios trabalhadores se tornam cúmplices da negação do real do trabalho e do progresso da doutrina pejorativa do fator humano, graças ao seu silêncio, à sonegação de informações e à desenfreada concorrência a que se veem mutualmente constrangidos.

A pressão por parte das empresas, para não reivindicarem seus direitos intensifica o sofrimento do trabalhador, “pois se somam a dor física, a mágoa, o sentimento de desamparo e o medo de não mais poder trabalhar” (BORSOI; RIGOTTO; MACIEL, 2009, p. 177).

Ao se renderem às pressões e abrirem espaços para o medo, para a repetição, para o sentimento de impotência diante de suas condições de trabalho, os trabalhadores passam a vivenciar o que Dejours (1994) denomina sofrimento

⁴⁹ Frente as arbitrariedades do capital, os trabalhadores se veem sem saídas diante das situações desumanas que vivenciam em seus trabalhos. Neste contexto, o sindicato possui um papel muito importante na resistência à exploração do capitalismo. De acordo com Antônio Carlos Gomes Jardim (20/01/2010), Secretário Geral e Coordenador da Secretaria da Saúde do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Calçados de Franca (SP), o sindicato dos trabalhadores na cidade possui um papel muito importante na fiscalização dos locais de trabalho, tanto nos aspectos políticos e econômicos (pagamentos, cumprimento das leis trabalhistas), quanto nos aspectos voltados às questões sociais e da saúde dos trabalhadores, denunciando ou coibindo ações de exploração aos trabalhadores. Contudo, como afirmaram Masuzaki e Carvalhal (2009), com a fragilização da representatividade dos trabalhadores diante do processo de reestruturação produtiva, com a introdução de inovações tecnológicas, com o processo de terceirização e o aumento do desemprego, os sindicatos vêm perdendo seu papel de luta, fragilizando ainda mais os trabalhadores. Essa situação acaba por tornar as mulheres trabalhadoras ainda mais vulneráveis diante das imposições do capitalismo, enfraquecendo as suas resistências diante da crescente precarização das condições de seus trabalhos. Através da coleta de dados, foi possível observar que as pespontadeiras buscam formas de enfrentamento das experiências de dor e sofrimento que vivenciam diante de seus trabalhos. Tal situação também pôde ser evidenciada através da fala de Antônio Carlos Gomes Jardim, quando o sindicalista revela que apesar de serem mais vulneráveis ao capital, as mulheres são “linha de frente” nas mobilizações do sindicato. Essa realidade elucida a luta constante das mulheres por melhores condições de trabalho, mas seus depoimentos evidenciam claramente a opressão do capital, que acaba por subordinar até seus sofrimentos insuportáveis, calando-os.

patogênico, no qual a rigidez da organização do trabalho apresenta-se tão intensa que acaba por extinguir qualquer expressão de autonomia ou reconhecimento.

Nos referimos aqui àquele sofrimento que emerge no choque e na impossibilidade de um rearranjo entre o sujeito-portador de uma história singular e personalizada, e uma organização do trabalho despersonalizante. Quanto mais rígida for a organização do trabalho, mais acentuada é sua divisão e menor o conteúdo significativo da tarefa, bem como as possibilidades de mudá-lo. Assim, o sofrimento psíquico aumenta correlativamente (MERLO et al, 2003, p. 122).

Os depoimentos das pespontadeiras trazem à luz elementos significativos que elucidam claramente a negação do sofrimento, lamentável condição imposta para a sobrevivência humana diante do trabalho.

Eu acho que o ser humano é igual uma máquina. Queima, estoura um fiozinho ali, você vai lá e faz uma gambiarra, aí estoura em outro lugar, você vai lá e faz outra gambiarra ali. Aí quando você vê, você tem que trocar a máquina inteira porque não tem mais conserto e assim é o ser humano. Se você sente alguma coisa e não vai procurar saber o que é no médico, aí você toma um remedinho que passa, aí chega de tarde está doendo de novo, aí você toma outro remedinho e acha que passa. Aí não há ser humano que aguenta, aí a pessoa acaba adoecendo de vez (HELOÍSA).

(...) ali onde eu trabalho se você afastou quando você volta, você é mandado embora, então as pessoas vão aguentando até aonde pode, vai levando, né (HELENICE).

Igual eu vou citar meu caso. Vai fazer uns 3 anos que eu não vou no médico fazer um exame completo porque eu não quero faltar do serviço e levar atestado. Eu me apego muito no serviço, então tem tudo isso. Eu deixo de ir no médico para não faltar. Mas igual esses dias a fábrica me mandou para o médico porque não teve jeito mesmo, eu passei mal lá na fábrica. Eu preciso até fazer exame porque eu não sei até hoje o que me deu. Sei lá, eu morro de medo de perder o emprego, não gosto de ficar faltando, eu sou responsável até demais da conta. Eu tenho uma casa na minha responsabilidade, um filho. Então eu tento segurar o máximo quando eu estou doente, só em último caso mesmo que eu falo que eu não estou dando conta, que eu preciso de ir no médico, mas caso contrário eu fico quieta (MAÍSA).

Às vezes a gente deixa e pode acontecer até alguma coisa mais grave porque a gente não sabe, mas a gente deixa de ir em médico por causa do trabalho. Eu deixo, porque na fábrica mesmo, se a gente ficar indo em médico eles acabam mandando a gente embora e no meu caso eu tenho que trabalhar. Se eu não trabalhar como que eu faço? É só eu e meus filhos, então eu tenho que trabalhar. Então, às vezes deixa a saúde, por causa do trabalho (JANAÍNA).

A gente fica muito ligada no serviço e esquece da gente. (...). Eu já afastei por problema na perna porque eu só ficava pespontando, pespontando. Aí

meu sangue parou de circular, aí deu trombose e eu demorei ir no médico porque eu só ficava pespontando. Aí quando eu fui no médico, eu tive que ficar internada e eu fiquei afastada pelo INSS e sem pespontar uns três meses (GABRIELA).

Sabe, eu tenho tendinite, aí eu fui no médico e ele colocou gesso, mas quando eu cheguei em casa, eu tirei o gesso porque ele disse que vai chegar uma hora que meu dedo vai acordar grudado na palma da mão, aí eu vou ter que operar querendo ou não. Então eu prefiro esperar a hora disso acontecer. Então eu voltei a trabalhar (PRISCILA).

Quando eu adoeci, eu demorei um pouco afastar porque quando eu afastei é porque eu não suportava mais, não dava nem para pisar no chão porque parecia que meu corpo inteiro estava abalado. Aí eu procurei o médico da coluna. Eu fiz até uma resistência um pouco, porque enquanto estava dando para levar, eu insisti naquilo ali, o que contribuiu para acabar com o resto da minha saúde (SANDRA).

Tal condição de sofrimento surge, portanto, quando o grau de insatisfação do trabalhador não pode mais ser mudado, uma vez que todos os seus meios de defesa já foram esgotados (DEJOURS, 1992). Assim, julgamos relevante considerar aqui os depoimentos revelados pelas pespontadeiras que trazem à luz importantes considerações acerca dos sentimentos de (in)satisfação e de (des)valorização envolvidos no seu processo de trabalho.

5.4. SENTIMENTOS VIVENCIADOS DIANTE DO TRABALHO

Eu sonho com uma grande evolução um dia. Viver um mundo melhor, uma vida melhor, deixar de ser menos explorada porque eu sei que um ou dois pares que você faz já paga seu salário e o resto é só exploração, só lucro para o patrão e você não leva nada disso⁵⁰.

O sofrimento desumano vivenciado pelas pespontadeiras em suas atividades laborais ameaça sobremaneira sua saúde física e psíquica, além de abalar os valores subjetivos que permeiam suas vidas.

Sentimentos de insatisfação diante de seus trabalhos foram relatados pelas trabalhadoras, revelando-se como portas abertas para a ocorrência de dolorosos processos de adoecimento.

⁵⁰ SANDRA (pespontadeira entrevistada).

De acordo com Dejours (1992) a insatisfação no trabalho caracteriza-se por ser uma das formas fundamentais de sofrimento do trabalhador, a qual decorre de sentimentos de vergonha por não se sentir mais do que simples apêndice de máquina, de indignidade diante da realização de tarefas sem significado e sentido, de desqualificação, de inutilidade, de frustração e de desvalorização diante do trabalho executado.

Neste contexto, a subjetividade do indivíduo é atingida gerando grande sofrimento ao trabalhador que acaba por desempenhar seu trabalho de forma meramente mecânica, com total ausência de prazer (SELIGMANN-SILVA, 1994). O sofrimento decorrente da falta de sentido naquilo que faz, fragiliza o trabalhador, tornando-o susceptível à ocorrência de doenças (ASSUNÇÃO, et al., 2006).

Vale destacar que esses sentimentos estiveram mais presentes dentre os depoimentos das pespontadeiras que desempenham seu trabalho fora dos ambientes fabris, devido às condições ainda mais precarizadas que fazem parte do mundo de suas atividades laborais.

Em um estudo realizado por Marrone (2001, p. 122) sobre a saúde psíquica dos trabalhadores informais, a autora pôde observar que há uma “relação direta entre a precariedade das condições de trabalho e o funcionamento do aparelho psíquico dos trabalhadores”. Desta forma, as condições a que os trabalhadores são submetidos possuem relação direta com a vivência dos sentimentos de prazer e sofrimento e com a dinâmica de reconhecimento no trabalho.

Como afirmou Dejours (1992, p. 133),

(...) a organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica (...). Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora. Esse sofrimento, de natureza mental, começa quando o homem, no trabalho, já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa no sentido de torná-la mais conforme às suas necessidades fisiológicas e a seus desejos psicológicos – isso é, quando a relação homem-trabalho é bloqueada.

Assim, diante do resultado das intensas transformações ocorridas no processo de reestruturação produtiva, pode-se observar nos depoimentos das trabalhadoras os sofrimentos que vivenciam e o sentimento de insatisfação que permeia a sua atividade laboral.

Eu não gosto muito sabe, igual eu te falo, é um serviço puxado, cansativo, te traz algumas doenças, nada beneficia (...). Meu trabalho prejudicou muito minha saúde (MARIANA).

(...) se eu pudesse eu mudaria porque a área calçadista está muito difícil. Eu tenho perspectiva de poder parar de trabalhar com sapato (ANA).

Eu até gosto de pespontar, só que não é a profissão que eu quero ficar para o resto da minha vida (NATÁLIA).

Hoje eu posso traduzir como desprazer né, porque por motivos de condições de trabalho, hoje eu não posso exercer minha profissão (SANDRA).

Às vezes eu olho assim o preço de um sapato e está tão caro e o salário da gente não dá para comprar aquilo. Aí alguém fala que está caro e eu falo que não está porque é uma tristeza o trabalho que dá para fazer. Eu olho para ele, é um sapato cheio de detalhe, cheio de coisinha e a gente ganha tão pouco para fazer aquilo tudo. Então eu quase não compro, porque você faz, faz e faz e na hora de comprar você pensa, “nossa, eu já furei tanto meu dedo para fazer isso aí e na hora que chega para comprar eu nem posso porque o meu dinheiro não dá”. É isso que você fica revoltado porque você trabalha, você faz, você machuca, você sente dor para colocar lá na loja e o salário da gente não acompanha. Então é difícil, você fica revoltada, não tem como ter prazer num trabalho desses não, né. Eu para te falar a verdade, eu estou muito insatisfeita, sabe. É difícil demais (MEIRE).

Eu gosto do que eu faço, mas não é o que me completa (MAÍSA).

Eu vou te falar uma coisa, com essa tendinite que eu tive é difícil sentir satisfação. Um dia eu estou satisfeita com ela, outro dia eu quero arrancar o braço fora e jogar tudo para o alto (...) (DALVA).

Eu estou mais ou menos satisfeita, eu não gosto de não ser registrada. Eu acho que eu sou muito nova para estar num trabalho desse, sem registro, ganhando pouco, sem ganhar nenhum benefício (FLÁVIA).

(...) eu não estou satisfeita com as condições do meu serviço porque eu gostaria de estar registrada, daqui uns tempos poder aposentar porque eu já sei que isso vai ser difícil porque eu não estou pagando uma previdência. Então como eu vou me aposentar? (ESTELA).

Não me sinto satisfeita não, porque você trabalha muito e ganha pouco, entendeu. Você não é registrada e não tem nada, não tem convênio médico, não tem nada (BIANCA).

A precariedade do trabalho realizado por essas mulheres acaba por atingir sobremaneira sua vida e sua saúde física e psíquica, gerando sentimentos de insatisfação resultantes dos sofrimentos vivenciados e, por vezes, calados, reprimidos diante da perversidade do capital.

“O que deveria ser a forma humana de realização do indivíduo reduz-se à única possibilidade de subsistência do despossuído. Esta é a radical constatação de Marx: a precariedade e perversidade do trabalho na sociedade capitalista” (ANTUNES, 2006b, p. 126).

Assim, a organização do trabalho, estranha aos trabalhadores possui grande influência na subjetividade humana pelo combate frontal com a vida e as esferas que a permeia: das aspirações, das motivações e dos desejos (DEJOURS, 1992).

De acordo com Alves (2007, p. 19), o estranhamento do trabalhador na sua atividade possui fundamental importância para a compreensão da relação saúde e trabalho, uma vez que “o estranhamento possui um claro sentido de negatividade, tendo em vista que obstaculiza o desenvolvimento do ser genérico do homem através da atividade do trabalho”.

Desta forma, o não reconhecimento, a falta de oportunidade de crescimento, a desvalorização no trabalho resultam em sentimentos de insatisfação pela realização de algo sem sentido em sua vida, “o que significa dizer que, sob o capitalismo, o trabalhador repudia o trabalho; não se satisfaz, mas se degrada; não se reconhece, mas se nega (ANTUNES, 2006b, p. 127).

Vale ressaltar que Dejours (1992) destacou a insatisfação do trabalhador como uma das formas fundamentais de sofrimento no trabalho, sendo o sentimento de desvalorização um fator importante no seu desencadeamento.

Mendes e Tamayo (2001) consideraram ainda que as vivências do prazer são caracterizadas pelos sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho.

A valorização é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, é importante e significativo para a organização e a sociedade. O reconhecimento é o sentimento de ser aceito e admirado no trabalho e ter liberdade para expressar sua individualidade (MENDES; TAMAYO, 2001, pp. 40-41).

Os depoimentos das pespontadeiras entrevistadas referentes aos sentimentos de (des)valorização e reconhecimento vivenciado diante de seus trabalhos ilustram a perversidade do modo de produção capitalista, a precarização de suas atividades laborais e a desumanização das relações estabelecidas no contexto organizacional.

(...) eu não tenho nenhum valor para eles. Você não tem valor nenhum, é descartável. O ser humano é descartável (...). (...) daqui uns dias a gente vai virar escravo e não vai ser ninguém (HELOÍSA).

Nas fábricas é assim, enquanto você está servindo, está produzindo, tudo bem. Mas a partir do momento que a gente deixa a desejar eles não estão nem aí para você não, não tem consideração nenhuma (HELENICE).

(...) para a fábrica eu existo desde que eu esteja lá dentro trabalhando porque a partir do momento que eu virar as costas de lá, que eles me demitirem, eu te garanto que no outro dia eles nem lembram mais de mim (VALENTINA).

A gente tem que dar valor na gente mesmo, porque se depender da fábrica. Para eles, tanto faz. Para eles o problema é o serviço e a produção, se eu não tiver bem eles me mandam embora e colocam outro no meu lugar. Então eu acho que a gente não tem valor nenhum (MARIANA).

Eu penso assim. Eu sinto isso. Você é na sociedade o que você tem financeiramente. Se você tem muito, você vale muito. Se você tem pouco, você vale pouco e se você não tem nada, você não vale nada. Então essa é a minha opinião. Dentro da fábrica você é aquilo que você produz. Se você produz muito você é uma ótima funcionária, que você não falta, que você não leva atestado, que você está ali, se chefe te chama para fazer cerão, você vai, se chefe te chama para você trabalhar no sábado o dia todo, você vai, domingo. Aí você é uma excelente funcionária e vale muito. Um dia que você fala não, já perde totalmente seu valor, como se você nunca tivesse feito nada (ANA).

Enquanto a gente está produzindo você vale. Parou de produzir a coisa complica. Não radicalizando, mas a gente vê muito isso (DALVA).

O valor do ser humano na sociedade é muito baixo. Para eles, eles dão mais valor no dinheiro, eles dão mais valor na fama, eles não querem saber se o ser humano tem sentimento, se não tem. Então o valor que as pessoas dão no ser humano é muito pouco, é muito baixo (ESTELA).

(...) às vezes eu penso que eles não veem o que a gente faz, não enxergam. Eles valorizam muito pouco os funcionários (CONCEIÇÃO).

Na sociedade eu acho que a gente não tem grande valor. A pessoa que trabalha é um mero fazedor de suas obrigações (DORA).

A gente não vale nada. Para os patrões a gente não vale nada. Eles querem só o dinheiro deles no final do mês, não importa quem fez e quem não fez. Você não vale nada. Eu no meu ponto de vista, eu valho para você se eu te compensar, mas se eu não te compensar o que é que eu vou valer para você? Não vou valer nada (ZILDA).

Eu acho que eu não estou valendo mais nada, porque quanto mais a gente faz, mais eles querem e mais parece que a gente não está fazendo nada. Então querendo ou não, a gente nunca recebe o valor pelo que a gente faz, a gente nunca é valorizado. Então falta muita valorização (NATÁLIA).

Assim, a insatisfação no trabalho, a falta de reconhecimento e a desvalorização sentidos pelas trabalhadoras caracterizam-se por possuírem determinado potencial destrutivo à saúde psíquica destas, por revelarem-se como fatores desencadeadores de sofrimento e de doenças ocupacionais. Como afirmou Dejours (2000, pp. 34-35),

quando a qualidade de meu trabalho é reconhecida, também meus esforços, minhas angústias, minhas dúvidas, minhas decepções, meus desânimos adquirem sentidos. Todo esse sofrimento, portanto, não foi em vão; não somente prestou uma contribuição à organização do trabalho, mas também fez de mim, em compensação, um sujeito diferente daquele que eu era antes do reconhecimento. O reconhecimento do trabalho (...), pode depois ser reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade (...) a identidade constitui a armadura da saúde mental (...). Não podendo gozar os benefícios do reconhecimento de seu trabalho nem alcançar assim o sentido de sua relação para com o trabalho, o sujeito se vê reconduzido ao seu sofrimento e somente à ele.

Desta forma, torna-se evidente a experiência dolorosa vivenciada pelos trabalhadores em atividades laborais precarizadas, em que a vulnerabilidade e desumanos sentimentos, tais como a inferioridade, aparecem como consequentes de um movimento progressivo de desvalorização do ser humano (SELIGMANN-SILVA, 1994).

Neste contexto, a coexistência da ausência de valorização e reconhecimento no trabalho e das precárias condições de trabalho das pespontadeiras das indústrias de calçados de Franca acabam por levá-las à falta de perspectiva com relação ao futuro dentro e fora de seus trabalhos.

Sonhos, daqui para frente, eu não tenho mais nenhum. Eu não penso em realizar sonhos porque o salário que eu ganho não dá para ter realizações. Eu acho que cada dia que passa está se tornando mais difícil da gente sonhar, a não ser que eu faça cursos e estude para ter um melhor salário. Mas em termos de trabalhar no pesponto, não tem jeito de sonhar muito. A gente tem que acordar e largar de sonhar (ZILDA).

(...) meu sonho é aposentar (GABRIELA).

(...) eu sonho, mas só com coisas que eu posso conseguir. Eu não sonho tão alto, a não ser que eu ganhasse na loto. Meu sonho é conquistar o que eu preciso (YASMIN).

(...) eu penso em mudar de serviço todo dia. Eu penso em fazer um monte de coisa, fazer faculdade, trabalhar para o governo, fazer medicina. Então eu penso em mudar sim (FLÁVIA).

(...) eu não quero que meus filhos sigam essa carreira porque eu não tive oportunidade de estudar e eu quero que eles estudem. Até eu trabalho muito porque eu quero que eles façam faculdade e sigam outras profissões. (...) eu não tive oportunidade de batalhar pelo que eu queria e nem meu marido, então a gente investe muito nisso (CAMILA).

(...) é o que eu mais quero [mudar de serviço]. Para o próximo ano eu estou pensando em mudar. Estou pensando em pagar um curso de cabeleireira para mim e para minha filha e montar aqui um salãozinho (ELISA).

(...) agora meus sonhos são para meus filhos. O que eu não consegui eu quero que eles consigam e também não quero que eles trabalhem em fábrica de calçado porque eu acho que cada serviço tem o seu problema, mas eu queria uma coisa melhor (JÚLIA).

No contexto contemporâneo, as vivências dos trabalhadores relativas a falta de perspectivas, de desesperanças intensificam. A imposição do capitalismo e sua perversidade tende a extrapolar os limites humanos e a identidade do indivíduo construída ao longo da vida, abstraindo o “ser humano que tem um corpo e uma fisiologia, afetos e vínculos sociais, limites e necessidades próprias” (SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 92).

A perda de identidade profissional, de auto-estima, de forças para lutar por condições melhores de trabalho, de perspectivas de vida encontram-se com a traumática situação de sofrimento vivenciada pelas trabalhadoras diante de suas atividades laborais.

Os depoimentos das pespontadeiras, por vezes calados por choros que revelavam a angústia, o desespero, o sofrimento, o medo, a revolta, a raiva, a descrença são provas vivas das palavras de Marx (1989, p. 148) de que “o trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. (...) a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens”.

Os trabalhos dessas mulheres, permeados por desrespeito e humilhações geram grandes sofrimentos, os quais nem sempre (ou quase nunca) podem ser expressos por meio de sintomas físicos e psíquicos que, por vezes refletem muito pouco a verdadeira dor sentida diante das condições destes trabalhos.

Não bastando, esse extenuante sofrimento acaba por expandir para outras esferas da vida dessas mulheres...

5.5. COTIDIANO: UMA VIDA ESVAZIADA DE ATIVIDADES SIGNIFICATIVAS

Sem trabalho, toda vida apodrece. Mas, sob um trabalho sem alma a vida sufoca e morre.

(ALBERT CAMUS)

O sistema capitalista condicionou aos seres humanos, a lógica do viver para trabalhar, sendo que o pouco tempo de não-trabalho desses homens, deve ser vivido também para o capital.

Aspectos consideráveis sobre a vida de não-trabalho das pespontadeiras entrevistadas foram revelados através de suas falas, demonstrando a relevância do tema no desencadeamento de danos à sua saúde física e psíquica. Justifica-se também a relevância desse tema por meio da crença, enquanto terapeuta ocupacional, da importância de uma vida cotidiana estruturada através da realização de atividades que façam sentido e produzam valor à vida dos indivíduos⁵¹.

Como afirmou Antunes (2008, p. 1),

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social somente poderá efetivar-se através da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa desenvolver-se uma nova sociabilidade. Erigida por trabalhadores e trabalhadoras livremente associados, onde liberdade e necessidade se realizem mutuamente. Se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também através da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo. Fora dos constrangimentos hoje impostos pelo capital.

⁵¹ “(...) a prática da Terapia Ocupacional propõe uma atuação no campo das possibilidades e recursos, de entrada no circuito de trocas sociais: o lúdico, o corpo, a arte, a criação de objetos, os estudos e o conhecimento, a organização dos espaços e o cuidado com o cotidiano, os cuidados pessoais, os passeios, as viagens, as festas, as diversas formas produtivas, a vida cultural, são alguns exemplos que referendam, conectam e agenciam experiências, potencializam a vida, promovem transformação, produzem valor” (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 46). “O terapeuta ocupacional não centra o seu trabalho na doença; seu objeto de atenção é, ao contrário, o homem, a pessoa, que é feixe de relações e que vive um determinado contexto ético, político, social, cultural e econômico. Essa visão de homem é a de que nos falam Marx e Engels em A ideologia alemã – ‘ao produzir o mundo, o homem produz a si próprio’” (FRANCISCO, 2001, p. 65).

Contudo, o sistema capitalista de produção não tem o menor interesse em considerar as particularidades dos indivíduos trabalhadores, tampouco seus objetivos, desejos e sonhos, o que torna a atividade de trabalho ainda mais empobrecida e estranhada ao trabalhador, por não possibilitar a ele o reconhecimento e o sentido naquilo que faz.

O estranhamento é vivenciado com mais intensidade nos “estratos precarizados da força de trabalho”, uma vez que pelas condições dessas atividades esse estranhamento assume uma “forma ainda mais intensificada e mesmo brutalizada, pautada pela perda (quase) completa da dimensão de humanidade”, por serem “diretamente mais desumanizadores e bárbaros em suas formas de vigência”, impedindo ainda mais esses trabalhadores de vivenciarem uma vida com sentido em todas as suas esferas (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 348).

Tal situação pôde ser claramente visualizada no trabalho executado pelas pespontadeiras que realizam suas atividades foras dos ambientes fabris. Suas vidas acabam por se resumirem somente à atividade laboral, uma vez que ao instalarem seus postos de trabalho dentro de seus domicílios, na garagem de suas casas, nas salas, ou mesmo em espaços inimagináveis como na cozinha e nos seus quartos, essas trabalhadoras têm suas vidas trancafiadas pela animosidade do capital.

O controle opressivo do capital acaba por intensificar as manifestações de estranhamento, atingindo além do tempo de trabalho, a esfera da vida fora do trabalho. O estranhamento resulta então, na perda da própria unidade do trabalhador, o que possui um significativo potencial prejudicial à sua saúde psíquica e social, pelo esvaziamento de atividades significativas no seu cotidiano, tanto no tempo de trabalho, como no tempo de não-trabalho.

A vida cotidiana, vista como linha de referência que orienta o ser humano, refere-se a todas as atividades que compõem o dia-a-dia dos indivíduos, permitindo “a recriação permanente da vida social (...). Ou seja, a vida cotidiana é a verdadeira essência da substância social”, por ser formada e produzida a partir da rede de trocas e relações humanas estabelecidas durante as atividades que fazem parte da vida dos indivíduos (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 49).

Durante parte do dia, a força precisa repousar, dormir, durante outra parte a pessoa tem outras necessidades físicas a satisfazer, alimentar-se, limpar-se, vestir-se etc. (...) O trabalhador precisa de tempo para satisfazer as necessidades espirituais e sociais (...) (MARX, 1996a, p. 346).

Entretanto, as características da organização capitalista implicam outro rumo à vida humana, onde esta não encontra possibilidades para ser vivida de acordo com suas necessidades e desejos. Pelo contrário, o interesse do capital é consumi-la.

Entende-se por si, desde logo, que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho e que, por isso, todo seu tempo disponível é por natureza e por direito tempo de trabalho, portanto, pertencente à autovalorização do capital. Tempo para educação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o preenchimento de funções sociais, para o convívio social, para o jogo livre das forças vitais físicas e espirituais, mesmo o tempo livre de domingo - e mesmo no país do sábado santificado - pura futilidade! (...) em seu impulso por mais-trabalho, o capital atropela não apenas os limites máximos morais, mas também os puramente físicos da jornada de trabalho. Usurpa o tempo para o crescimento, o desenvolvimento e a manutenção sadia do corpo. Rouba o tempo necessário para o consumo de ar puro e luz solar. Escamoteia tempo destinado às refeições para incorporá-lo onde possível ao próprio processo de produção, suprimindo o trabalhador, enquanto mero meio de produção, de alimentos, como a caldeira, de carvão, e a maquinaria, de graxa ou óleo. Reduz o sono saudável para a concentração, renovação e restauração da força vital a tantas horas de torpor quanto a reanimação de um organismo absolutamente esgotado torna indispensáveis (MARX, 1996a, pp. 378-379).

Desta forma, conforme relatou Martins (2001, p.22), o trabalho acaba por evidenciar gritantes paradoxos na vida da humanidade, ou seja,

Ele estrutura o tempo, enquanto o consome cada vez mais intensamente. Provê a rede central de relações, da mesma forma que retira o indivíduo do convívio de seus familiares e de outros círculos sociais. Dá significado e um papel a desempenhar, enquanto reduz a dignidade humana a sua utilidade nas engrenagens econômicas. É um direito disputado por muitos, ao mesmo tempo que um dever indesejado por outros tantos.

É neste contexto que as histórias das vidas cotidianas das pespontadeiras da indústria de calçados de Franca revelaram uma condição humana esvaziada de significado e sentido, permeada por angústias e tristezas frente às condições que são submetidas em seus trabalhos.

O tempo de trabalho das mulheres entrevistadas acaba por obscurecer os seus tempos de vida, impossibilitando-as de realizarem outras atividades ligadas ao auto-cuidado, ao lazer, à manutenção da vida, e assim, satisfazerem as necessidades de todas as esferas que compõem, nas palavras de Castro; Lima e Brunello (2001, p. 48) “a consistência vital, o cotidiano de qualquer pessoa”.

(...) você deixa de ter seu lazer em casa, você perde muito tempo longe da família porque praticamente você chega em casa à tarde e você já está cansada, aí você dorme e depois levanta. Então a gente mais mora no emprego do que em casa (SANDRA).

É raríssimo eu fazer alguma coisa que não seja trabalhar (ELISA).

Você sabe que tem hora assim que eu deixo de pensar, de fazer as coisas de tanta correria, só penso no serviço. Outro dia minha filha falou para eu desligar. Se eu ficar em casa e tiver serviço eu acabo trabalhando no sábado, no domingo. Se eu não sair, eu trabalho. Às vezes não tem nada para fazer e ao invés de descansar, ler um livro, sair para passear, eu vou e trabalho, sabe. Você vicia. Aí junta a necessidade com o serviço, você fica viciada, igual uma droga. Só pensa em trabalhar e você esquece as outras coisas da vida (BIANCA).

Eu de mim, eu acho que eu não desejo mais é nada porque nesse ponto eu desanimei. Bom, eu estou precisando é acordar mesmo, acordar e correr atrás dos meus sonhos. Parar de pensar só no trabalho (MAÍSA).

(...) eu quero ter um carrinho para eu andar, passear e fazer as coisas quando eu aposentar, eu ainda sonho assim, porque agora não dá para fazer isso não (HELENICE).

Eu acho que há muito tempo eu estou esquecida, mas esquecida porque eu deixei, sabe. Porque minha vida é assim, do trabalho para casa, da casa para o serviço. Então eu acho que para muitos, eu não existo na sociedade (VALENTINA).

Além das dores que eu já te falei eu fico muito estressada. Tem dia que eu chego aqui de tarde que eu não quero nem conversar porque eu fico muito nervosa. Chega final de semana eu estou muito cansada e eu não tenho vontade de fazer mais nada. Aí eu nem saio de casa, não faço minhas coisas, não faço nada de tão cansada (MEIRE).

Diante das condições de trabalho no pesponto, a inexistência de tempo livre para a realização de outras atividades no cotidiano das pespontadeiras torna-se uma realidade frequente na vida dessas mulheres, sendo tempo livre, aqui compreendido de extrema importância para existência de qualquer ser humano, uma vez que refere-se

aquela parte da vida das pessoas durante a qual se dá a construção da liberdade individual e coletiva. Tempo livre é o tempo que constrói a liberdade, é o tempo que emancipa o indivíduo, que cria possibilidades para a coletividade crescer, desenvolver-se humanamente (DAL ROSSO, 1996, p. 414).

O autor ainda completou dizendo que

o verdadeiro lazer precisa ser buscado a qualquer custo na paz de espírito, na reflexão. Sentar debaixo de uma árvore, sem qualquer preocupação com o mundo nem com o futuro, meditar e cultivar o espírito é o ideal de lazer, concebido como plena liberdade pessoal e realização interior. O problema é que a sociedade não oferecerá esta oportunidade a muitos (DAL ROSSO, 1996, p. 401).

Na vida das pespontadeiras entrevistadas, o tempo de não-trabalho e o tempo de lazer dessas trabalhadoras podem ser aqui compreendidos como um período necessário ao descanso para que possam estar em condições de voltar ao trabalho no dia seguinte e realizar, como máquinas, o repetitivo trabalho de pespontar, por longas e longas horas.

Essa realidade mostrou-se ainda mais agravante às mulheres que executam a atividade laboral em seus domicílios, uma vez que se não bastasse a falta de realização de atividades significativas, o pouco tempo de descanso é também utilizado para a realização do trabalho, ou seja, seu tempo de descanso é poluído pelo trabalho subcontratado, terceirizado, precarizado.

O depoimento abaixo de uma das pespontadeiras entrevistadas ilustra essa questão, sendo importante esclarecer que em poucas palavras, ela jamais conseguiria aproximar da imensidão do sofrimento por ela (assim como pelas demais) sentido.

Olha, as pessoas para trabalhar em casa tem que pensar muito. Tem que ver se não tem outros meios, se não tem outra coisa para fazer, se não tem outro jeito, porque é difícil, é muito difícil, é cansativo e você tem que ter uma estrutura muito grande para poder trabalhar em casa, estrutura mental, psicológica, física, porque se você não tiver garra, não tiver força, você não consegue. Aqui eu só vivo para trabalhar, você não faz mais nada além de trabalhar. Então tem que pensar muito (ESTELA).

A insatisfação no trabalho, o sentimento de desvalorização, a falta de perspectiva de vida, culminam na intensificação da inexistência de momentos prazerosos, momentos de auto-cuidado, de trocas sociais, momentos de lazer. Como afirmou Antunes (1999, p. 175), “não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com tempo (verdadeiramente) livre. Uma vida

desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho.”

Os depoimentos das trabalhadoras revelam a impossibilidade da realização de atividades que sejam significativas para elas. As condições de trabalho impostas pelo capitalismo, vivenciadas pelas pespontadeiras através das precárias condições de seus trabalhos como as longas jornadas, a intensificação do trabalho, a realização destes em ambientes insalubres acabam por destruir o indivíduo em todos os seus aspectos, físicos, psíquicos, sociais, espirituais, acarretando sofrimentos desumanos às suas vidas.

O contato com relatos da vida cotidiana das trabalhadoras permitem-nos compreender a realidade da condição humana de trabalho que estão submetidas as pespontadeiras das indústrias de calçados de Franca, identificando uma estruturação do tempo de trabalho condicionante das outras esferas da vida dessas mulheres, a qual pode desencadear importantes danos às suas saúde psíquica e social, uma vez que utilizando as palavras de Dal Rosso (1996, p. 24), “viver passou a ter o significado de trabalhar”.

Para finalizar, é importante ressaltar que a busca por melhores condições de trabalho, deve ser a busca por uma nova vida dotada de sentido, que deve ser alcançada pela reconstrução de

um novo modo de produção fundado na atividade autodeterminada, baseado no tempo disponível (para produzir valores de uso socialmente necessários), na realização do trabalho socialmente necessário e contra a produção heterodeterminada (baseada no tempo excedente para a produção exclusiva de valores de troca para o mercado e para a reprodução do capital) (ANTUNES, 1999, p. 179).

É importante lembrarmos que “se o trabalho pode gerar o pior, como hoje, no mundo humano, ele pode, também, gerar o melhor. Isto depende de nós e de nossa capacidade de pensar as relações entre subjetividade, trabalho e ação (...)” (DEJOURS, 2004, p. 34).

Para tanto, é necessário vencermos a dominação imposta pelo modo de produção capitalista, para que possamos buscar uma vida com sentido dentro e fora do trabalho, em todos os espaços de nossos cotidianos.

Lutemos por isso!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo investigar a atividade laboral de mulheres empregadas na indústria calçadista de Franca (SP) que realizam tarefas de pesponto em unidades produtivas de diferentes portes e relacionar as condições laborais aos problemas de saúde por elas relatados.

Na sociedade capitalista, a força de trabalho refere-se à única propriedade daquele que trabalha, sendo a saúde, indispensável qualidade dessa força, para que o capital possa atingir a produtividade necessária através da exploração dos seres humanos.

Assim, para compreendermos como esse processo se dá no trabalho das pespontadeiras das indústrias calçadistas francanas, foi preciso compreender as transformações ocorridas no mundo capitalista desde a Revolução Industrial ao processo de reestruturação produtiva vivenciado atualmente, baseado na flexibilização das relações de trabalho para a acumulação do capital.

Com a processualidade da reestruturação produtiva, criou-se uma grande massa de trabalhadores multifuncionais e polivalentes, que diante das profundas mudanças na estrutura do mercado de trabalho resultantes desse processo, foram submetidos às estratégias, controle e organização do trabalho que repercutiram, e continuam repercutindo, efetivamente para a precarização das condições de trabalho, submetendo os trabalhadores a rotinas desumanas em suas atividades laborais.

Além disso, observou-se diante desse processo um crescente movimento de descentralização da produção, denominado terceirização, com o objetivo de reduzir os custos mediante a exploração das relações de trabalho, caracterizadas pela subcontratação da mão-de-obra, pelos contratos precários e temporários de trabalho, pelo trabalho em domicílio, dentre outras formas que se expandem mundialmente.

No desenrolar dessas mudanças, verificou-se um aumento significativo do trabalho feminino, o qual foi absorvido principalmente no universo de trabalho precarizado e informal, sendo que dentre as diversas consequências da divisão sexual do trabalho pelo capital, verifica-se a intensificação no processo de adoecimento que atinge, sobremaneira, a classe de trabalho feminina, devido às características dos trabalhos a ela destinados.

No setor coureiro-calçadista, especialmente nas indústrias de calçados de Franca é possível verificar claramente os resultados decorrentes dessas mudanças, uma vez que com a reestruturação produtiva, essas indústrias passaram a adotar estratégias objetivando manterem-se nos mercados nacionais e internacionais.

Aos trabalhadores restaram poucas saídas. Devido a eliminação de postos de trabalho dentro das indústrias, os trabalhadores passaram a realizar suas tarefas fora destas, fazendo bicos, exercendo seus ofícios sem vínculos empregatícios e realizando o trabalho em locais improvisados e inadequados.

O pesponto, atividade realizada majoritariamente por mulheres, caracterizou-se por ser uma das etapas da produção de calçados mais atingidas pelas transformações ocorridas, passando a ser realizada, em grande medida, fora dos espaços fabris, ou seja, em bancas ou nos próprios domicílios das trabalhadoras.

Tal situação acabou por acentuar a precarização das condições de trabalho daquelas que continuaram realizando sua tarefa dentro das fábricas como daquelas que passaram a exercer suas atividades laborais fora dos ambientes fabris. Dentro da fábrica, esta atividade caracteriza-se por ser realizada em esteiras ou grupos de produção, o que configura a divisão do trabalho que possibilita ao capital, o controle do trabalhador e de seu processo de trabalho conferindo ao corpo, limites desumanos de trabalho frente ao ritmo com que o calçado é confeccionado. Fora das fábricas, observa-se um agravamento das condições de trabalho das pespontadeiras diante dos locais e do posto de trabalho onde a atividade do pesponto é realizada, além da impossibilidade de fiscalização desses ambientes que acaba por resultar na subtração dos direitos sociais e trabalhistas das pespontadeiras.

A maneira como o trabalho do pesponto nas indústrias de calçados de Franca é organizado traz implicações importantes para as condições de saúde das trabalhadoras; seus limites físicos e psíquicos são testados a todo instante através das relações estabelecidas com seus trabalhos.

Os depoimentos das pespontadeiras revelaram um sofrimento desumano diante das atividades realizadas por elas, destacando-se a jornada de trabalho realizada por apresentar grande potencial prejudicial à sua saúde. A extensão das jornadas de trabalho esteve presente nos depoimentos de todas as pespontadeiras, desde as que realizam seus trabalhos nos diferentes portes das indústrias até

aquelas que os fazem em seus domicílios, sendo que neste caso, esta situação mostrou-se ainda mais agravante pelas condições impostas a elas.

Além do cansaço resultante dos longos tempos de trabalho, a saúde das pespontadeiras é prejudicada pelo ritmo com que o trabalho é realizado, bem como pelas condições dos ambientes em que esta atividade é executada, o qual se caracteriza pela presença de muitos riscos significativos para o adoecimento no trabalho. Essa situação também mostrou-se mais precarizada quando nos referimos ao trabalho realizado pelas pespontadeiras informais, uma vez que estas são exclusivamente responsabilizadas por sua saúde.

Todo esse cenário acaba por resultar em grandes prejuízos à saúde física e psíquica das trabalhadoras. Os depoimentos das pespontadeiras trouxeram à luz elementos significativos que elucidaram o sofrimento resultante das más condições de seus trabalhos. Expressões como dores nos dedos, nas mãos, nos braços, nos ombros, nos joelhos, nas pernas, nos pés, nas costas, déficits visuais, dores nos olhos, varizes, lesões por esforços repetitivos, déficits auditivos, estiveram presentes em muitos depoimentos.

O efeito nefasto de seus trabalhos não se limita ao sofrimento físico, coexistindo com sofrimentos de ordem psíquica como estresse, ansiedade, tristeza, irritação, insegurança e sentimentos de insatisfação e de desvalorização no trabalho. Tais sentimentos, somado às demais consequências de seus trabalhos esvaziam o sentido da vida em todas as esferas do cotidiano, possibilitando-nos compreender o preço pago por essas trabalhadoras em busca de sobrevivência.

Diante disso, é possível dizer que o processo de reestruturação produtiva em curso, responsável por significativas mudanças na organização e gestão do trabalho, tem gerado graves repercussões na saúde das trabalhadoras do pesponto das indústrias de calçados de Franca, as quais podem provocar danos irreversíveis à integridade física e psíquica dessas mulheres. Tais situações parecem ser ainda mais agravantes quando o trabalho é realizado fora do espaço fabril, onde estas passam a coexistirem com outros problemas invisíveis do ponto de vista epidemiológico, mas nefasto na vida e na saúde daquelas mulheres que vivem nesta situação.

Os sofrimentos relatados pelas pespontadeiras evidenciaram claramente essas consequências; contudo, não nos revelou a real intensidade com que tais

sofrimentos destroem suas vidas, uma vez que somente elas sentem verdadeiramente o fardo desumano de seus trabalhos.

Mesmo assim, através desse estudo foi possível compreender as mutações que vêm ocorrendo no universo do trabalho na contemporaneidade e suas consequências na vida e na saúde das trabalhadoras. Portanto, longe de se tratar de casos isolados, o estudo possibilitou a compreensão de uma problemática vivenciada por muitos, pois os depoimentos das trabalhadoras apesar de traduzirem experiências individuais, remetem a experiência coletiva vivenciada por grande parte das trabalhadoras no mundo capitalista.

Na campo pessoal, a realização deste trabalho possibilitou o entendimento da influência direta exercida pelo modo de produção capitalista em todas as esferas da vida dos trabalhadores, contribuindo sobremaneira para minha formação profissional, uma vez que compreender com tamanha proximidade as formas de adoecimento decorrentes do trabalho, proporcionou-me processos de reflexões importantes para a minha transformação pessoal e minha ação profissional.

Para finalizar, sabemos da urgente necessidade de estruturarmos uma sociedade de novo tipo, contra a lógica destrutiva do capital para que seres humanos possam viver como tais, ou seja, diante de tamanha precariedade vivenciada no mundo contemporâneo devemos pensar e agir na busca de uma sociedade em que o sistema de metabolismo social não seja, como temos vivenciado, voltado para a destruição da humanidade, mas sim para uma vida humana dotada de sentido.

Para tanto, pesquisas sobre o mundo do trabalho, sua precariedade e suas relações desumanas são de grande importância para denunciar e conscientizar a sociedade da situação vivenciada, fortalecendo as forças sociais capazes de lutar por condições mais humanas de vida e de trabalho. Além disso, estudos com base na escuta dos trabalhadores são de extrema importância por conseguirem identificar e revelar fielmente, através de depoimentos, os reais problemas vivenciados por estes.

Vale ressaltar que se o trabalhador é capaz de concretizar através de sua fala a experiência vivenciada, ele também é capaz de buscar um sentido dentro e fora do trabalho e assim, contribuir na evolução da organização do trabalho, na busca pela construção de um mundo mais justo em que a vida humana sobreponha ao capital.

Eis um caminho a ser percorrido por todos nós!

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (ABDI). **Relatório de acompanhamento setorial: couro e calçados**, v. I, mar, 2008, 24 p.

ALMEIDA, M. L. A. **Doença, Trabalho e Cotidiano**: representações sociais dos trabalhadores internados na clínica cirúrgica do hospital escola de Uberaba. 2000. 173p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Unesp, Franca, 2000.

ALVES, E. A.; BRAGA FILHO, H. Reestruturação produtiva na indústria calçadista francana: expressões da precarização do ambiente fabril. In: **XII SIMPEP**. Bauru, nov, 2005. Disponível em: <http://www.unifran.br/neic/admin/arquivos/SIMPEP_2005.pdf>. Acesso em 07 out 2008.

ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**: ensaios de sociologia do trabalho. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2ª edição, 2007. 288p.

AMMANN, S. B. Mulher: trabalha mais, ganha menos, tem fatias irrisórias de poder. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo: Cortez, n. 55, p. 84-104, nov., 1997.

ANDERSON, P. **Barreiras não-tarifárias às exportações brasileiras no Mercosul**: o caso de calçados. Rio de Janeiro: Ipea, maio, 2001, 21p.

ANDRADE, J. E. P. de; CORRÊA, A. R. **Panorama da Indústria Mundial de Calçados, com ênfase na América Latina**, 2001. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/set1303.pdf>>. Acesso em 06 jun 2008

ANTUNES, R. A era da informatização e a época da informalização. In: ANTUNES, R. (Org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006a, p. 15-25.

_____. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006b. 200p.

_____. A luta pela redução da jornada de trabalho. **CTB** – Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, 2008. Disponível em: <http://portalctb.org.br/site/index.php?option=com_content&Itemid=17&task=view&id=2213>. Acesso em 20 jan 2009.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

ANTUNES, R; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, 2004.

ARAÚJO, A. M. C.; AMORIM, E. R. A.; FERREIRA, V. C. Os Sentidos do Trabalho da Mulher no contexto da Reestruturação Produtiva. In: **VIII Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, Coimbra, Portugal, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel29/AngelaAraujo_ElaineAmorim_VeronicaFerreira.pdf>. Acesso em 19 dez 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (ABICALÇADOS). **Crise mundial coloca setor em alerta**, 2008a. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/nacional/index.php?id=1001&pagina=noticia>>. Acesso em 05 jan 2009.

_____. **Pesquisa**: Pólos Produtores, 2006. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/polos-produtores.html&est=3>>. Acesso em: 13 out 2007.

_____. **Resenha Estatística**, 2008b. Disponível em: <http://www.abicalcados.com.br/documentos/resenha_estatistica/Resenha%20Estatistica%202008.pdf>. Acesso em 08 mar 2009.

ASSUNÇÃO, A. V. et al. Abordar o trabalho para compreender e transformar as condições de adoecimento na categoria dos teleatendentes no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 31, n. 114, 2006, p. 47-62.

BANCO CENTRAL DO BRASIL/MINISTÉRIO DA FAZENDA. **Arrendamento mercantil (leasing)**. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pre/bc_atende/port/leasing.asp#1>. Acesso em 10 dez 2009.

BARBOSA, A. de S. **Empresário fabril e desenvolvimento econômico**: Empreendedores, Ideologia e Capital na Indústria de Calçado (Franca, 1920 - 1900). 2004. 285p. Tese (Doutorado em Sociologia), Unesp, Araraquara, 2004.

_____. **Política e Modernização no Interior Paulista (Franca: 1945-1964)**. Franca-Unesp, 1998. 203p. Dissertação (Mestrado em História), Unesp, Franca, 1998.

BARBOZA, M. C. N. et al. Doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho (DORT) e sua associação com a enfermagem ocupacional. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre (RS), v. 29, n. 4, 2008, p. 633-638.

BARRETO, M. M. S. **Uma jornada de humilhações**. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2000.

BIERNACKI, P; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of Chain referral sampling. **Sociological methods and Research**, v. 10, 1981, p. 141-163.

BORSOI, I. C. F.; RIGOTTO, R. M.; MACIEL, R. H. Da excelência ao lixo: humilhação, assédio moral e sofrimento de trabalhadores em fábricas de calçados no Ceará. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, 2009, p. 173-187.

BOYER, Robert. **A Teoria da Regulação**: uma análise crítica. São Paulo: Nobel, 1990.

BRAGA FILHO, H. **Globalização em Franca**: reorganização industrial e a economia informal. 2000. 267p. Dissertação (Mestrado em Administração), Facef, Franca, 2000.

_____. O Setor Informal: as Bancas de Pesponto. In: CANÔAS, J. W. (Org.). **A Reestruturação Produtiva em Franca**: os Sindicatos em Movimento. Unesp, Franca, 2002, 166p.

BRASIL. **Boletim mulher e trabalho**. Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, 2009. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/topic/gender/doc/crisemulheres_10.pdf>. Acesso em 18 fev 2010.

_____. Instituto Nacional de Seguridade Social. Ordem de Serviço/INSS n/606/1998, de 5 de agosto de 1998, que aprova a Norma Técnica sobre Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, de 19 de agosto de 1999.

_____. Normas Regulamentadoras. **NR 6**: Equipamento de Proteção Individual (EPI). Portaria SIT n.º 25, de 15 de outubro de 2001. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/legislacao/normas_regulamentaDORAS/nr_06.pdf>. Acesso em 08 maio 2009.

BRASIL. **Perda auditiva induzida por ruído (Pair)**. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2006, 40 p.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 379p.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007, p. 537-572.

CABRAL, F.; DIAZ, M. Relações de gênero. In: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Fdebrecht. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação**: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona, 1998. p. 142-150.

CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS (CAGED) / MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (TEM). **Dados Estatísticos**. Disponível em: <www.caged.gov.br>. Acesso em 05 jan 2009.

CALÇADOS JAGUAR (**Filme**). Rossi Filmes, Franca, 1924, 10 min, preto e branco.

CAMPOS, A. A. M. **Cipa**: Comissão Interna de Prevenção de Acidentes: uma nova abordagem. 12 ed.Atual. São Paulo: Senac, 2008. 342 p.

CAMUS, A. **Frases do pensador**. Disponível em: <http://www.pensador.info/autor/Albert_Camus>. Acesso em 10 maio 2008.

CANÔAS, J. W. **A Reestruturação Produtiva em Franca**: os sindicatos em movimento. Franca: UNESP: FHDSS, 2002, 166p.

CARLOTO, C. M. Adoecimento no trabalho, as mulheres na categoria de asseio e limpeza. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 6, n. 1, 2003.

CASTELHANO, L. M. O medo do desemprego e a(s) nova(s) organizações de trabalho. **Revista Psicologia e Sociedade**, v. 17, n. 1, jan./abril., 2005, p.17-28.

CASTRO, E. D. de; LIMA, E. M. F. de A.; BRUNELLO, M. I. B (Orgs.). Atividades humanas e Terapia Ocupacional. In: De Carlos, M. M. R. do P.; BARTALOTTI, C. C. **Terapia Ocupacional no Brasil**. São Paulo: Plexus, 2001, p. 41-59.

CHIACHIRI FILHO, J. Subsídios históricos do município de Franca. In: **Franca: caminho aberto para o desenvolvimento**. Franca, Prefeitura Municipal de Franca, [s.d].

_____. **Do sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto - SP: Ribeira Gráfica e Editora Ltda, 1986.

CHIACHIRI, J. **Vila Franca do Imperador**: subsídios para a história de uma cidade. Franca (SP): Editora "O Aviso de Franca", 1967, 185p.

CHILLIDA, M. S. P.; COCCO, M. I. M. Saúde do trabalhador e terceirização: perfil de trabalhadores de serviço de limpeza hospitalar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 271-276, 2004.

CHINALI, I. G. **De volta ao lar?** Trabalho feminino e globalização. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 1997.

COLLIER JUNIOR, J. **Antropologia visual**: a fotografia como método de pesquisa. São Paulo, EPU/ Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

CORRÊA, A. R. **O complexo coureiro calçadista brasileiro**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 14, 65-92, set. 2001.

COSTA, A. B. da. **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil**: impactos das zonas de livre comércio / Cadeia: Couro-Calçados. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, Dezembro de 2002, 74p.

COSTA, B. M. **Os impactos do progresso técnico sobre o emprego, a qualificação e as relações de trabalho**: um estudo de caso na indústria de calçados do Rio Grande do Sul. 1995. 186p. Dissertação (Mestrado em Sociologia), IFCH-UFRGS, Rio Grande do Sul, 1995.

COUTO, L. C. B. do. **José Carlos Brigagão do Couto**. Entrevista 01/04/2009. Entrevistadora: Taísa Junqueira Prazeres. Franca, 2009, gravação digital.

CUNHA, G.; FUENTES, F. Mulheres, Trabalho e Globalização: gênero como determinante nos padrões globais de desigualdade. **Ártemis**, 2006. Disponível em: <http://www.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero4/artigos/artigo_09.pdf>. Acesso em 18 jan 2010.

DAL ROSSO, S. **A jornada de trabalho na sociedade: o castigo de Prometeu**. São Paulo: LTr, 1996.

_____. Jornada de trabalho: duração e intensidade. **Ciência e Cultura (SBPC)**, ano 58, p. 31-34, 2006.

_____. **O debate sobre a redução da jornada de trabalho**. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Trabalho – ABET, 1998, 108p. (Coleção ABET – Mercado de Trabalho, v. 5).

DECCA, E. S. de. **O Nascimento das Fábricas**. São Paulo: Brasiliense, 1996. 79p.

DEDECCA, C. S. Tempo, Trabalho e Gênero. In: COSTA, A. A. et al. (Orgs.). **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**. São Paulo: CUT BRASIL, 2004, v. 1, p. 21-52.

DEJOURS, C. **A Banalização da Injustiça Social**. Rio de Janeiro: FGV, 3ª ed, 2000.

_____. **A Loucura do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 5ª ed, 1992.

_____. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, set/dez, 2004, p. 27-34.

_____. Trabalho e saúde mental: da pesquisa à ação. In: BETIOL, M. I. S. (Coord.). **Psicodinâmica do trabalho** - Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas. 1994, pp. 45-65.

DELGADO, M. B. G. Terceirização e trabalho feminino. In: MARTINS, H. de S.; RAMALHO, J. R. (Orgs). **Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho**. São Paulo: HUCITEC-CEDII/NETS, 1994, p. 112-122.

DIAS, R. **Sociologia das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2008, 273p.

DIEESE. **A jornada de trabalho no Brasil**. São Paulo: DIEESE, 2006.

_____. **As razões para a jornada de trabalho ser de 40 horas: nota técnica**. São Paulo, DIEESE, n. 85, 2009.

DIEESE. O processo de terceirização no Brasil. In: DIEESE. **Os Trabalhadores e o Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade**. Seminários & Eventos: São Paulo, set., 1994, p. 34-35

_____. **Reduzir a jornada de trabalho é gerar empregos de qualidade**: nota técnica. São Paulo, DIEESE, n. 57, 2007.

DRUCK, M. da G. **Terceirização**: (des)fordizando a fábrica - um estudo do complexo petroquímico. São Paulo: Boitempo, 1999, 271p.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 115, mar., 2002, p. 139-154.

DUL, J.; WEERDMEESTER, B. **Ergonomia prática**. São Paulo: Edgard Blucher, 1995.

FERREIRA, L. M. B. **Ruídos no Centro Cirúrgico**: ecos do ambiente na saúde do trabalhador de Enfermagem. 2003. 142p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

EGRY, E. Y. **Saúde Coletiva**: construindo um novo método em enfermagem. São Paulo: Ícone, 1996, 144p.

FACHINI, L. A. Uma contribuição da epidemiologia: o modelo da determinação social aplicado à saúde do trabalhador. In: ROCHA, L. E.; RIGOTTO, R. M.; BUSCHINELLI, J. T. P. **Isto é trabalho de gente?** Vida, Doença e Trabalho no Brasil. São Paulo: Vozes, 1993, p. 178-186.

FALEIROS, V. de P. Desafios do serviço social na era da globalização. **Revista Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 61, ano 20, nov., 1999, p. 152-186.

FARINELLI, M. R. **A relação entre trabalho e educação nas indústrias de calçados de Franca-SP**. 2003. 210p. Tese (Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp, Franca.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO CEARÁ (FIEC). **Indústria de calçados de Franca fechou 2005 com queda de produção**, 2006. Disponível em: <<http://www.sfiec.org.br/fiec-hoje/janeiro2006/16/noticia13.htm>>. Acesso em 04 jan. 2008.

FELIPPE, M. Democrata fecha unidades na região e demite 158 pessoas. **Jornal Comércio da Franca**: Região, 3 de Fevereiro de 2009.

_____. Franca tem a pior média salarial do Estado de SP. **Jornal Comércio da Franca**: Tema do Dia, 10 de Dezembro de 2008.

FERREIRA, M. **O espaço edificado e a indústria de calçados em Franca**. São Carlos, Departamento de Arquitetura da Escola de Engenharia de São Carlos – USP, 1989 (Dissertação de Mestrado).

FOLLIS, F. **Modernização urbana na Belle Époque Paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004, 147p.

FRANCISCHINI, A. S. N.; AZEVEDO, P. F. de. **Estratégias das Empresas do Setor Calçadista Diante do Novo Ambiente Competitivo**: Análise de Três Casos. Gestão e Produção (UFSCar), São Carlos, v. 10, n. 3, dez, 2003, p. 251-265.

FRANCISCO, B. R. **Terapia Ocupacional**. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001. 95p.

FRANCO, T.; DRUCK, G. Padrões de industrialização, riscos e meio ambiente. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 61-72, 1998.

FREITAS, T. B. de; BARBOSA, A. de S. Trabalhadores fabris e trabalhadores domiciliares: corpos modelizados a partir de um poder disciplinar. In: **Anais do III Congresso Internacional de Psicologia e IX Semana de Psicologia**, Maringá, 2007, 16p. Disponível em: <<http://www.unifran.br/neic/admin/arquivos/Talita.pdf>>. Acesso em 17 jan 2009.

FUNDAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (FIESP). **Resultados da Pesquisa de Nível de Emprego do Estado de São Paulo Indicadores regionais, setoriais e por sindicato patronal**, 2008. Disponível em: <http://www.ciesp.org.br/pdf/Emprego_12-2008.pdf>. Acesso em 05 jan 2009.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS (SEADE). **Informações dos Municípios Paulistas – IMP** 2008. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em: 10 nov 2008.

_____. Feminização da força de trabalho. **Mulheres em dados**, nº 11, jan/mar. 1998.

GARCIA, R.; MADEIRA, P. **Uma agenda de competitividade para a indústria paulista cadeia couro e calçados**. Nota técnica final. Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo – IPT. São Paulo, fev, 2008, 122p.

GAZETA DO SUL. **Rio Pardo 200 anos**: uma luz para a história do Rio Grande. Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, n 4, jan 2009, 16p.

GAZZOLA, T.; AZAMBUJA, M. L. F. A mulher e o processo produtivo. **Publicatio UEPG**: Ciências Humanas, v. 8, n. 1, p. 31-49, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/9/6>>. Acesso em: 20 jan 2009.

GOLDMAN, A. (Coor). **Competitividade da indústria paulista**: propostas de políticas. São Paulo: IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, 2008, 135p.

GOUNET, T. **Fordismo e Toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1999.

GRAMSCI, A. Americanismo e fordismo. In: Gramsci, A. **Obras escolhidas**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1978.

GUEDES, A. B. **A fadiga é má conselheira**, 2008. Disponível em: <<http://besttrabalho.blogspot.com/2008/05/fadiga-m-conselheira.html>>. Acesso em 15 jan 2010.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HELOANI, J. R.; CAPITÃO, C, G. Saúde Mental e Psicologia do Trabalho. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 17, n. 2, 2003, p. 102-108.

HELOANI, R.; LANCMAN, S. **Psicodinâmica do trabalho**: o método clínico de intervenção e investigação. Produção, v. 14, n. 3. São Paulo, set/dez, 2004.

HELOANI, R. **Organização do trabalho**: uma visão multidisciplinar. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero – Unicamp, n. 17 e 18, 2001/2002, p.139-156.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho**: um olhar voltado para empresa e a sociedade, São Paulo: Boitempo, 2002. 336p.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007, p. 595- 609.

INFOSEG. **O calor excessivo no ambiente de trabalho**. 10ª Edição, 2007, 4p. Disponível em: <http://www.gruporacco.com.br/infoseg/Infoseg_Edicao10_calor_excessivo_ambiente_trabalho.pdf>. Acesso em 08 maio 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Censo Demográfico 2000** - Resultados do universo. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31o/tabela13_1.shtm&paginaatual=1&uf=35&letra=F>. Acesso em: 10 nov 2008.

_____. **Pesquisa Mensal de Emprego**: Retro 2003-2009. 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/universo.php?tipo=31o/tabela13_1.shtm&paginaatual=1&uf=35&letra=F>. Acesso em: 17 fev 2010.

IVOMAQ. **Máquinas de Pesponto**. 2009. Disponível em: <<http://www.ivomaq.com.br/produtos.php>>. Acesso em 10 jan 2009.

JARDIM, A. C. G. **Antônio Carlos Gomes Jardim**. Entrevista [10/01/2010]. Entrevistadora: Taísa Junqueira Prazeres. Franca, 2010, gravação digital.

JORNAL COMÉRCIO DA FRANCA. Calçados Yukon encerra atividades em Franca. **Folha Região**, 3 de Fevereiro de 2009.

_____. Franca sem a Agabê. **Folha Objetiva**, 3 de Fevereiro de 2008.

LANCMAN, S. et al. Informar e refletir: uma experiência de terapia ocupacional na prevenção de riscos à saúde do trabalhador. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1-9, 2003.

LANCMAN, S. Psicodinâmica do Trabalho. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. (Orgs) **Terapia Ocupacional**: fundamentação e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 271-277.

LARA, R. O trabalho invisível em Franca-SP. In: CANÔAS, J. W. (Orgs). **Nas pegadas do sapateiro: 65 anos do STIC Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Calçados**. Franca: Unesp, 2007, p. 231-336.

LAURELL, A. S.; NORIEGA, M. **Processo de Produção e Saúde: Trabalho e Desgaste Operário**. São Paulo: Hucitec, 1989. 333p.

LIMA, M. E. Novas políticas de recursos humanos: seus impactos na subjetividade e nas relações de trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 34, 1994, p.115-124.

LIMA, R. de C. S. Trabalhador 2000: inteligente, criativo, emocionado, participativo... In: BORGES, L. H.; MOULIN, M. das G. B.; ARAÚJO, M. D. de. **Organização do Trabalho e Saúde: múltiplas relações**. Vitória: EDUFES, 2001, p. 55-65.

LOPES, G. T.; SPÍNDOLA, T.; MARTINS, R. E. I. O adoecer em enfermagem segundo seus profissionais. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1996, p. 9-18,

LOPES JÚNIOR, A. M.; SOUZA, C. S. As exportações do setor calçadista brasileiro: Rio Grande do Sul e principais estados produtores. **Centro de Pesquisa e extensão em Economia e Administração da Universidade Federal de Pelotas**, 2006. Disponível em: <<http://ich.ufpel.edu.br/economia/cepea/ensaios/texto-004-2006.pdf>>. Acesso em: 19 nov 2009.

LOURENÇO, E. Â. S.; BERTANI, I. F. A Fábrica em Casa: precarização do trabalho no setor calçadista e os reflexos para a saúde dos trabalhadores. In: **VI Seminário do Trabalho: trabalho, economia e educação no século XXI**, 2008. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/edvaniaangelasouzaeirisennerbertani.pdf>>. Acesso em 30 abril 2009.

LOURENÇO, E. Â. S. O Mundo do Trabalho Adoece. **Revista Eletrônica da RET - Rede de Estudos do Trabalho**, ano II, n. 3, 2008, p. 1-36. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/ArtigoEdvaniaAngela.pdf>>. Acesso em 30 abril de 2009.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARIN, A. L. **Sociología de lãs organizaciones**. Madrid: McGraw-Hill, 2002.

MARRONE, C. F. **“Só para não ficar desempregado”** – resignificando o sofrimento psíquico no trabalho: estudo com trabalhadores informais. 2001. 141p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

MARTINS, H. T. **Gestão de carreiras na era do conhecimento**: abordagem conceitual e resultados de pesquisas. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MARX, K. Introdução à crítica da economia política. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, p. 103-125, 1987.

_____. **O capital**: crítica da Economia Política, Livro 1, v. I, Tomo I, São Paulo, Nova Cultural. 1996a.

_____. **O capital**: crítica da Economia Política, Livro 1, v. I, Tomo II São Paulo, Nova Cultural. 1996b.

_____. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana (Manuscritos econômicos e filosóficos). In: FERNANDES, F. (Org.). **Marx/Engels: Grandes Cientistas - História**. São Paulo : Ática, 1989, p. 146-181.

MASUZAKI, T. I.; CARVALHAL, M. D. **Reestruturação produtiva e a precarização do trabalho nas indústrias alimentícias de Marechal Cândido Rondon**: agravos à saúde dos trabalhadores, 2009. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/D43.pdf>>. Acesso em 12 jan 2010.

MATTOS, U. A. de O.; FORTES, J. D. N. **Os riscos à saúde do trabalhador no setor urbanitário**: serviços de água/esgoto, eletricidade e gás. Cadernos de Saúde do Trabalhador. São Paulo: Instituto Nacional de Saúde no Trabalho, 2000. Disponível em: <http://normasregulamentadoras.files.wordpress.com/2008/06/trabalhador_urbano.pdf>. Acesso em 10 jan 2010.

MEDEIROS, M. H. R. et al. Conquistando novos campos de trabalho: a intervenção de Terapia Ocupacional em uma indústria de São Carlos. In: **VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional - Trajetórias e Perspectivas da Terapia Ocupacional**, Águas de Lindóia, *Anais*, 1999.

MENDES, A. M. **Classe Trabalhadora e Justiça do Trabalho**: experiências, atitudes e expressões do operário do calçado (Franca-SP, 1968-1988). 2005. Tese (Doutorado em Sociologia). Unesp, Araraquara, 2005.

MENDES, A. M.; TAMAYO, A. Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. **Revista Psico-USF**, v.6, n.1, jan./jun. 2001, p.39-46.

MENDONÇA, L. A. C. **Determinantes sociais do processo saúde-doença**. Curitiba: FCMR/SESA, 1988.

MERLO, A. R. C. et al. O trabalho entre prazer, sofrimento e adoecimento: a realidade dos portadores de lesões por esforços repetitivos. **Revista Psicologia e Sociedade**, v. 15, n. 1, jan./jun, 2003, p. 117-136.

MERLO, A. R. C.; LAPIS, N. L. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. **Revista Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 61-68, 2007.

MERLO, A. R. C. Trabalho, adoecimento e sofrimento. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, n. 87, maio 2007. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=24&id=265&tipo=1>>. Acesso em 25 nov 2009.

MÉSZÁROS, I. Desemprego e precarização: um grande desafio para a esquerda. In: ANTUNES, R. (Org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 27-44.

_____. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editora, 2002.

MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**, 7^a ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004. 269p.

MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S. M. F. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 21-32, 1997.

MODESTO, R.; BUFONI, F. Demissão de 150 funcionários da Mariner Calçados assombra Franca. **Jornal Comércio da Franca: Tema do Dia**, 19 de Novembro de 2008.

MORENO, C. R. de C.; FISCHER, F. M.; ROTENBERG, L. A saúde do trabalhador na sociedade 24 horas. **Revista São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 17, n. 1. Jan/mar, 2003.

MOURA, A. A classe e a não-classe em Marx. In: **III Simpósio Lutas Sociais na América Latina** - Trabalhadore(a)s em movimento: constituição de um novo proletariado?, 2008, Londrina. Anais do III Simpósio, 2008. Disponível em: <<http://www2.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirogepal/alessandro.pdf>>. Acesso em 10 fev 2009.

NAHAS, M. V. **Atividade física, Saúde e Qualidade de Vida: Conceitos e Sugestões para um Estilo de Vida Ativo**. Londrina: Midiograf, 2001.

NAVARRO, V. L. A indústria de calçados no turbilhão da reestruturação. In: ANTUNES, R. (Org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006a, p. 387-424.

_____. O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçados. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 71, n. 2, p. 32-41, 2003.

_____. O trabalho na produção de calçados no Brasil no contexto da reestruturação produtiva. In: BIALAKOWSKY, A. L. et al. **Trabajo y capitalismo entre siglos en latinoamérica**. Guadalajara, México: Universidad de Guadalajara, 2005, p. 261-279.

_____. Reestruturação produtiva e precarização do trabalho na indústria de calçados no Brasil. In: **II Conferência Internacional La obra de Carlos Marx y los desafíos del siglo XXI**, 2004, Havana. Ponencias recibidas para la II Conferencia Internacional La obra de Carlos Marx y los desafíos del siglo XXI. Disponível em: <http://www.nodo50.org/cubasigloXXI/congreso04/navarro_290204.pdf>. Acesso em 04 maio 2008.

_____. **Trabalho e trabalhadores do calçado: a indústria calçadista de Franca (SP) – das origens artesanais a reestruturação produtiva**. São Paulo: Expressão Popular, 2006b. 304p.

NEFFA, J. C. **Los paradigmas productivos taylorista y fordista y sus crisis: una contribución a su estudio desde La teoría de La regulación**. Buenos Aires: Lumen, 1998.

NELI, M. A. **Reestruturação produtiva e saúde do trabalhador**: um estudo com os trabalhadores de uma indústria avícola. 2006. 106p. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas), Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, FMRP/USP, Ribeirão Preto, 2006.

NOGUEIRA, C. M. **A Feminização no Mundo do Trabalho**. Campinas: Autores Associados, 2004. 112 p.

OLIVEIRA, C. R. de. **História do trabalho**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2006, 94p.

OLIVEIRA, E. M. de; BARRETO, M. Engendrando gênero na compreensão das lesões por esforços repetitivos. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 6, n. 1, 1997, p. 77-99.

O GRANDE DITADOR. (Filme). **O último discurso de Charles Chaplin**. Estados Unidos, 1940, 120 min, preto e branco.

POCHMANN, M. Desempregados do Brasil. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006, p. 59-73.

_____. Jornada ideal no século 21 é de 12h. **Diário Vermelho**: Informativo do PT, 26 de abril de 2008.

_____. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2001. 148p.

_____. **O trabalho sob fogo cruzado**: exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: Contexto, 1999.

PORTER, M. E. **Competição**. 2ª edição, Rio de Janeiro, Câmpus, 1998.

RAGO, L. M.; MOREIRA, E. F. P. **O que é Taylorismo**. São Paulo: Brasiliense, 1986, 105p.

REIS, C. N. dos. **A Indústria Brasileira de Calçados**: inserção internacional e dinâmica interna nos anos 80. 1994. Tese (Doutorado em Economia). Unicamp, Campinas, 1994.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS (RAIS/MTE). **Estatísticas**. Disponível em: <<http://anuariorais.caged.gov.br/index1.asp?pag=estabelecimento>>. Acesso em 16 maio 2009.

REPULLO R. Os sindicatos, a terceirização e a saúde dos trabalhadores. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 85/86, n. 23, p. 79-82, 1997.

REZENDE, V. D. de. **Anônimas da história: relações de trabalho e atuação política de sapateiras entre as décadas de 1950 e 1980** (Franca-SP). Franca, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de História, Direito e Serviço Social - UNESP, 2006 (Dissertação de Mestrado)

RIBEIRO, H. P. **A violência oculta do trabalho: as lesões por esforços repetitivos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999, 240p.

_____. **Lesões por esforços repetitivos (LER): uma doença emblemática**. Cadernos de Saúde Pública, v. 13, n. 2, 1997, p. 85-93.

RIBEIRO, M. da C. M. Franca: contribuição ao estudo dos centros urbanos brasileiros. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo, Departamento de Cultura, jun./jul., 1941.

RIBEIRO, P. A. **Paulo Afonso Ribeiro**. Entrevista [06/04/2009]. Entrevistadora: Taísa Junqueira Prazeres. Franca, 2009, gravação digital.

RINALDI, D. M. C. **A indústria curtumeira em Franca**. Franca: [s.n.], 1987, 104 f.

ROCHA, O. F. N. **EPI, por que?** Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. 2009. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/cipa/artigos/epi.htm>>. Acesso em 12 fev 2010.

ROTENBERG, L. Fórum: horários de trabalho e saúde. **Caderno de Saúde Pública**, v. 20, n. 6, Rio de Janeiro, nov./dez., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2004000600032&script=sci_arttext>. Acesso em 20 jan 2009.

RUAS, R. L. Difusão de Novos Paradigmas da Produção Industrial: Convergências e Especificidades em Dois Segmentos Industriais. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, n. 11, v. 1, p. 102-123, 1990.

SAFFIOTI, H. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. de O. BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-215.

_____. Violência de Gênero: O Lugar da Práxis na Construção da Subjetividade. **Lutas Sociais**, São Paulo: Xamã Editora, 1997.

SAINT-HILARIE, A. **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. São Paulo: Editora Nacional, 1938.

SAMELLO EM SUCESSÃO: um legado com muito carisma. [Entrevista com Wilson Sábio de Mello]. In: **Revista Lançamentos: Máquinas & Componentes**, Novo Hamburgo, Grupo Editorial Sinos, Jan/fev. 1990, n. 30, p. 42-53.

SAMPAIO, M. H. A. de. Crise afeta o setor calçadista no ano de 2005. **Revista Indicadores Econômicos FEE** - Fundação de Economia e Estatística. Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 26-29, julho, 2006.

SANTOS, T. S. dos. Divisão sexual do trabalho na indústria calçadista do Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul: visibilizando práticas e representações. **Mulher e Trabalho**. Porto Alegre, v. 6, p. 59-74, 2006.

SATO, L.; BERNARDO, M. H. Saúde mental e trabalho: os problemas que persistem. **Ciências e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 4, Rio de Janeiro, out./dez., 2005.

SATO, L. Subjetividade, Saúde Mental e LER. In: R C Ruiz; (Org.). **Um mundo sem LER é possível**. 1 ed. Montevideo: União Internacional dos Trabalhadores da Alimentação (UITA), 2003, v. 1, p. 62-77.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. São Paulo: Educação e Realidade, v. 16, n. 2, 1990.

SECRETARIA DE COMERCIO EXTERIOR (SECEX) - MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMERCIO EXTERIOR (MDIC). **Comércio Exterior**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/index.php?area=5>>. Acesso em 05 jan 2009.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO (SEPLAN). **Análise do Setor Calçadista**, 2001. Disponível em: <<http://www.seplan.ba.gov.br/Livro2/05cap01.pdf>>. Acesso em 06 jun 2008.

SEGNINI, L. Educação, trabalho e desenvolvimento: uma complexa relação. **Trabalho e Educação** (UFMG), Belo Horizonte, v. 06, 2000, p. 14-47.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Psicopatologia no trabalho: aspectos contemporâneos**, 2007. Disponível em: <http://www.prt18.mpt.gov.br/eventos/2006/saude_mental/anais/artigos/Edith_Seligmann_Silva.pdf>. Acesso em 20 fev 2010.

_____. **Saúde mental no trabalho contemporâneo**, 2009. Disponível em: <http://www.consultoriadesenvolverh.com.br/artigos/edith_seligman_silva.pdf>. Acesso em: 20 set 2009.

SENNA, D. M.; FREITAS, C. U. de. A mulher em particular. In: BUSCHINELLI, J. T. P.; ROCHA, L. E.; RIGOTTO, R. M. (orgs.) **Trabalho de gente?** Vida, doença e trabalho no Brasil. São Paulo: Vozes, 1993, 359-376.

SESI. SP. **Manual de segurança e saúde no trabalho para indústria calçadista**. São Paulo, 2002, 297p.

SILVA, J. A. da. **Das charqueadas ao pólo metalmeccânico**, 2007. Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/municipios/charqueadas/charqueadas_historia.htm>. Acesso em 06 março 2009.

SILVA, L. M. Mulher e Cultura. **Cadernos do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE FRANCA (SICF). **Resenha Estatística**, 2009. Disponível em <<http://www.sindifranca.org.br/downloads/Resenha%20Estat%C3%ADstica%20Mar%C3%A7o%202009B.pdf>>. Acesso em 12 abril 2009.

SIQUEIRA, M. J. T. Sobre o trabalho das mulheres: contribuições segundo uma analítica de gênero. **Psicologia (rPDT)**. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 11-30, 2002.

SOARES, J. F. de S. et al. Percepção dos trabalhadores avulsos sobre os riscos ocupacionais no porto do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, 2008, p. 1251-1259.

SORJ, B. Trabalho remunerado e trabalho não-remunerado. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. de (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA-LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TAYLOR, F. W. **Princípios da Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 1987, 105p.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOMAZINI, M. L. V. **A mulher na fábrica de sapatos: trabalho e gênero na indústria calçadista de Franca (SP)**. Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – Unesp, 2003 (Tese de Doutorado).

TOSI, P. G. **Capitais no Interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945)**. 1998. 276 f. Tese (Doutorado em Economia), Unicamp, Campinas, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987, 174p.

WOOD JR, T . Fordismo, Toyotismo e Volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 32, p. 6-18, 1992.

ZAT, F. M.; COELHO, A. E. L. . Representações sociais de saúde e doença no trabalho: a ginástica laboral e a ergonomia como medidas de prevenção e promoção. In: **III CONCOCE: Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte**, CUIABÁ/MT, 2008. Disponível em: <http://www.imve.org.br/concoce/trabalhos/seminarios/representacoes_sociais_de_saude_e_doenca_no_trabalho.pdf>. Acesso em: 10 mar 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista

Dados da entrevistada

Nome:

Idade:

Estado civil:

Quantos filhos:

Escolaridade (formação):

Questões

- Primeiramente, eu gostaria de saber com que idade você começou a trabalhar. Você poderia me contar um pouco a respeito de sua trajetória profissional até chegar no pesponto?
- Quanto tempo faz que você trabalha para (ou na) atual empresa?
- Há quanto tempo você exerce a função de pespontadeira?
- Você poderia me falar sobre seu trabalho? Você poderia detalhar/explicar mais?
- Você poderia me explicar como as tarefas no pesponto são divididas?
- Quem é o responsável pela avaliação da qualidade do produto que você realiza? Como é o seu contato com ele?
- Que tipo de sapato você costuma costurar? Você sempre costurou o mesmo tipo de sapato? Tem muita diferença de um modelo para o outro?
- E sobre seu ritmo de trabalho? Como você o caracteriza?
- Você consegue cumprir os prazos e produção definidos e exigidos pela empresa?
- Você poderia me falar sobre sua jornada de trabalho?
- Você poderia me falar sobre as condições ergonômicas de seu mobiliário? O que você acha disso?
- FÁBRICA: A empresa observa os aspectos de ergonomia (equipamento adequado), luminosidade e acústica (barulho) no ambiente de trabalho?
- DOMICÍLIO OU BANCA: Aqui na sua casa (ou banca) você observa os aspectos de ergonomia, luminosidade e acústica no ambiente de trabalho?
- E sobre as condições de funcionamento de seu maquinário? O que você me diz?

- Você já trabalhou com outro tipo de máquina de pesponto? O que você me diz sobre as máquinas mais antigas? E sobre as máquinas novas?
- O que você me diz do seu posto de trabalho?
- Você já trabalhou em pé?
- As máquinas de pesponto são compradas em Franca mesmo? Você sabe mais ou menos quanto custa uma máquina de pespontar? Como você adquiriu a sua?
- Como é feita a manutenção dos equipamentos utilizados por você?
- Existem extintores de incêndio de fácil acesso?
- As ferramentas e os equipamentos são guardados em local próprio?
- Você poderia me descrever os riscos que você acredita estar exposta?
- Os funcionários da empresa utilizam EPIs (Equipamentos de Proteção Individual)/EPCs (Equipamentos de Proteção Coletiva)? Se não, por quê? Se sim, quais? Como esses equipamentos chegam até você? A empresa orienta sobre o modo de usar e a importância do uso?
- Existe uma CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidente) instalada e em funcionamento na empresa?
- Existe sinalização de equipamentos e saída de emergência?
- A empresa oferece algum benefício? Quais?
- Você poderia me dizer a sua remuneração?
- Você é registrada?
- Você se sente satisfeita com seu trabalho? Você poderia comentar mais sobre isso?
- Você já pensou em mudar de trabalho? O que você pensa sobre isso?
- FÁBRICA: Você já pensou em trabalhar em casa? Por quê? Pode falar um pouco mais a sua opinião sobre isso?
- DOMICÍLIO ou BANCA: O que a levou trabalhar em casa ou a montar uma banca de pesponto? Por quê? Pode falar um pouco mais a sua opinião sobre isso? Aqui é legalizado? Pretende legalizar? Por quê? Vantagens e desvantagens?
- Você já trabalhou em uma fábrica grande, média, pequena, micro, banca ou domicílio. Você poderia me descrever as diferenças existentes?

- Quais as vantagens de trabalhar em casa ou na fábrica? Pode falar um pouco mais a sua opinião sobre isso?
- O que você me diz sobre a união dos trabalhadores do calçado para conseguir melhorias nos seus trabalhos? O trabalho na fábrica facilita isso? O trabalho em casa dificulta isso?
- Conte-me a respeito do seu relacionamento com a empresa.
- Você se sente respeitada dentro da empresa pelos colegas de trabalho? E pelos empresários?
- Você já se sentiu desprezada, ofendida, isolada no seu trabalho?
- Você recebe críticas durante o dia?
- Você já ouviu expressões depreciativas em seu trabalho?
- Você sente que faz diferença dentro da empresa?
- O que você me diz sobre as mudanças no mundo do trabalho ocorridas nos últimos tempos?
- Você acha que seu trabalho interfere na sua saúde? Se não, por quê? Se sim, você poderia comentar de que forma?
- Você poderia me dizer os efeitos do seu trabalho na sua saúde?
- Você já se acidentou ou se adoentou? Você conhece alguém que já passou por alguma situação dessas?
- Quando você sente alguma dor que possa ou não estar relacionada com o trabalho, você procura ajuda médica? Quando? Quem você procura primeiro? Já utilizou o ambulatório da empresa? Já fez outros tipos de tratamento (fisioterapia, terapia ocupacional)?
- Você já se afastou do trabalho? Por quê? Afastou pela empresa ou pelo INSS? Como foi isso? E o retorno?
- Uma vez eu li que o trabalhador só deixa uma doença ocasionada pelo trabalho transparecer quando ela é insuportável. O que você me diz sobre isso? Você já escondeu alguma doença? Por quê?
- Você já sentiu, alguma vez, discriminação no seu trabalho, por ser mulher?
- O que você pensa sobre saúde? Qual a sua visão?
- O que você pensa sobre doença? Qual a sua visão?

- Voltando à questão do trabalho, o que você pensa sobre a relação saúde x trabalho x doença. Você poderia comentar mais?
- Você acredita que o seu trabalho interfere em sua vida pessoal? De que forma?
- Você poderia me falar sobre suas outras ocupações sem ser o seu trabalho?
- O sentir o trabalho pode se traduzir em prazer, dor ou indiferença, e isso depende muito do momento que vivenciamos. Como você pensa seu trabalho hoje?
- Na sua opinião, quanto nós, seres humanos, valemos nessa nossa sociedade?
- Para finalizar, conte-me a respeito de suas perspectivas de futuro.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar do estudo “*Atividade laboral e saúde: estudo com trabalhadoras da indústria de calçados de Franca (SP)*”. Os avanços na área da saúde ocorrem através de estudos como esse e, por isso, sua participação é importante. O objetivo desse estudo é investigar a atividade laboral de mulheres que trabalham na indústria calçadista de Franca (SP) realizando tarefas de pesponto do calçado, comparando as condições de trabalho e saúde das trabalhadoras empregadas em indústrias de grande, médio, pequeno e micro porte, uma vez que informações obtidas junto ao Sindicato da categoria indicam que tanto as doenças de fundo laboral, como os acidentes de trabalho, acometem grande número de trabalhadores. Neste contexto, torna-se necessário o entendimento das condições de saúde das mulheres trabalhadoras nesse indústria, uma vez que a força de trabalho feminina é absorvida pelo capital, principalmente, no universo de trabalho precarizado, sendo essa indústria, um grande exemplo dessa realidade. Desta forma, esse estudo vem preencher uma lacuna do conhecimento acerca das condições de saúde de mulheres trabalhadoras na indústria calçadista francana, objetivando contribuir, ainda que modestamente, para subsidiar a elaboração de políticas públicas na área da saúde e do trabalho que atendam esses e outros trabalhadores.

Caso você participe, será necessária a sua disponibilidade para responder as perguntas de um questionário. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer desconforto ou risco a sua integridade emocional ou física. Você poderá ter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. É também garantido o sigilo a respeito das informações prestadas: seu nome ou qualquer outra informação que permita sua identificação não serão revelados em qualquer momento do estudo ou em publicações posteriores.

Eu, _____, portadora de Carteira de Identidade RG nº _____/_____, compreendi a utilidade do estudo e qual procedimento a que serei submetida. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo e que sou livre para, a qualquer momento interromper, sem justificativas minha participação. Tenho ciência que não terei quaisquer despesas e que, por minha participação, não receberei qualquer quantia em dinheiro ou qualquer outra vantagem. Autorizo que as entrevistas sejam gravadas, para que não se deixe passar nada do que foi conversado e que pode ser importante para a pesquisa. Estou ciente que o presente estudo tem finalidade de pesquisa e que os dados obtidos virão a ser utilizados em publicações científicas, sem que as pessoas participantes sejam identificadas.

Declaro que concordo em participar desse estudo e que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Recebi uma das vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando a outra, sob domínio da pesquisadora responsável.

Franca, ____/____/____.

Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

Pesquisadora Responsável:
Taísa Junqueira Prazeres
Contato: (16) 9122-1314

Orientadora:
Vera Lúcia Navarro
Contato: (16) 3602- 3807

ANEXO

ANEXO A – Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FMRP/USP). Processo 12352/2008. Aprovado em 16/02/2009.

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA
DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

www.hcrp.fmrp.usp.br

Ribeirão Preto, 17 de fevereiro de 2009.

Ofício nº.473/2009.
CEP/ MGv

Prezadas Senhoras,

O trabalho intitulado **"ATIVIDADE LABORAL E SAÚDE: ESTUDO COM TRABALHADORAS DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA (SP)"** foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em sua 280ª Reunião Ordinária, realizada em 16/02/2009, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com o Processo HCRP nº. 12352/2008.

Este Comitê segue integralmente a Conferência Internacional de harmonização de Boas Práticas Clínica (ICH-GCP), bem como a Resolução CNS 196/96.

Lembramos que devem ser apresentados a este CEP, o Relatório Parcial e o Relatório Final da Pesquisa.

Atenciosamente.

DR.ª MARCIA GUTMARÃES VILLANOVA
Vice-Coordenadora do Comitê de Ética em
Pesquisa do HCRP e da FMRP-USP

Ilustríssimas Senhoras
TAÍSA JUNQUEIRA
PROF.ª DR.ª VERA LÚCIA NAVARRO
Departamento de Medicina Social